

**Fundação Casa de Rui Barbosa**  
Programa de Pós-Graduação em Memória e  
Acervos Mestrado Profissional em Memória e  
Acervos

Gabriel Andrade Magalhães do Vabo

**“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação  
dos negros na formação da sociedade friburguense**

Rio de Janeiro

2022

Gabriel Andrade Magalhães do Vabo

**“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos.

Área de Concentração: Linha de Pesquisa 2  
- Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joëlle Rouchou

Rio de Janeiro

2022

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

FCRB

V111n Vabo, Gabriel Andrade Magalhães do  
“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense. / Gabriel Andrade Magalhães do Vabo – Rio de Janeiro, 2022.  
121 p.: il., color

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joëlle Rouchou.

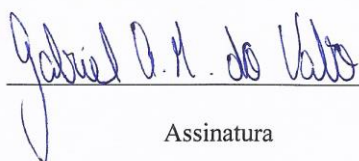
Dissertação (Mestrado em memória e acervos) – Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2022.

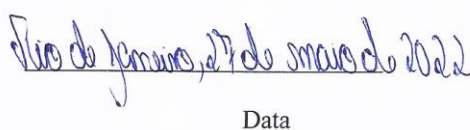
1. História Oral. 2. Negros. Identidade racial. Brasil. 3. Negros. História. Brasil. 4. Memória. Nova Friburgo – RJ. I. Rouchou, Joëlle. II. Título.

CDD: 305.896081

*Responsável pela catalogação:*  
*Bibliotecária – Raquel Cristina da Silva Tiellet Oliveira.*  
*CRB 6557*

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

  
Assinatura

  
Data

Gabriel Andrade Magalhães do Vabo

**“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção do grau de Mestre em Memória e Acervos.

Área de Concentração: Linha de Pesquisa 2  
- Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial.

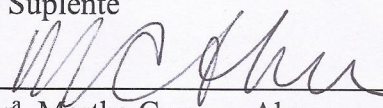
Aprovado em 28 de março de 2022.

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Joëlle Rouchou (Orientadora)  
FCRB

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lia Calabre  
FCRB

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antonio Herculano Lopes  
FCRB - Suplente

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Martha Campos Abreu  
UFF

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Ana Maria Mauad  
UFF – Suplente

Rio de Janeiro

2022

## DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos meus entrevistados, à toda população negra de Nova Friburgo e a todos que tiveram suas histórias silenciadas.

## AGRADECIMENTOS

Os caminhos que me trouxeram até esse mestrado foram feitos por pessoas que sempre me incentivaram nos estudos, pessoas que acreditam no poder transformador da educação.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe Valquiria, que deu seu melhor para mim e minhas irmãs podermos estudar numa boa escola, que me ajudou nas primeiras lições, cobrava boas notas e vibrava com cada vitória.

Já minha avó Marly, talvez seja minha entrevistada mais antiga, quem me inspirou e me fez um historiador oral muito antes de saber o que isso significava. Obrigado por me ensinar a arte da escuta com suas memórias do interior do Paraná, numa pequena cidade com imigrantes alemães e poloneses, seus primeiros anos no Rio de Janeiro e tantas histórias da nossa família.

Obrigado tia Leonor por me dar abrigo e suporte para realizar meus estudos e conquistar tantos sonhos aqui na cidade do Rio de Janeiro, por sempre cobrar: “Quando vai fazer o mestrado?”

Obrigado minha irmã Carol por ler meus primeiros textos que resultaram nesta pesquisa, por suas críticas muito construtivas. Obrigado minha irmã Samantha por torcer pelas minhas conquistas. Agradeço também ao meu namorado Patrick que acompanhou cada alegria, angústia e tristeza por que passei nesses dois anos de pesquisa e muito estudo, me dando ouvidos e suporte para continuar. Obrigado família.

A família vem primeiro, mas junto vêm muitas pessoas especiais que nos inspiram e motivam. Não poderia deixar de agradecer aos professores presentes nesta banca, a professora Martha Abreu, com quem tive o primeiro contato com um debate sobre os negros na história, que me sensibilizou sobre a importância do tema; Ana Mauad, que leu meu primeiro projeto de pesquisa e começou a me mostrar uma forma diferenciada da escrita e do ofício do Historiador; ao professor Herculano, de quem fui aluno ouvinte e a partir das suas aulas fui amadurecendo a decisão pelo programa da Casa Rui. Obrigado a professora Joëlle, pela paciência, entusiasmo e ótimas colaborações, você foi fundamental para esse trabalho.

Obrigado a todos entrevistados, pelo tempo, confiança e por compartilhar suas memórias, sem elas esse trabalho não seria possível.

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.

Clifford Geertz. *A interpretação das culturas*.

## RESUMO

VABO, Gabriel Andrade Magalhães do. *“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense*. Rio de Janeiro. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

No discurso oficial da história da cidade de Nova Friburgo prevalece o mito da origem e marco fundador a vinda dos imigrantes suíços e, posteriormente, alemães para a região. Esta perspectiva histórica mítica omite a presença maciça de negros e grupos indígenas que já ocupavam a região escolhida por Dom João VI para fundar o novo núcleo populacional. Neste sentido, torna-se relevante e indispensável discutir a presença dos negros que formam uma “zona de sombra” na memória da região.

Reconhecendo a História Oral como campo real de produção de conhecimento, esta pesquisa propõe refletir a história dos afrodescendentes de Nova Friburgo tendo como base a análise de entrevistas com membros da comunidade local. Portanto, é um trabalho que se utiliza da metodologia da História Oral e, nessa perspectiva, a análise concentra-se na subjetividade vivenciada pelos narradores, selecionados por critérios qualitativos em função de sua relação com o tema, de seu papel estratégico e de sua posição no grupo.

As categorias de análise foram estabelecidas a partir de temáticas recorrentes nas falas, notadamente: a memória da escravidão, a família, a violência e o racismo. A fundamentação do debate entre a História Oral, a memória e os temas mencionados pautou-se nas contribuições teórico-metodológicas de Michael Pollack, Alessandro Portelli, Florestan Fernandes, Halbwachs, Grada Kilomba, Silvio de Almeida, Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez.

Neste campo de disputa pela memória local, esta experiência se propõe em dispositivo de estímulo ao empoderamento da população preta friburguense, em contribuição para o resgate da memória individual e coletiva e também no reconhecimento da população afrodescendente como formadora e colaboradora na construção da cidade

**Palavras-chave:** População afrodescendente; História Oral; História de Nova Friburgo.



## ABSTRACT

VABO, Gabriel Andrade Magalhães do. *“E os negros dessa terra?”: pesquisa em História Oral sobre a participação dos negros na formação da sociedade friburguense*. Rio de Janeiro. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

In the official discourse of the history of the city of Nova Friburgo, the myth of origin and the founding mark of the arrival of Swiss and later German immigrants prevails. This mythical historical perspective omits the massive presence of blacks and indigenous groups that already occupied the region chosen by Dom João VI to found the new population nucleus. In this sense, it becomes relevant and indispensable to discuss the presence of black people who form a “shadow zone” in the memory of the region.

Recognizing Oral History as a real field of knowledge production, this research proposes to reflect the history of Afro-descendants in Nova Friburgo based on the analysis of interviews with members of the local community. Therefore, it is a work that uses the methodology of Oral History and, in this perspective, the analysis is focused on the subjectivity experienced by the narrators selected by qualitative criteria due to their relationship with the theme, their strategic role and their position in the group.

The analysis categories were established from the recurrence in the speeches, being the memory of slavery, the family, violence and racism. To support the debate between Oral History, memory and the mentioned themes, the theoretical and methodological contributions of Michael Pollack, Alessandro Portelli, Florestan Fernandes, Halbwachs, Grada Kilomba, Silvio de Almeida, Abdias Nascimento and Lélia Gonzalez were used. .

In this field of dispute over local memory, this experience is proposed as a device to stimulate the empowerment of the black population of Fribourg, in a contribution to the rescue of individual and collective memory and also in the recognition of the Afro-descendant population as trainers and collaborators in the construction of the city.

**Keywords:** Afro-descendant population; Oral History; History of Nova Friburgo .

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                                                                  | 11 |
| <b>1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA</b> .....                                                                                                | 18 |
| 1.1 A Escrita da história oficial de Nova Friburgo .....                                                                                 | 19 |
| 1.1.1 Os estudos do mito da Suíça Brasileira .....                                                                                       | 21 |
| 1.1.2 Fundamentos para a exclusão do negro da história friburguense no discurso de Agenor de Roure - 1918 .....                          | 24 |
| 1.2 Outras formas de se escrever a história de Nova Friburgo .....                                                                       | 27 |
| 1.2.1 Produção oficial .....                                                                                                             | 27 |
| 1.2.2 História oficial e a presença negra: suas relações com o turismo cultural na perspectiva de um Guia de Turismo .....               | 32 |
| 1.2.3 A História que se escreve nos jornais e na internet: dimensões da história pública a partir das pesquisas de Janaína Botelho ..... | 36 |
| <b>2 PENSANDO A HISTÓRIA ORAL</b> .....                                                                                                  | 43 |
| 2.1 Da trajetória internacionais aos estudos do negro no Rio de Janeiro .....                                                            | 44 |
| 2.2 A contribuição do LABHOI no resgate da memória dos negros.....                                                                       | 48 |
| 2.3 A pesquisa em História Oral em Nova Friburgo .....                                                                                   | 51 |
| <b>3 A VOZ DOS NEGROS FRIBURGUENSES</b> .....                                                                                            | 58 |
| 3.1 A entrevista de História Oral em tempos de pandemia .....                                                                            | 58 |
| 3.2 Memórias negras – análise das entrevistas .....                                                                                      | 61 |
| 3.2.1 Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê - Ilma dos Santos e Eliane dos Santos .....                                               | 64 |
| 3.2.2 Coletivo Negro Lélia González - Luana Negra Lu .....                                                                               | 73 |
| 3.2.3 Império da Negas - Maiara Felicio .....                                                                                            | 83 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                                                                        | 94 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                                                 | 97 |

|                                                                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>ANEXO 1</b> - Informações disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo - Histórico e Atualidades ..... | 109 |
| <b>ANEXO 2</b> - Material publicitário da secretaria turismo de nova Friburgo .....                                       | 113 |
| <b>ANEXO 3</b> - Conferências internacionais de história oral - 1975 a 1993 .....                                         | 115 |
| <b>ANEXO 4</b> - Decreto nº47, de 11 de novembro de 1983 .....                                                            | 116 |
| <b>APENSO 1</b> - Breve perfil dos entrevistados .....                                                                    | 117 |
| <b>APENSO 2</b> Personalidades negras históricas mencionadas pelos entrevistados e na documentação pesquisada             |     |
| Lugares de memória dos negros mencionados pelos entrevistados e na documentação pesquisada .....                          | 120 |

## INTRODUÇÃO

Até o início dos anos 2000, a história de formação e fundação de Nova Friburgo era apresentada caracterizando-se o município como um espaço europeu, colonizado majoritariamente por trabalhadores livres; ideologia, segundo o autor João Raimundo de Araújo (2003), sistematizada por agentes políticos e por personalidades da elite local a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Araújo apresenta a hipótese de que:

[...] para explicar e reforçar o projeto industrializante da cidade de Nova Friburgo - projeto estabelecido com capitais provenientes de empresários alemães - foi necessário recorrer a um passado idealizado, à origem supostamente suíça do povo e da cidade. Na serra fluminense teria surgido uma cidade peculiar, diferente de outras, uma cidade suíça, branca, industrializada, com trabalhadores livres, por iniciativa do rei português. (ARAÚJO, 2003)

No *site* oficial da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo<sup>1</sup> (2022), o texto sobre a história local configura-se em narrativa que tem como marco principal a assinatura, em 1818, do acordo entre os governos brasileiro e suíço para a criação de uma colônia, na região Serrana do estado do Rio de Janeiro, com famílias providas do cantão de *Freiburg*. Nesse discurso adotado como oficial, prevalece uma visão colonizadora e eurocêntrica, que, ao eleger como marco fundador, absoluto e imperioso, a vinda dos imigrantes suíços, e posteriormente dos alemães, acaba por ignorar e desqualificar um processo histórico mais antigo e complexo. A “biografia” da atual região de Nova Friburgo, para além da contribuição e participação dos imigrantes europeus, contou também com forte colaboração de outros grupos sociais, como dos indígenas das tribos puri, puri-coroado e guayacaz e a dos povos africanos escravizados e de seus descendentes (ARAÚJO; MAYER, 2003).

A narrativa da colonização suíço-alemã transmite uma perspectiva da ocupação territorial contaminada pela ideia de que o lugar configurava-se em um imenso “vazio demográfico”, quando, na verdade, desde meados do século XVIII, na localidade já existia intensa atividade cafeeira, desenvolvida em grandes latifúndios, que desfrutavam de numerosa massa de trabalhadores escravizados (ARAÚJO, 2003).

Há algumas décadas, um grupo de historiadores friburguenses tem se dedicado a

---

<sup>1</sup> [www.pmnf.rj.gov.br/pagina/1\\_A-Cidade.html](http://www.pmnf.rj.gov.br/pagina/1_A-Cidade.html) No Capítulo 1, item 1.4 será feita uma análise pormenorizada do texto disponibilizado na página oficial da Prefeitura.

pesquisar, resgatar e identificar, ao longo dos séculos XVIII, XIX e início do XX, a participação desses outros personagens que estiveram presentes ativamente na história e no cotidiano da sociedade friburguense. Pesquisadores como João Raimundo de Araújo, Jorge Miguel Mayer, Edson de Castro Lisboa, Maria Janaína Botelho Corrêa e Rodrigo Marins Marretto resgatam uma linha de análise e investigação realizada anteriormente, de forma muito pontual e isolada, apenas em dois momentos, um em 1988 na publicação do *Caderno de Cultura - Notas para estudo da presença negra em Nova Friburgo*, e em 1991 por Gioconda Lozada em seu livro *Presença Negra, uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*.

Essas duas publicações e os pesquisadores mencionados acima mostram a relevância em se discutir a presença dos negros, fato que durante muitos anos permaneceu em uma zona de sombra na memória da ocupação regional. Neste sentido, apresentam a região de forma mais complexa, como um conjunto de grandes latifúndios com mão de obra escravizada e com atividades agrícolas que se direcionaram e se concentraram no decorrer do século XIX na produção cafeeira, visão bem diferente daquela que descreve a região apenas como um núcleo de imigrantes europeus. Lozada (1991) e os novos estudiosos, portanto, desmitificam a história oficial, que é quase um pequeno romance de “suíços desbravadores das brenhas do Morro Queimado”<sup>2</sup>. Não que esteja errada, mas é uma história não problematizada e incompleta, que elegeu os suíços e alemães como únicos responsáveis pela formação desse núcleo urbano e negligenciou e silenciou a colaboração e participação ativa da população negra, formada por escravizados e libertos que já estavam ali trabalhando nas fazendas da grande Cantagalo<sup>3</sup> antes mesmo dos imigrantes europeus. Tal percepção também é manifestada por nossos entrevistados, como relata a professora Maria Christina<sup>4</sup>:

(...) na minha época não se falava sobre isso, sobre o negro, a ocupação do negro. Era só os Suíços que vieram, embrenharam o Morro Queimado e pronto. Como se não existisse nada nem ninguém aqui,entendeu. O estudo da gente na década de 80 e 90 era exatamente assim: os Suíços vieram para uma terra que não tinha ninguém. Negro era só na parte que tinha café, era Campos ou então nas Minas, mas não se falava sobre Quilombo, essa resistência ....cortaram uma história da gente, omitiram, ignoraram completamente. (SILVA, 2021)

<sup>2</sup> Referência ao estribilho do Hino do Centenário de Nova Friburgo, de 1918, de autoria de Franklin Coutinho: “*Salve, brenhas do Morro Queimado / Que os suíços ousaram varar / Pois que um século agora é passado / Vale a pena esse tempo lembrar.*”

<sup>3</sup> A grande Cantagalo, anteriormente referida, corresponde atualmente à área dos municípios de Cantagalo, Carmo, Sapucaia, Três Rios, parte de Teresópolis, Petrópolis, Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo, Sumidouro, Duas Barras, Bom Jardim, Cordeiro, Trajano de Moraes, Conceição de Macabu, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, parte de São Fidélis e Itaocara (LOZADA, 1991).

<sup>4</sup> Vide biografia no Apenso 1.

A própria vinda de imigrantes europeus para a formação da Vila de Nova Friburgo, a partir de 1820, foi uma forma de resolver os problemas de escassez e diminuição da mão de obra escravizada, advinda com as políticas que pressionavam pelo fim do tráfico negreiro e do trabalho escravo e também mostravam preocupação com o desequilíbrio racial (MARRETTO, 2014).

Na citação a seguir, Gioconda Lozada sintetiza muitas das questões até aqui apresentadas e chama também a atenção para o uso da categoria *colonizador* para caracterizar os imigrantes helvéticos ao em vez de chamá-los de *colonos*, como uma construção e estratégia criada para reforçar a perspectiva histórica que concebe a chegada dos europeus como marco inicial da história local:

A ideia transmitida pela história oficial é a de que os imigrantes teriam chegado como verdadeiros desbravadores de uma região praticamente desabitada. Não prestamos atenção na existência das grandes propriedades rurais escravocratas, estabelecidas em toda a região há mais de três séculos, nem na existência dos escravos negros a quem os colonos deveriam substituir quando não fosse mais possível sustentar a escravidão como sistema de trabalho. Os documentos da época se referem ao imigrante como ‘colono’ e não como ‘colonizador’ como querem alguns, e isso é bastante sintomático (LOZADA, 1991, p.28)

A partir do que foi apresentado por Gioconda e por outros documentos e estudos, a vinda de imigrantes europeus não atendeu, como esperado, o objetivo de sua introdução como mão de obra nas lavouras em substituição ao trabalho escravo. Muitos imigrantes possuíam qualificação profissional, o que lhes possibilitou estabelecerem-se e desenvolverem seus ofícios na recém-criada vila e assim não precisaram ir trabalhar nas fazendas. Outros se dedicaram à agricultura nas glebas doadas por Dom João VI, porém no cultivo de bens de consumo como o milho, batata e arroz, culturas que tiveram sua produção reduzida nas grandes fazendas com o crescimento e a necessidade de novas áreas para o plantio do café. Alguns desses imigrantes chegaram até a adquirir escravizados para trabalharem em suas lavouras. Como podemos ver, a chegada dos europeus não dispensou nem diminuiu a dependência da mão de obra negra escravizada na região. A região onde foi fundada a Vila de Nova Friburgo era cercada por fazendas com uma tradição de trabalho escravo de quase três séculos (CAPDEVILLE LAFORET, 2003).

Devemos destacar também, que essas práticas de trabalho e sociabilidades que os imigrantes helvéticos aqui desenvolveram, para além de serem resultantes do perfil profissional

e cultural deles, derivaram também da relação que constituíram com as instâncias político administrativa portuguesas, a qual estavam subjugados:

Entre 1820 e 1831 [...] a administração da colônia estava, fundamentalmente, na mão de portugueses que, influenciaram o modo de vida dos colonos, que passaram a assimilar o modo de vida e os padrões da vida senhorial, ao mesmo tempo em que adquiriam terras, escravos e reproduziam as estratégias de ascensão social desta classe. (MARRETTO, 2014, p.16).

Os trabalhos mais recentes, além de apresentarem as concepções de que a ocupação territorial de Nova Friburgo também foi realizada por negros e de que eles participaram dessa sociedade por meio de seu trabalho forçado, se debruçam em documentações que relatam e descrevem os negros de forma ativa e com protagonismo. São exemplos disso fatos até então pouco conhecidos, como a revolta e a fuga dos escravos da Fazenda Ponte de Tábuas, em 1835 (LISBOA; MAYER, 2008).

Apesar dos grandes avanços em estudos sobre escravidão e do papel do negro na sociedade brasileira (nesse caso em Nova Friburgo), ainda temos um campo vasto a desbravar. Excetuando o trabalho de Gioconda Lozada que possui um capítulo com quatro entrevistas<sup>5</sup> com descendentes de escravizados e outras duas com representantes do Movimento Negro, todos os outros trabalhos produzidos até o momento se valeram da pesquisa em arquivos com documentações escritas, sendo elas documentos paroquiais, cartoriais ou judiciais. Dessa forma, podemos dizer que há uma lacuna correspondente à necessidade de saber como essa história vem sendo discutida, apresentada, circulada e como se reproduz no imaginário e no discurso da população afrodescendente. Djamila Ribeiro (2019, p.75), em sua obra *Lugar de fala*, nos coloca que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”.

Deste modo, a pesquisa em História Oral é uma rica forma de revelar fatos e colocar novos personagens, questões novas e totalmente diversas daquelas advindas da materialidade escrita.

Rodrigo Marretto (2014) avalia que são poucos os trabalhos já produzidos sobre o negro em Nova Friburgo e os que identificou tiveram uma atenção muito grande em provar a

---

<sup>5</sup> Nas quatro entrevistas com os descendentes de escravizados os nomes dos entrevistados foram omitidos ou subtraídos, sendo identificados pelos nomes dos bairros que residiam: Chácara do Paraíso, Varginha, Vila Amélia e Campo do Coelho.

A entrevista com Ronaldo Bandeira, de 07 de junho de 1988, foi concedida a Raquel Nader, que aqui nesta pesquisa é uma das nossas entrevistadas.

existência de escravizados na região. Segundo o pesquisador, “nenhum desses tinha como preocupação a análise de um conjunto de fontes primárias em que as formas associativas que envolviam senhores, escravos e os diversos setores livres da Vila de Nova Friburgo pudessem ser investigados” (MARRETTO, 2014, p.9). Ele comenta que essa produção que avaliou, com um debate muito limitado e restrito, pode ser resultado da falta de interesse dos pesquisadores ou ainda ter como:

um dos fatores para a ausência de estudos empíricos a respeito do papel do elemento escravo na formação de Nova Friburgo reside no fato de que o CDH Pró-Memória da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo tem posse de um número restrito de documentos relativos à escravidão e os documentos que existem cobrem um período muito fragmentado de tempo, na maioria, referentes à segunda metade do século XIX. (MARRETTO, 2014, p.8)

Uma das questões que gostaríamos de destacar nesse momento é que os negros, apesar de já serem reconhecidos nas novas produções historiográficas, ainda são descritos e estudados a partir da perspectiva da documentação produzida pelos órgãos oficiais e da elite, que muitas das vezes representa uma

Ideologia colonial que argumenta que grupos subordinados se identificam de modo incondicional com os poderosos e não têm uma interpretação independente válida de sua própria opressão [...] e/ou que são menos humanos do que seus opressores e são, por isso, menos capazes de falar em seus próprios nomes (KILOMBA, 2021)

Cabe aqui uma de nossas perguntas: E as informações da vida diária e da cultura material e imaterial que não possuem referências específicas em fontes escritas, como conhecê-las e estudá-las? Logo, respondemos que as fontes orais são capazes de nos fornecer as informações desses povos ditos iletrados<sup>6</sup> ou grupos sociais cuja história escrita é falha, distorcida ou inexistente. Portanto, a relevância em se fazer um trabalho com História Oral em Nova Friburgo está no fato de que entrevistas sempre revelam eventos e/ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (PORTELLI, 1997).

Ainda neste sentido, a História Oral revela fatos novos ou diferentes dos já conhecidos, não apenas por estes não estarem registrados e documentados em papel, mas por conta do

---

<sup>6</sup> No censo de 1872 toda a população negra escravizada foi declarada como analfabeta (IBGE, 1872).



exercício que quem relata tem que fazer ao buscar sentido no passado e dar forma à sua vida, e assim colocar a narração em seu contexto histórico. A História Oral utiliza como fonte a memória para a compreensão de uma sociedade, a qual dá à história um campo de pesquisa considerável.

Os trabalhos já produzidos por historiadores locais e o nosso entendimento da História Oral como campo fértil para novas possibilidades que colaborem com os esforços na direção do alargamento dos estudos sobre questões étnicas e raciais em Nova Friburgo constituem nos grandes motivadores do objetivo central dessa pesquisa, de estudar e refletir a história dos negros tendo como base a análise de depoimentos realizados com membros da comunidade afrodescendente. O interesse é analisar nestas falas como a história local é pensada e reproduzida por friburguenses afrodescendentes, refletindo se há ou não uma perspectiva que reconheça a atuação dos seus antepassados na formação da cidade. Admitindo que muito do que já foi produzido sobre os negros na região faz majoritariamente sua associação a escravidão, também se pretende identificar se há narrativas ligadas à presença negra que vão além do passado escravagista, que destaquem a contribuição dessa comunidade nas esferas cultural, religiosa, política, esportiva, por exemplo.

Para se alcançar esses objetivos a pesquisa foi estruturada em três capítulos. Os dois primeiros se alternam entre abordagens metodológicas, referenciais teóricos e apresentações de fontes bibliográficas e documentais, e o terceiro a apresentação e análise das entrevistas.

O capítulo *A produção historiográfica* propõe exposições mais teóricas, que passem por diferentes espaços produtores e divulgadores do conhecimento histórico da cidade de Nova Friburgo. Num primeiro momento buscamos contextualizar e apresentar as influências teóricas que deram origem à narrativa oficial pautada na valorização do europeu e que omite / nega a presença negra. Considerando que a escrita oficial não é a única que exerce influência nas relações e dinâmicas sociais, também buscamos a fala de agentes sociais que trabalham de forma muito ativa com a história local e exercem papel substancial no que tange a circulação e divulgação das narrativas e valorização das identidades. Para isso, adentramos na História Pública através da análise dos trabalhos de dois historiadores, um que atua como guia de turismo e outra que escreve para jornais, blogs e em redes sociais. Nas entrevistas com esses dois profissionais poderemos ver aspectos que aproximam a História Pública e a História Oral, no sentido de construção e trabalho com a memória e a história não somente para um público, mas de forma conjunta com ele, se aproximando da ideia de “autoridade compartilhada”.

Esse levantamento e o estudo dessa produção historiográfica constitui-se em etapa fundamental no sentido de propiciar um conhecimento maior do tema, possibilitando ao

entrevistador e pesquisador se sentir mais seguro na escolha dos depoentes e na realização de uma entrevista. Além disso, antes mesmo de se pensar em História Oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação (ALBERTI, 2005, p.29).

No capítulo seguinte, o seu título *Pensando a História Oral* já nos dá parte da ideia do que será abordado, sendo assim, os principais momentos, eventos e produções no campo da oralidade. Dois assuntos serão melhor detalhados, primeiro, a produção do LABHOI e a sua colaboração para os estudos do negro, e depois, um balanço dos trabalhos com História Oral já realizados em Friburgo.

O terceiro e último capítulo se propunha inicialmente na realização exclusiva da análise das entrevistas, porém, com a pandemia de COVID 19 uma nova dinâmica foi imposta no processo de seleção e realização das entrevistas. Portanto, antes de tratar de quaisquer entrevistas se optou pela realização de um breve relato da experiência da realização das entrevistas em modo virtual e num cenário pandêmico.

Fora as especificidades impostas pela pandemia e que serão tratadas na abertura do capítulo 3, a proposta foi realizar entrevistas com moradores friburguenses afrodescendentes, não predominantemente orientadas por critérios quantitativos, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência de vida (ALBERTI,2005). Desta forma, se selecionou os entrevistados entre aqueles que se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema com seus ancestrais, pais e avós, por exemplo, e que pudessem fornecer depoimentos significativos. Por se tratar de um trabalho desenvolvido durante uma pandemia, que restringiu nossa circulação e contato social, o número de participantes precisou ser reduzido. Serão analisadas as falas de 4 entrevistadas, de diferentes idades, mas tendo em comum o papel de lideranças dos coletivos negros da cidade: Centro Cultural Ysun Okê, Coletivo Negro Lélia Gonzalez e Império das Negas.

O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de História Oral se aproxima, assim, da escolha de informantes em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado –, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc. (ALBERTI,2005). Partindo desse pressuposto e dos conhecimentos advindos da pesquisa e estudos em outros trabalhos e fontes, foram escolhidas primeiramente pessoas consideradas “chaves”, com conhecimento amplo e detalhamento das circunstâncias que tenham envolvido o foco em análise, disponibilidade e capacidade para expressar o essencial sobre o assunto tratado (TRIVIÑOS, 1987).

Para produção desse material foram realizadas entrevistas do tipo *história de vida*,

modelo em que o entrevistado fica livre para se apresentar e decidir pelo modo de construir a sua fala, de forma mais aberta possível, resultando numa aproximação maior entre o informante e o pesquisador (LAVILLE; DIONNE, 1999). Mas em alguns momentos da conversa a dinâmica se aproxima muito do modelo de uma entrevista temática, isso porque, “pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados” (ALBERTI, 2005, p.38).

Por fim, a fundamentação do debate entre a História Oral, a memória e os temas elencados a partir das entrevistas se recorreu às contribuições teórico-metodológicas de intelectuais como, por exemplo, Michael Pollack, Alessandro Portelli, Florestan Fernandes, Halbwachs e Stuart Hall. Porém, cabe salientar nesse processo uma preocupação e atenção especial em se recorrer também aos intelectuais negros, tais como, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Silvio de Almeida, Djamília Ribeiro e Grada Kilomba. Essa preocupação se construiu com a mesma que motivou essa pesquisa, de combater o silenciamento dos povos negros e valorizar seus saberes e sua voz.

## **1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA**

Todo trabalho em História Oral está munido de certa excepcionalidade, fruto da originalidade e do aspecto único que reveste a fala de cada entrevistado – os relatos nunca se repetem ou serão semelhantes, mesmo se dados por uma mesma pessoa diversas vezes. Porém, essas singularidades das entrevistas, quando estamos tratando de grupo oprimidos e invisibilizados como os negros, vão além dos aspectos produzidos no momento da entrevista e a partir delas. Consideramos neste capítulo relevante destacar que as entrevistas com grupos que constituem minorias sociais possuindo um peso maior não só pelos aspectos mencionados acima, mas por representarem rupturas, questionamentos e resistências a um padrão que se tentou por muito tempo hegemônico.

A partir disso, optamos pela construção de um texto pautado na didática, que possibilite aos mais variados leitores um contato com nosso tema e que o leve a uma reflexão crítica e ampla. Essa preocupação com a contextualização da questão da produção historiográfica e com o estudo sobre os negros visa reforçar que as falas apresentadas aqui representam não somente as vozes dos negros de Nova Friburgo, mas de todos aqueles que ainda não tiveram suas histórias contadas ou quando as tiveram foi por perspectivas distorcidas

daquelas manifestadas por seus representantes. Soma-se a esse esforço a intenção de pensar essa pesquisa junto das manifestações e movimentos que lutam contra o epistemicídio<sup>7</sup> histórico e social.

Desta forma propomos aqui neste primeiro capítulo momentos com debates teóricos breves, mas não menos relevantes, que passeiam pelos diversos espaços produtores e divulgadores do conhecimento histórico, passando pelos arquivos, produções bibliográficas, sites da prefeitura, jornais e demais microestruturas no interior do Estado que estão encarregadas de exercer parte substancial do poder e através de suas ações estabelecer um regime de verdade.

### **1.1 A Escrita da história oficial de Nova Friburgo**

Como ponto de partida para discutirmos os negros em Nova Friburgo e sua invisibilização na história local oficial julgamos de fundamental importância perscrutar o lugar de produção do discurso que valoriza apenas o europeu, particularmente o suíço e o alemão. Interrogar os procedimentos do “fazer a história”, suas práticas, formas e lugares de construção das narrativas, é desnaturalizar um discurso forjado, é compreender que a história pode ser a representação e/ou a manipulação. Discutir a escrita da história é contextualizar as escolhas e estruturas que foram constituídas e as que foram excluídas.

Essa contextualização da produção da historiografia local também pode ser vista como fundamental para esta pesquisa já que “antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Essa instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe proíbe outros. Tal a dupla função do lugar” (CERTEAU, 1982, p. 76-77).

Michel de Certeau ao enfatizar a relação do lugar com a produção da história reforça que o que se produz sobre uma sociedade vai depender de onde a narrativa está sendo construída e para que e quem:

De parte a parte, a história permanece configurada pelo sistema no qual se elabora. Hoje como ontem, é determinada por uma fabricação localizada em tal ou qual ponto deste sistema. Também a consideração deste lugar, no qual se produz, é a única que permite ao saber historiográfico escapar da

---

<sup>7</sup> O termo do professor Boaventura Santos é enquadrado pela filósofa Sueli Carneiro em sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), de 2005, como a negação à população preta da condição de sujeitos de conhecimento, através da desvalorização e exclusão das suas contribuições na sociedade.

inconsciência de uma classe que se desconheceria a si própria, como classe, nas relações de produção e, que, por isso, desconheceria a sociedade onde está inserida. A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade. (CERTEAU, 1982, p.77)

Tomamos neste sentido a escrita da história como um instrumento de comunicação e conhecimento capaz de impor uma forma de ver e compreender o mundo, nos aproximando do conceito de *poder simbólico* formulado por Pierre Bourdieu (2006). O discurso de uma fundação de Nova Friburgo baseada unicamente na origem europeia durante muito tempo exerceu um poder invisível sobre outros grupos que não se identificavam com essa ancestralidade. A naturalização e racionalização do discurso da Suíça brasileira pode ser visto como um instrumento de dominação e monopólio das elites brancas locais.

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por produção, por meio da luta travada por especialistas da produção simbólica (...) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (cf. Weber), quer dizer, do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxonomias) arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social. (BOURDIEU, 2006, p.12)

Consideramos que enxergar Nova Friburgo a partir de um processo de construção moral, ideológico e intelectual expresso na sua historiografia é viabilizar a ressignificação e inclusão de novas identidades.

Nossa questão central nesta seção diz respeito ao reconhecimento de que para compreender a escrita da História de Nova Friburgo é preciso realizar um amplo trabalho de investigação e reconstituição de fontes e lugares de produção do conhecimento histórico. Iremos iniciar esse esforço através de uma exposição dos principais aspectos levantados em dois trabalhos, o primeiro de Ricardo da Gama Rosa Costa (1997), *Visões do Paraíso Capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*, e o segundo do historiador João Raimundo de Araújo (2003), a sua tese de doutorado *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910 - 1960)*. A partir disso, consideramos dialogar

com dois tópicos com implicações diretas no processo de invisibilidade total ou parcial dos negros na história oficial da cidade (podemos dizer nacional também), a produção historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, e as teorias racialistas que passaram a circular e influenciar grande parte da intelectualidade a partir da segunda metade do século XIX.

Ao escolher para análise os trabalhos de Ricardo Costa e João Raimundo de Araújo, com suas exposições e leituras detalhadas de aspectos locais de Nova Friburgo, junto com tópicos que tiveram impacto e influência a nível nacional e internacional, procuramos romper com a visão tradicional da história ainda muito presente no discurso local oficial. Desta forma, corroboramos com outros historiadores locais, no sentido de buscarmos a

[...] compreensão de que a identidade e caracterização do município estão ligadas a uma rede de fenômenos nacionais e internacionais. Enfim, não obstante as particularidades de Nova Friburgo, é necessário compreender a sua história como parte de um conjunto. A arte dos historiadores consiste justamente em revelar a complexidade desta relação do local com o global. (ARAÚJO; MAYER, 2003, p.13)

### **1.1.1 Os estudos do mito da Suíça Brasileira**

A história oficial de Nova Friburgo talvez seja uma das mais fáceis de ser resumida, cabendo em uma frase com cinco palavras: *Nova Friburgo, a Suíça Brasileira*. Sua brevidade reforça uma postura não problematizada dos fatos e alinhada com as perspectivas do que Peter Burke chama de “História Tradicional”, focada nos grandes eventos e personalidades, quando

[...] oferece uma visão de cima no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente, eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. (BURKE,1992, p. 12).

Porém, Ricardo da Gama Rosa Costa (1997) e João Raimundo de Araújo (2003) nos mostram essa visão europeizada de Nova Friburgo como uma construção que não foi tão simples assim, sendo resultado de disputas políticas e ideológicas que percorreram todo o século XX. Seria repetitivo e demasiado cansativo expormos todas as discussões apresentadas pelos dois autores, desta forma vamos nos concentrar no período de 1910 a 1920, recorte convencionalizado pelos pesquisadores como os anos iniciais de constituição do discurso de Nova

Friburgo como a Suíça brasileira - para os interessados em se aprofundar no tema recomendamos a leitura na íntegra dos dois trabalhos por ser material relevante para o desenvolvimento de outras pesquisas e reflexões.

Os dois pesquisadores ao analisarem a origem da formulação da narrativa histórica adotada como oficial em Nova Friburgo tomam como eixo principal os processos que se desenvolveram a partir do início do desenvolvimento industrial na cidade. Desta forma, 1911 é tomado como marco temporal inicial, ano em que foram instaladas as primeiras fábricas têxteis com investimentos feitos com capital de empresários alemães.

Ao tecerem essa relação, explicam a narrativa suíço-alemã como uma construção ideológica resultante da “articulação ocorrida entre setores das elites políticas locais de tendência conservadora com os interesses desse empresariado alemão, patrocinador da indústria e, mais do que nunca, interessado na criação de um mundo do trabalho dócil e disciplinado” (ARAÚJO, 2003, p.15).

Costa apresenta esse contexto como um período de transição, de constituição da “nova ordem econômica e social – industrial e capitalista – em substituição à ordem societária anterior, até então dependente da economia cafeeira e do latifúndio escravista” (COSTA, 1997, p.12).

A história neste contexto foi tomada pelos novos grupos dominantes, formados pela burguesia industrial e por liberais conservadores, como instrumento de construção de uma identidade e veículo de divulgação de um projeto pautado na modernização associado a “visão de cidade europeia e civilizada” (COSTA, 1997, p 8)

Chamar essa história da cidade de ‘mito’ foi uma forma dos pesquisadores enfatizarem que se trata da “concepção” ou “visão de mundo” de um grupo, da ideologia da classe burguesa (ARAÚJO, 2003, p.15 e 16). Roger Chartier reforça que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Essa concepção pautada na valorização do homem branco, europeu, na edificação do trabalho livre e no entusiasmo pela modernização eram ideias que extrapolavam a atmosfera local, estando presentes também nas discussões sobre a história nacional, que neste momento buscava uma nova imagem/identidade para o recém fundado Regime Republicano.

O silêncio da presença dos negros na história de Nova Friburgo é reflexo de um processo de invisibilização e marginalização desta população, é um sistema que podemos identificar na própria história nacional e da maioria das cidades em nosso país. Desta forma, “a articulação desta realidade local com fatos históricos nacionais e no nível do Estado do Rio de Janeiro permitirá a construção de uma história regional não descolada do todo social” (COSTA, 1997 p.15).

Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas, ao exporem as metodologias para análise de textos em pesquisas históricas, defendem que não se pode “reduzir a história ao texto”, desta forma:

[...] trata-se, antes, de relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.540)

Para realizar esta tarefa, iremos tomar o discurso de Agenor de Roure, texto tido como o alicerce da história helvética em Nova Friburgo, como base para a constituição de um pensamento excludente e discriminatório feito a partir de uma imagem romantizada, heroica e edificante dos europeus.

O discurso de De Roure foi a primeira tentativa bem sucedida de sistematização dessa ideologia. Apoiava-se em três pontos: a natureza bela e pródiga; a história, significando a visão providencial de Dom João VI ao criar uma colônia diferente do que já havia no Brasil, com a mão de obra livre de colonos europeus trabalhando pequenos lotes de terra com policultivo; o elogio do trabalho livre, da livre iniciativa, em contraposição à condenação ao trabalho escravo. (ARAÚJO, 2003, p. 27)

A escolha para análise pormenorizada do discurso de Agenor de Roure foi feita por identificarmos nele uma narrativa com forte influência e concordância com as principais ideias e debates em evidência nos círculos políticos e intelectuais dominantes da época. Ideias estas



que contribuíram para a naturalização da ausência ou de uma visão negativa dos negros e de outros grupos discriminados historicamente.

O discurso de De Roure e da intelectualidade friburguense<sup>8</sup> envolvida no processo de constituição do mito da Suíça brasileira se enquadra na função do historiador/memorialista de Peter Burker, de ser um

[...] “lembrador”, um guardião da memória dos acontecimentos públicos, postos por escrito em benefício dos seus actores, para lhes dar fama, e também para benefício da posteridade que poderá, assim, aprender com o seu exemplo[...] (BURKE, 1992, p. 235).

### **1.1.2 Fundamentos para a exclusão do negro da história friburguense no discurso de Agenor de Roure – 1918**

O discurso de Agenor de Roure proferido na Câmara Municipal na ocasião da abertura das comemorações do centenário de Nova Friburgo, em 16 de maio de 1918, e publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Tomo 83 do mesmo ano, apresenta a sua percepção resumida do que julga ser os “pontos principais da história da fundação da Colônia” (ROURE, 1918, p. 265). O texto é um grande elogio não somente aos imigrantes suíços, mas também aos alemães e irlandeses, descritos como raças “fortes” e “livres”, de “homens capazes, industriaes e agricultores” (ROURE, 1918, p. 251).

De Roure era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ou seja, um integrante dos grandes círculos da intelectualidade de sua época. Com apenas essa informação já podemos começar a entender a referência e alinhamento de alguns elementos que orbitam todo tempo em seu discurso, tais como: a preocupação com formação da identidade nacional, a questão do patriotismo e a valorização do trabalho livre. O texto de De Roure mostra forte concordância com os princípios que postularam e idealizaram a criação do IHGB, de “inventar a Nação brasileira, pelo menos discursivamente, [...] num contexto de difusão de ideias inspiradas no Iluminismo europeu como ordem, progresso e civilização (SÁ, 2017, p. 211).

Um das estratégias escolhidas por De Roure para construção de sua narrativa - e a que nos interessa mais e que daremos maior atenção e desenvolvimento - foi enaltecer os

---

<sup>8</sup> Optamos por dar um enfoque apenas no texto do discurso de Agenor de Roure por considerarmos seu caráter excepcional, no sentido de inaugural; porém reconhecemos que a consolidação da narrativa de Friburgo como a Suíça brasileira foi um processo longo, que contou com outras colaborações intelectuais com, por exemplo: *A Abolição e seus reflexos econômicos* (1938), também de De Roure; *Lendas e Legendas de Friburgo* (1928), de Galdino do Valle Filho; *A Gênese de Nova Friburgo* (1995), de Martin Nicoulin.

européus a partir da desvalorização e depreciação de outros grupos já existentes na região, como os indígenas e africanos e afrodescendentes negros escravizados, usando como base diversos elementos tidos como científicos e/ou em voga nos principais círculos intelectuais da época. Segundo Martha Abreu e Ângela de Castro Gomes:

(...) a Primeira República está repleta de exemplos de intelectuais e políticos que, numa conjuntura marcada pelas disputas em torno dos direitos dos recém-libertos e dos trabalhadores de forma geral, investiram na construção de uma nação com traços europeizantes e condenaram – até mesmo pela força – o Brasil mestiço, africano, negro e popular. (GOMES; ABREU, 2009, p.10)

Nas palavras de De Roure: “a fundação da Colônia do Morro Queimado [...] representa a primeira tentativa de execução de um plano, visando corrigir a formação étnica da Pátria Brasileira, perturbada e viciada pelo sistema de povoamento até então seguido” (ROURE, 1918, p. ). Ele completa dizendo que

Sem o auxílio de outras raças, fortes e livres, o resultado seria, pela teoria da hereditariedade do carácter nacional sustentada pelo professor Ribot, a perpetuação, no Brasil, dos caracteres próprios dos seus primeiros povoadores – homens sem vontade, sem liberdade e sem instrução, humilhados, escravizados e incapazes de qualquer iniciativa. (ROURE, 1918, p. 251)

Podemos ver em seu discurso o forte uso das categorias de raça, uma herança dos pensamentos de intelectuais como Karl Von Martius e Francisco Adolfo de Varnhagen. Desta forma, existe grande alinhamento com as ideias de Martius quanto a interpretação da miscigenação entre as três raças como a chave para se compreender a história brasileira, realizando sua análise a partir do hibridismo racial da mesma forma que Darwin analisa o cruzamento de plantas e animais, ou com Varnhagen quanto ao branqueamento da população brasileira, superioridade da raça branca europeia e entusiasmos ao projeto de imigração.

Apesar de podermos perceber as influências de Martius e Varnhagem ou mesmo as de Ribot e Le Bon, citadas no discurso, De Roure não se preocupa em definir um modelo 'científico' preferido, sendo sua preocupação maior a predominância dos caracteres europeus e sua essencialidade para forjar uma identidade nacional melhor

“Para o nosso caso, a teoria de que as raças que se fecham e não se cruzam são as que conservam a civilização, ou com a teoria de que só o cruzamento garante a complexidade de elementos necessária à civilização, o caminho a seguir era o que d. João VI havia adoptado com a radicação de colonos irlandeses ao solo do Rio Grande e a dos suíços neste valle encantador da Fazenda do Morro Queimado (DE ROURE, 1918, p. 252)

Tomando uma referência mais contemporânea a De Roure, podemos mencionar a literatura cívico-patriótica de Silvio Romero, com seu elogio à ação das diferentes raças nacionais, um alento para a “boa miscigenação” que ocorria no País. (SCHWARCZ, 1993, p. 137), onde sempre a categoria de raça é trabalhada de forma hierarquizada, sendo o europeu branco a raça superior e o negro e o indígenas as inferiores:

Ao branco cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação. (SCHWARCZ, 1993, p. 112).

Apesar dessa forte aproximação entre algumas ideias de De Roure e o pensamento de Silvio Romero, nosso autor mostra maior intolerância à contribuição negra. Ao passo que Silvio Romero demonstrava certa positividade quanto a mestiçagem como força biológica capaz de contribuir para a formação da tão desejada unidade nacional, ao proporcionar a adaptação do europeu aos trópicos, De Roure expressava total desprezo por qualquer contribuição dos negros:

(...) à semelhança do Brasil inteiro, o trabalho escravo invadiu mais tarde as propriedades rurais do nosso Município, estragando a obra fecunda dos bravos Suíços, que de tão longe tinham vindo implantar, no valle do Bengala, a civilização europeia e a liberdade no trabalho (DE ROURE, 1918, p. 265)

Podemos por hora concluir que a proposta de uma história para Nova Friburgo apresentada por Agenor de Roure, em ocasião da comemoração do centenário da cidade, estava alinhada à um projeto de história do Estado Brasileiro, projeto este que não incluía a população

negra. A escrita da história pode assim ser tomada como uma ação política em curso no período e que seus efeitos se estendem até os dias de hoje.

Se nos atentarmos aos espaços de circulação deste autor, no caso aqui o IHGB, bem como aos seus interlocutores, poderemos compreender que este esforço de escrita sobre a formação de Nova Friburgo não é individual e isolado e também pode ser uma forma de compreendermos melhor a ausência dos negros na narrativa oficial

“Ao definir a Nação brasileira enquanto representante da ideia de civilização no Novo Mundo, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto por não serem portadores da noção de civilização: índios e negros. O conceito de Nação operado é eminentemente restrito aos brancos [...]. Construída no campo limitado da academia de letrados, a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do ‘outro’ [...]” (Guimarães, 1988, p. 7)

## 1.2 Outras formas de se escrever a história de Nova Friburgo

Este tópico propõe uma exposição de outras produções textuais identificadas (as produções no campo da oralidade iremos abordar no próximo capítulo) sobre a história de Nova Friburgo.

Desta forma, procuramos, primeiro, identificar quais os mecanismos que o Estado e os agentes produtores de políticas públicas fazem valer o seu discurso e buscam garantir sua dominância, e, segundo, formas não oficiais de escrita, que podem colaborar ou questionar a ordem institucional.

A análise constituirá em avaliar se nestes materiais há a citação da participação negra na história local, uma análise quali-quantitativa que considere a recorrência, tipo de abordagem e quais são os principais temas encontrados.

Para uma melhor organização metodológica a fim de facilitar as análises, os trabalhos serão divididos em três categorias: a produção oficial dos órgãos públicos; a História e o Turismo; a escrita para o grande público (mídia tradicional – jornal impresso *A Voz da Serra* e as novas mídias sociais – Youtube, Facebook e Instagram).

### 1.2.1 Produções oficiais

O *site* da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (2022) disponibiliza as informações que iremos analisar a partir de um ícone denominado *A Cidade*. A aba de apresentação do município está dividida em seções com os seguintes títulos: *Histórico*, *Atualidades*, *Dados*

*Geraias, Distritos, População, Distância e Acesso às Principais Cidades, Economia, Clima, Principais Pontos Turísticos, Hino e Brasão.*

Antes de iniciarmos qualquer análise, consideramos destacar que as informações fornecidas por *sites* oficiais da esfera pública podem ser tomadas como instrumentos de poder e grande influência em decorrência do papel estratégico que exercem, com o dever de comunicar com transparência as informações de interesse público, pautadas nos princípios da verdade e idoneidade de seus agentes. Porém, se tratando da escrita da história, a aplicação do conceito de verdade ganha outros contornos, o das representações e intencionalidades. Desta forma, podem ocorrer variações ao longo dos anos, dependendo da orientação político-partidária de seus agentes e quais imagens pretendem valorizar e construir para o espaço municipal.

Como construção social, a produção da imagem da cidade está intrinsecamente ligada a representações e valores. Encontra-se, portanto, subordinada à visão de mundo daqueles autores que se impõem nos processos de produção do espaço e que são, ao mesmo tempo, aqueles que ocupam posição privilegiada para enunciar uma intenção de cidade. O projeto de cidade e ação material no espaço (urbanística, cultural, econômica), junto com uma intenção de cidade, que dá conteúdo ao discurso sobre o espaço. (SÁNCHEZ, 2007, p35)

Logo, a análise das informações disponibilizadas nos canais de comunicação oficiais da Prefeitura nos traz a noção de cidade que se pretende transmitir como hegemônica, e neste sentido:

(...)a noção de cidade (...) faz toda a diferença porque dependendo do significado político a ela atribuído será possível compreender o quê, quem e quais processos sociais, econômicos e urbanos nela são admitidos e / ou reconhecidos (...) (RODRIGUES, 2008, p.327 apud CARVALHO, 2011 p.23)

O primeiro texto que tomaremos para análise é o que estava disponibilizado até o ano de 2014 no site da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, sendo a seguinte apresentação da história local:

A colonização do território pertencente aos Municípios de Nova Friburgo e Cantagalo data do reinado de D. João VI, que autorizou, em 1818, a vinda de 100 famílias suíças, oriundas do cantão de Freiburg, para criação de uma “colônia”. Nomeado inspetor da povoação recém-formada, o Monsenhor

Pedro Machado de Miranda Malheiros, instalou a sede da colônia, sob a denominação de Nova Friburgo, em vista da procedência dos colonizadores. As primeiras levas de colonos suíços chegaram, em número de 30 famílias, em fins de 1819 e começos de 1820, depois de serem construídos os edifícios imprescindíveis à vida da colônia. A três de janeiro de 1820, considerando o progresso da colônia, baixou o governo alvará que concedia a Nova Friburgo predicamento de “Vila” e desmembrava suas terras da área de Cantagalo. A instalação da Vila verificou-se aos 17 de abril do mesmo ano, localizando-se a sede na povoação do Morro Queimado. Em 1823, foi incumbido o major George Antônio Scheffer de contratar na Alemanha a vinda de novos imigrantes para o Brasil, destinados às colônias de Leopoldina e Frankenthal, fundadas na Bahia em 1816. Os colonos foram desviados, porém, desses destinos e, por motivos ignorados, encaminhados para Nova Friburgo, onde chegaram a 3 de maio de 1824. Em 1831, terminou o sistema de administração especial da colônia, passando sua gestão à competência da Câmara da Vila. Mais tarde, com a chegada de imigrantes italianos, portugueses e sírios, acentuou-se o progresso da localidade, que a 8 de janeiro de 1890 era elevada à categoria de cidade. A partir de então, tem sido incessante o progresso de Nova Friburgo, determinado pela implantação de indústrias e pela afluência de turistas atraídos pela beleza natural da zona montanhosa e salubridade do clima privilegiado. (PMNF)

Porém, em outubro de 2014 foi reformulado (Anexo 1) e apesar de ser mais longo, pouco mudou a essência do discurso anterior. Podemos destacar pequenas alterações no conteúdo, sendo apresentados mais detalhes aos fatos anteriormente narrados, algumas informações complementares da história suíça-alemã e o acréscimo de dois parágrafos introdutórios que fazem uma pequena menção à população indígenas e negras.

Os indígenas e os negros são mencionados de forma desvinculada a história helvética. Recurso parecido, se não igual, já havíamos identificado no discurso de De Roure, que como aqui, constrói uma narrativa que liga os povos indígenas e negros a um período anterior a chegada dos suíços. Talvez o que podemos ver de mais excepcional nestes dois parágrafos seja a pequena citação da possível existência de um quilombo na região de Lumiar:

O local que hoje constitui o município de Nova Friburgo se estabeleceu em uma área indígena conhecida nos tempos do império como “sertão ocupado por várias nações dos índios brabos”. Os primeiros habitantes nativos da região eram povos das tribos Puri, Puri-Coroado e Guayacaz, que viviam em cabanas simples nas margens dos rios.

Os primeiros europeus que chegaram à região foram os portugueses, atraídos pelo cultivo do café, que se expandiu a partir de Cantagalo. Junto com eles, vieram os **escravos africanos** (grifos nossos), que trabalhavam na lavoura e nos serviços caseiros. No atual distrito de Lumiar, em Benfica, e em São Pedro da Serra, há evidências culturais de quilombos formados por negros e suas famílias, foragidos das fazendas de Cantagalo e da Baixada Fluminense. [...] (PMNF, 2022) [grifos nosso]

Além da curta referência aos dois grupos, destacamos o uso do termo “escravos africanos”, termo que compreendemos já estar superado, cabendo, desta forma, sua adequação para ‘escravizados’, como explica:

Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; SANTOS, 2012, p.8)

Outra referência que questionamos está no terceiro parágrafo, que coloca os africanos e afrodescendentes na mesma condição de imigrantes e colonos que os europeus: “Além dos portugueses, africanos, suíços, alemães, sírios e italianos, presentes na cidade, outros imigrantes chegavam do Japão, Espanha, Hungria, Áustria e Líbano. Nova Friburgo tornou-se assim a única cidade do país colonizada por dez nações” (PMNF, 2022). O problema desse parágrafo está que ao alçar os africano e afrodescendente à categoria de imigrante e colono junto com os demais grupos se desconsidera o processo de traslado forçado e involuntário a que foram submetidos. O texto exclui a relação conflituosa e violentas a que foram submetidos os negros, trazendo uma sensação de homogeneidade da sociedade local, harmonizada e livre de tensões.

Numa avaliação geral, podemos dizer que o texto de apresentação da história municipal disponibilizado pela Prefeitura em seu *site* segue um caminho de uma história não problematizada e não inclusiva, mostrando fortes continuidades e traços das ideologias que influenciaram a produção da imagem da cidade vinculada à ideia de uma Suíça brasileira. O texto se estrutura em três concepções:

[...] sendo elas a História enquanto “mestra da vida”, carregada, por exemplo, do discurso do pioneirismo; a presentista, voltada às realizações de um curto recorte, via de regra correspondente ao mandato da gestão atual; e, ainda, a teleológica, estruturada numa projeção das demandas e dos acontecimentos das conquistas políticas (científicas, morais, etc.) representadas nos programas políticos. A análise dos discursos históricos pauta-se nessas formas de história representadas. A discussão se complementa com o estudo das formas de escrita e suas figuras de linguagens. (PAGLIARINA JUNIOR, 2017, p.255)

Ainda dentro do *site* da Prefeitura, outros campos chamam a atenção para nossa problemática. No campo População são apresentados os dados do Censo 2010 do IBGE (2012) apenas referente ao número total da população, e sua divisão por gênero e população urbana e rural. Ficamos com a pergunta: por que não são apresentados os dados referentes à composição étnica e religiosa da cidade? Como não foi dito no *site*, lembramos aqui que na pesquisa do IBGE 2010 72,01% se declara branca, 18,95% parda e 8,47% preta - números que nossos entrevistados questionam por entenderem que muitas pessoas pretas se autodeclaram brancas ou pardas como uma forma de evitar as ações do racismo, de exclusão e preconceito.

Outra informação que chamamos a atenção é no campo Principais Pontos Turísticos, dos 17 pontos listados, 16 fazem referência e principais vínculos com a história e cultura europeia e apenas um se relaciona com a negritude, o Jardim do Nêgo<sup>9</sup>.

Aproveitando a menção anterior ao turismo e tomando como referência os dois únicos panfletos (Anexo 2) fornecidos pelo Centro de Turismo de Nova Friburgo quando solicitado material sobre a cidade, podemos ver um emparelhamento entre o discurso de apresentação da cidade no *site* e o usado para fins das atividades comerciais turísticas. Neste sentido, podemos também entender a escolha dos elementos constituintes dos discursos dentro da lógica mercadológica, onde os discursos têm a intencionalidade de vender a imagem da cidade, se enquadrando dentro do conceito de cidade mercadoria de Fernanda Sánchez (2010). A autora completa com a ideia da constituição das cidades como centros de consumo privilegiado dentro de uma “sociedade de consumo dirigido” (SÁNCHEZ, 2010). No caso friburguense foi criada uma cidade marca, a Suíça-brasileira, e se fortalece essa imagem atrelando a produtos como cervejas artesanais, lingerie, gastronomia típica europeia, produção de queijos e chocolates suíços, arquitetura com referências helvéticas, etc.

Não gostaríamos de adiantar as falas dos nossos entrevistados, mas não vejo momento mais oportuno para apresentar a avaliação da Maiara Felício:

É a narrativa do cachorro, do cachorro de Pedigree que quer contar, quer mostrar para o outro, que existe uma elite aqui. Esse é o recado, nós não fomos manchados com a miscigenação aqui, nós somos a Suíça brasileira, nós não temos essa mistura aqui. Nosso título é de Suíços. E a partir dessa narrativa a gente entende que não tem preto aqui, não tem nada melhor do que o Suíço aqui. E é o apagamento. [...] Turista paga para ver branco em Nova Friburgo! Paga pra ver aquela galera vestida com aquelas roupinhas, tomando cerveja artesanal. (FELICIO, 2020)

<sup>9</sup> Geraldo Simplício, mais conhecido como Nêgo, é um escultor afrodescendente cearense, morador de Nova Friburgo desde 1969. Nêgo transformou seu sítio na estrada Friburgo Teresópolis em um museu ao ar livre, com esculturas feitas no barro dos barrancos e cobertas por musgos.



Num país marcado pelo racismo estrutural, a construção da identidade, imagem e espaços pode ser lida como mera abstração, esvaziada de seu conteúdo social, “muitos dos mais profundos traços de sua história social, política e espacial podem ter sido dispensados no desenho dessa transparência simplificadora da cidade tornada marca.” (SÁNCHEZ, 2010. p.69)

### **1.2.2 História oficial e a presença negra: suas relações com o turismo cultural na perspectiva de um Guia de Turismo**

Dentre as diversas vertentes do turismo exploradas no município de Nova Friburgo, tais como o turismo gastronômico, de aventura e ecoturismo, tomaremos como objeto de análise a do turismo cultural - histórico. A escolha considera que o segmento tem como atrativo principal a história local, utilizando como recursos a narrativa de fundação da cidade, personalidades e eventos considerados relevantes, além dos patrimônios arquitetônico e paisagístico.

Pode-se perceber a amplitude que a atividade turística possui e que, ela remete a uma série de tipologias de turismo. E a tipologia de turismo que dialoga com o patrimônio cultural se refere justamente ao turismo cultural, que estaria relacionado a todo turismo cujo principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. (BARRETTO, 2001, p. 57).

O interesse em inserir em nosso trabalho uma análise sobre o discurso trabalhado na área de turismo parte do entendimento que essa narrativa constitui forte influência na construção da imagem da cidade e também por ser responsável pela circulação e divulgação de informações de cunho histórico, não somente aos turistas externos, mas entre os próprios moradores. Se considerarmos que não há uma política de memória no município e nem um ensino e debate que abordem a história regional/local, acaba que, na maioria dos casos, um dos únicos contatos que os moradores acabam tendo com a história da sua cidade é através do trabalho oferecido por órgão e empresas do ramo turístico.

Entendemos que o turismo é uma atividade complexa, que envolve várias instâncias comunicativas. Poderíamos analisar o discurso dos políticos sobre o turismo, o discurso do turista sobre a experiência na cidade de Nova Friburgo, dentre outras perspectivas, sendo que todas elas vão estar marcadas por forças ideológicas. Como já mencionado, o material de divulgação da Secretaria de Turismo se resume a dois panfletos, sendo assim, demasiadamente simples para podermos desenvolver qualquer debate e análise mais pormenorizada. Desta

forma, foi consultada a Associação de Guias de Turismo de Nova Friburgo - ASCIGTUR<sup>10</sup>, representada pelo guia de turismo Thiago Pinto da Silva<sup>11</sup>, um dos diretores da área de marketing e relações públicas. A Associação foi escolhida por sua atuação muito representativa e marcante nas atividades e projetos na área do turismo da cidade, tais como, cadastramento de guias locais, capacitação e atualização dos profissionais, parceria com agências de outras cidades, reestruturação dos equipamentos de suporte e implementação de novos roteiros.

Os guias de turismo, aqui representados pelo Thiago, não são apenas profissionais que recepcionam e auxiliam os turistas nos deslocamentos dentro da cidade. Na verdade, essa tarefa é apenas parte de um processo maior de mediação entre os moradores e visitantes, de construção direcionada do olhar do visitante sobre a cidade:

Os guias são mediadores culturais e não apenas prestadores de serviços, pois mediam entre o olhar turístico e o seu objecto, possuindo o sistema de referências nativas e também alguma da cultura dos turistas, o que lhes permite explicar o local ao global escolhendo os elementos que mais lhes interessam para criar um discurso. Criam um espelho para os visitantes, actuam como intérpretes, são persuasivos e mostram os “mapas” da região. (PÉREZ, 2009, p.42 -43)

Os roteiros turísticos culturais apesar de se apresentarem como a verdadeira identidade de um grupo social, não passam de versões elaboradas num vasto campo de luta simbólica, que se expressa numa estrutura ideológica materializada em narrativas, edificações, monumentos, paisagens, eventos e manifestações artísticas. Podemos também nos referir aos roteiros como construções de representações, que no caso friburguense, segundo o guia Thiago, “fica muito agora focado é na parte branca da história, que é a parte dos Suíços e agora a gente tá valorizando mais a questão dos alemães” (SILVA, 2022).

Deste modo, podemos afirmar que o turismo funciona como um aparato de afirmação política, originando políticas de representação que utilizam e manipulam símbolos com o objectivo de reforçar os modelos de dominação e

---

<sup>10</sup> Associação de Cicerones Guias e Prestadores de Serviços de Turismo de Nova Friburgo

<sup>11</sup> Thiago possui Licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia Santa Doroteia - Nova Friburgo; cursos de extensão em História da Arte e Antropologia; Pós Graduação em História Contemporânea do século XX no Instituto de Humanidade da Universidade Cândido Mendes.

Sua formação em Turismo foi posterior a de História, iniciando com o Curso Técnico em Turismo e Agentes de Viagem do Colégio Estadual Professor Jamil el Jaick. Após o término, a habilitação para Guia de Turismo foi concedida após realização de uma carga horária complementar de 6 meses. Thiago atua como profissional de Turismo desde 2014.

controle políticos e que, inevitavelmente, expressam e defendem sempre os interesses de alguns apenas. (PÉREZ, 2009, p.16)

A apropriação da narrativa da história local por setores do turismo também visa e resulta de interesses econômicos. Neste sentido, enunciados como “Friburgo a Suíça Brasileira” e “Friburgo, a única cidade criada por decreto real” resultam do intuito de diferenciação da cidade, uma estratégia de atrair novos públicos pela oferta de um produto distinto no mercado.

Nesse contexto, os bens culturais passam a ter seu interesse ampliado como referências de identidades, mas, ao mesmo tempo, aproximam-se da noção de mercadoria, associando os referenciais de identidade à possibilidade de seu consumo. Passam a representar um poder e um status diretamente ligado ao mercado, adquirindo um valor simbólico a ele associado (MOTTA, 2000, p.261 apud FIGUEIREDO, 2006, p.77)

A referência generalizada aos traços identitários europeus acaba por forjar no imaginário do turista e da própria população a ideia de uma unidade estética, ética, cultural e religiosa do cidadão friburguense, o que implica num processo de exclusão de outras referências históricas presentes no município. Thiago quando questionado sobre a abordagem relativa à participação dos negros na história de Nova Friburgo informa que “é muito pouco explorado pelo turismo aqui na cidade. Vou até ser sincero, quase zero (SILVA, 2022).

As poucas referências à presença negra em Nova Friburgo no principal roteiro turístico oferecido pelos guias da ASCIGTUR, que contempla o centro da cidade e regiões adjacente, são três, sendo apenas breves apontamentos: a Praça Marcílio Dias onde era o Largo do Pelourinho, o porão da antiga residência do Barão de Nova Friburgo que era uma senzala e a história “dos suíços que tiveram contato com os negros e não teve nenhum atrito em Lumiar<sup>12</sup> (...) isso aí é a parte romântica que a gente conta” (SILVA, 2022).

O roteiro na Vila de Amparo, 4º distrito de Nova Friburgo, é apontado com maiores oportunidades para se abordar a presença negra em Nova Friburgo. Thiago menciona a possibilidade de inserir a questão do plantio de café por escravizados, a existência de antigos blocos carnavalescos negros, como o *Octávio e Carolina*, e a existência de um busto em homenagem ao professor José Monteiro na praça da Vila, que segundo nosso entrevistado seria

---

<sup>12</sup> Pesquisas como as de Gioconda Lozada e Rodrigo Marreto mencionam que na região de Lumiar havia um Quilombo com negro advindos da grande Nova Friburgo e até de Minas Gerais. As informações documentais são os relatos dos suíços que relatam que ao se deslocarem para a região procurando por melhores terras teriam tido um encontro com esses negros aquilombados. Não há um consenso sobre o desfecho desse encontro que resultou na saída dos negros e estabelecimento dos suíços, alguns mencionam que houve um conflito e outro que os negros e suíços teriam chegado a um acordo amistosos.

um homem preto. Porém, a principal questão trabalhada dentro do roteiro turístico do distrito no tocante aos negros é a sua relação com as famílias descendentes de suíços e seguidoras da doutrina Kardecista: “E essa questão do Amparo realmente que é o pessoal do Centro Espírita do Amparo que fala que lá no Amparo eles realmente alforriaram os escravos antes da abolição da escravatura. E mesmo quando falam que existiu escravo eles falavam que o tratamento era diferente, era mais humanizado” (SILVA, 2022).

Ao passo que existe uma tendência das narrativas do turismo proporem um imagem que se aproxime de um sentido de verdade, de representação fiel de uma realidade, Thiago mostra um cuidado diferenciado ao mencionar que alerta os turistas de que essa narrativa é apenas uma das que chegaram a ele: “eu sempre falo: ‘gente, essa é a versão da família *Gripp*, é a versão dos espíritas. A gente não tem a versão do negro, entendeu?’” (SILVA, 2022). Além das contribuições feitas pela família *Gripp*, também são mencionadas as das famílias *Jaccoud e Alves da Costa*, “basicamente uma história oral que passaram para gente essas famílias” (SILVA, 2022). Thiago também menciona essa narrativa de relações pacíficas entre brancos e negros escravizados nas falas de outras famílias, nestes casos de descendentes alemães na região de Lumiar, das famílias *Marchon, Owerney e Bossiger*.

No próximo tópico, quando analisarmos a entrevista da pesquisadora Janaína Botelho, também encontraremos mais casos em que os descendentes brancos apresentam as relações de seus antepassados com o período da escravidão de forma mais branda, por vezes através de um discurso pacificador, parecido com os apresentados ao Thiago, ou até mesmo pela negativa e omissão.

Em todos os casos não nos interessa julgar a veracidade das falas, porém podemos perceber um esforço, um cuidado, no sentido de se associar uma imagem positiva aos familiares.

Numa análise geral, a partir do relato do guia de turismo Thiago Silva, percebemos que dentro da atividade turística no município de Nova Friburgo a cultura e história da população negra não possui nenhum roteiro ou atrativo que as destaquem e valorizem. As menções, quando feitas, são sempre atreladas ao discurso hegemônico da história europeia e branca suíça-alemã, que enquadra o africano e afrodescendente no mesmo papel secundários e subordinado, de escravizado. As poucas referências, o lugar onde era o pelourinho, a senzala e o quilombo, tornam muito atual a frase do abolicionista Joaquim Nabuco, que dizia: “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil.” (NABUCO 1900).

A partir de alguns aspectos do turismo podemos perceber mais um dos alcances do racismo estrutural e institucional, exercido através de políticas de embranquecimento e higienistas, que ocultam narrativas, como algumas que iremos apresentar no Capítulo 3, sobre

a contribuição e participação da população negra para a construção e desenvolvimento da cidade.

### **1.2.3 A História que se escreve nos jornais e na internet: dimensões da história pública a partir das pesquisas de Janaína Botelho.**

É muito significativo o avanço da história sobre os meios de comunicação para um público não especializado, na forma de artigos em jornais, publicações em redes sociais, *sites*, documentários em plataformas e coleções de livros e revistas. Desta forma, tomaremos como referência para nossa próxima análise o conceito de História Pública, no sentido de se considerar múltiplas as possibilidades, instrumentos e espaços para a produção e a divulgação do conhecimento histórico. No tocante ao debate referente à diversidade profissional possível de operar no campo da História Pública, tais como jornalistas e memorialistas, vamos nos restringir aos historiadores que atuam para além dos limites acadêmicos, no mesmo sentido apresentado por Robert Kelley de História Pública como: “o trabalho de historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e até mesmo em espaços particulares.” (KELLY, 1976, p.1).

Neste momento, tomamos como referência a produção de Maria Janaína Botelho Correia (que durante a entrevista declarou que prefere ser chamada apenas de Janaína Botelho em decorrência a extensão do seu nome) considerando sua grande notoriedade entre a comunidade friburguense construída a partir das suas pesquisas sobre história local e regional publicadas em meios de comunicação da cidade, redes sociais e plataformas *web /sites*. Tomamos a escrita da história friburguense feita por Janaína, no âmbito da História Pública, como uma forma diferenciada de inserção do conhecimento na sociedade, comunicando para públicos que não se limitem a seus pares. A produção de Janaína se enquadra na definição de Bruno Leal (2017) que entende a “História Pública como uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos”, (CARVALHO 2017)

Janaína Botelho nos informa durante sua apresentação que sua formação inicial foi jurídica, mas, a partir de um desejo pessoal de lecionar, cursou uma especialização e mestrado em História na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). A partir dessa última formação lecionou História do Direito brasileiro, História geral do Direito e História da Alimentação na Universidade Cândido Mendes.

Nosso interesse principal pelo trabalho de Janaína perpassa pela análise de sua bibliografia, que além de dois livros consagrados, *O cotidiano de Nova Friburgo no final do século XIX: prática e representações sociais* (2008) e *História e memória de Nova Friburgo* (2011), inclui uma série de artigos no principal jornal da cidade, *A Voz da Serra*, documentários para TVs locais e também publicações em *sites*, *blogs*, jornais digitais, redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e plataforma *Youtube*. Além de seu extenso trabalho nos chamar a atenção, também fomos atraídos por outros aspectos: a linguagem empregada e a grande variedade de temas abordados.

Sobre a linguagem, Janaína assume possuir uma atuação fora do campo acadêmico, não estando ligada a nenhuma linha de pesquisa nem a nenhuma Universidade. Neste sentido, sua “proposta é uma linguagem mais simples para que a população entenda e tenha prazer de ler alguma coisa sobre a história” (BOTELHO, 2022). Apesar dessa identidade declarada como não acadêmica, isso não implica num afastamento total das responsabilidades do ofício do historiador, tais como, o compromisso com as fontes, análise crítica e o uso do método. Os trabalhos que publica resultam de pesquisas em arquivos e jornais de época, entrevistas, consultas a bibliografia especializada e diálogo com outros pesquisadores, segundo a entrevistada, podendo servir de “instrumento, de fonte para um futuro trabalho mais acadêmico” (BOTELHO, 2022).

Porém, o que nos chamou mais atenção no trabalho de Janaína Botelho, e acaba sendo objeto de maior interesse para o nosso trabalho, foi a grande ocorrência de textos e documentários audiovisuais que abordam especificamente temas ligados à história e memória dos negros em Nova Friburgo. O enquadramento da cidade como um espaço complexo e diversificado, não somente com brancos descendentes de europeu, fica evidente também a partir das publicações que abordam os temas mais tradicionais da cidade, ligados a imigração suíço-alemã. Nestes, Janaína por diversos momentos, cita a presença do negro escravizado e contextualiza a cidade tal qual a sociedade do século XIX, baseada nas relações escravagistas e latifundiárias:

(...) por esse plantel de escravos a gente vê que Friburgo realmente era uma sociedade como outra qualquer. Quando ela perdeu São José do Ribeirão para Bom Jardim, perdeu Paquequer para Sumidouro que acabou se emancipando, tem-se a impressão que a população é majoritariamente branca e não tem escravidão, mas não é o caso. Friburgo foi uma sociedade escravocrata como uma outra qualquer. (BOTELHO, 2022)

Esse foco maior numa escrita mais direcionada para um público não especializado, com temáticas diversificadas e inclusivas, que contemplam negros e indígenas, vai de encontro com um impulso de democratização do saber, respondendo à crítica de Maiara Felício (2020), de que “A gente tá vendo uma discussão acerca disso né, sobre a história de Negritude daqui de um lugar muito Acadêmico” (FELICIO, 2020). Neste sentido, a produção de Janaína se enquadra na leitura de Almeida & Rovai (2011) acerca da História Pública:

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p.7)

Como já mencionamos, a produção<sup>13</sup> da nossa entrevistada acerca do negro em Nova Friburgo é extensa, no site do jornal *A Voz da Serra* identificamos 47 publicações e no jornal eletrônico *Portal Serra News* 4, sem contar seus trabalhos no áudio visual que iremos abordar no capítulo 2. Durante a entrevista Janaína destacou alguns casos e aspectos que considerou mais relevantes para nosso tema, mas marcando que seu recorte temporal é o século XIX, apesar de encontrarmos textos referentes ao século XX. Geograficamente trabalha uma área maior que a atual Nova Friburgo pois considera os limites que o município possuía no século XIX:

(...) meu recorte temporal seria o século XIX em Nova Friburgo, mas também eu entro na região serrana porque Friburgo no século XIX era três vezes maior do que hoje. Friburgo fazia limite com Minas Gerais. Hoje, onde é o distrito de São José do Ribeirão, que é distrito de Bom Jardim, era Freguesia de Nova Friburgo. Boa parte de Teresópolis também foi a freguesia de Sebastiana de Nova Friburgo, e onde é o município de Sumidouro era Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer. Então Friburgo tinha toda essa extensão que perdeu. Hoje, em relação ao século XX, ela perdeu um terço do seu território (BOTELHO, 2022)

<sup>13</sup> A desigualdade quanto ao número de publicações entre um jornal e outro se explica pelo período de atuação de Janaína em cada um. Ela colaborou por 16 anos para o jornal *A Voz da Serra*, vindo a se desligar em 2020 após ter tido uma de suas matérias censurada. A publicação intitulada “Um escândalo em Nova Friburgo: o caso Alberto Braune” mencionava o caso do famoso farmacêutico Alberto Braune, que hoje dá nome à principal rua da cidade, que teria engravidado uma jovem negra. O artigo apresenta os principais noticiários da época, incluindo as notas de defesa de Alberto Braune, que faz declarações racistas contra a moça, a chamando em um dos momentos de “negrinha”. A censura foi feita a partir da solicitação dos descendentes do farmacêutico.

O artigo pode ser lido na íntegra no Portal Serra News, jornal eletrônico que Janaína passou a colaborar a partir de junho de 2021.

[Um escândalo em Nova Friburgo: o caso Alberto Braune – Serra News | Portal de Notícias \(serranews.rj.com.br\).](http://serranews.rj.com.br)

Esse recorte temporal e geográfico acaba levando o debate acerca do negro para o campo da história da escravidão e dos processos de resistência e revoltas. Janaína quando perguntada acerca das fontes que utiliza para pesquisar o negro na sociedade friburguense dos oitocentos, primeiramente cita o censo de 1872, documento que apresenta a distribuição dos escravizados pela antiga Nova Friburgo:

(...) por esse censo de 1872 a gente via que a maior concentração da população escravizada era na Freguesia de São José do Ribeirão, essa que eu mencionei que hoje é distrito de Bom Jardim, em seguida de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, em número de população escrava, que hoje é o município de Sumidouro, e aí depois vem a própria vila de Nova Friburgo e depois Sebastiana, que seria hoje uma boa parte de Teresópolis, era a que tinha a menor população escrava porque a parte mais alta de Friburgo são as chamadas terras frias, então ali você não podia plantar café, então ali era mais verduras, tinha muita criação de mulas, muitas propriedades. (BOTELHO, 2022)

Outra fonte mencionada é o *Jornal do Commercio*, onde encontra “muita coisa ali, muita coisa sobre prisão, sobre fuga de escravos, sobre revolta de escravos.” (BOTELHO, 2022).

A terceira fonte é o que nossa entrevistada chama de “memória oral”, são os depoimentos de descendentes das famílias donas de fazendas, descendentes de escravizados e da população local antiga em áreas rurais. No caso dos descendentes dos proprietários, Janaína menciona dois casos em que as atuais proprietárias durante a entrevista demonstraram desconforto em mostrar os instrumentos de tortura que existiam nos porões das suas casas. Num dos casos a negação foi pelo medo que a proprietária tinha da reação do Movimento Negro, achando que poderiam agredi-la por ainda guardar aqueles objetos, demonstrando um total desconhecimento de que a proposta do Movimento Negro é a luta contra o racismo por vias não violentas, mas pelo diálogo, atuação política, social e cultural. Essa imagem dos brancos sobre o Movimento Negro impactou também em uma de nossas entrevistadas, segundo Maria Christina:

Eu me lembro que eu fui algumas reuniões, fiz parte do MNU, mas infelizmente a minha mãe não entendeu. Minha mãe [que era branca], que me criou, achava que esse movimento ia me colocar contra eles. Por mais que eu explicasse que não, que não era esse o objetivo...que era só a minha valorização...Mas não entendeu e realmente eu não fui adiante com esse movimento. Eu me lembro que uma das coisas que fez eu não me engajar completamente foi isso, deu um conflito dentro de casa, ela achava que esse Movimento ia me separar da família, criar conflitos [...](SILVA, 2021)



No segundo caso, ouvimos o que teria sido a fala da senhora que morava em outra fazenda: “vai ser tão chato mostrar que a minha fazenda tem isso”; segundo Janaína uma manifestação da “vergonha de conservar e também de ter uma fazenda cujos ancestrais fizeram uso daqueles objetos que estão ali” (BOTELHO, 2022).

Ainda comentando as fontes citadas pela historiadora, temos os livros dos memorialistas, com as histórias de famílias descendentes de suíços e alemães. Estes relatos repetem o tom das narrativas apresentadas ao nosso entrevistado anterior, o guia Thiago Silva, no sentido de trazer uma imagem pacífica e benevolente dos ancestrais para com seus escravizados. Ao longo de toda a entrevista foram mencionados três relatos muito parecidos:

**Relato 1:** “(...) quando falam da escravidão todos eles têm o mesmo discurso: ‘Ah! Os meus ancestrais eram muito bons para os escravos, todos eles eram muito bons. Eles eram muito bem tratados, não é igual ao que se vê aí não’.

**Relato 2:** (...) ‘A escravidão realmente é uma coisa horrível, mas na fazenda do meu tataravô, do meu bisavô eles eram muito bem tratados’

**Relato 3:**(...) ah, nós tínhamos escravos, mas eles eram muito bem tratados, tanto é que quando acabou a escravidão muitos voltaram, ou quiseram voltar, ou foram embora e depois voltaram porque eram bem tratados. (BOTELHO, 2022).

Mas como mencionamos anteriormente, Janaína não fica restrita ao século XIX, e quando aborda o século XX mostram os impactos e a continuidade das relações de submissão e desigualdade as quais o negro esteve submetido quando no cativo e ainda permaneceu exposto mesmo após sua libertação.

A historiadora apresenta uma série de casos que pesquisou, alguns já publicados e outros ainda inéditos, que mostram uma Nova Friburgo que não possui nada de excepcional conforme a narrativa oficial apresenta a cidade, longe de ser um paraíso europeu e de trabalhadores livres. Apesar dos casos se referirem a acontecimentos no município e arredores, as histórias são de um Brasil marcado pela forte presença de relações racistas, violentas e abusivas estruturadas numa lógica muito parecida, senão igual à vigente no período escravista.

Os casos<sup>14</sup> da “moça negra que morava no quartinho no fundo da casa e que acabava tendo relações sexuais com o pai e todo mundo sabia”; “das velhas crias da casa, antigas escravas que permanecem”; da “ rua de trás” para os negros não passarem pelo principal; os

---

<sup>14</sup> Janaína informa que por implicações profissionais e a pedido de alguns depoentes as matérias dos casos referidos neste comentário não foram publicadas.

bailes de brancos e de negros em Lúmiar, mostram uma Nova Friburgo pouco suíça e muito brasileira. Podemos destacar a afirmação de Flávio dos Santos Gomes e Olívia Maria Gomes da Cunha (2007, p. 11), sobre o assunto:

(...) a sujeição, a subordinação e a desumanização, que davam inteligibilidade à experiência do cativo, foram requalificadas num contexto posterior ao término formal da escravidão, no qual relações de trabalho, de hierarquias e de poder abrigaram identidades sociais se não idênticas, similares àquelas que determinada historiografia qualificou como exclusivas ou características das relações senhor - escravo. (CUNHA, 2007, p.11)

Outra prática comum no Brasil que o trabalho de Janaína deixa evidente é o apagamento das personalidades negras. Antes de suas reportagens poucos sabiam que Friburgo teve um prefeito negro, o Drº Feliciano Costa, que exerceu dois mandatos, “ o primeiro oficial negro da Marinha”, que “ fazia campanha dizendo isso ‘*não vote em branco, vote de mim*’” (NADER, 2021); e um pugilista campeão nacional, Felisberto de Oliveira, o Pantera Negra.

A questão racial em Nova Friburgo também é apontada na história dos tradicionais clubes da cidade, como o extinto Clube dos 50 e o Nova Friburgo Country Club, hoje referência para o turismo, com sua área de parque e jardins batizados de Parque São Clemente:

Friburgo também era uma sociedade muito racista, o Country Club é um clube originário desse racismo. (...) Criaram o Clube dos 50, um clube restrito para que as pessoas não se misturassem nesses clubes sociais. (...) na época a admissão do clube [Country] era caríssima (...) E o argumento foi esse: “a gente tá fazendo um clube para as nossas filhas não se misturarem com o resto das pessoas”. (BOTELHO, 2022)

Outra fala, a de Maria Christina, vai no mesmo sentido, de entendimento dos clubes sociais da elite como espaços de segregação racial e discriminação:

(...) por eu ter sido criada por uma família branca e de classe média não alta, mas com uma certa renda, eu entrava em todos os locais. A SEF eu frequentava, os meus pais eram sócios da SEF e a minha mãe também era uma leoa, me defendia em tudo. Inclusive ela conta o que aconteceu comigo em relação a Campos. Eu devia ter meus sete anos, acho que sete para oito anos, e teve um baile na em Atafona, Campos. E na hora, por eu ter sido criada por uma família branca, fomos todos para o clube, e quando chegou lá, o cara me barrou e falando com a mamãe e seguinte, que eu só poderia entrar se eu tivesse uma criança, ou seja, eu só entraria se eu fosse babá. E aí mamãe fez um escarcéu e acabou que eu entrei. Então sempre essas

coisas de racismo, quando aconteciam, a mamãe muito me defendia né.  
(SILVA, 2021)

Poderíamos ainda citar mais casos e episódios já publicados por Janaína Botelho, mas essa breve amostragem já deixa evidente que os estudos sobre os negros em Nova Friburgo constituem um território com grande potencialidade para o pesquisador que busca novos temas. Além disso, a informações de que sua coluna estava sempre entre as mais lidas no jornal *A Voz da Serra*, a continuidade dos seus programas documentais nas TVs locais, o forte engajamento nas plataformas e redes sociais podem apontar para uma forte demanda e interesse da população por uma história da cidade diferente da tradicional versão europeia. Muitos interlocutores negros com quem conversamos durante o desenvolvimento dessa pesquisa, na falta de informações sobre seus familiares para contar, citam os trabalhos da historiadora como referência identitária e histórica do seu grupo. Neste sentido, segundo Carvalho (2016), podemos tomar a História Pública junto com as redes sociais não apenas com a função de divulgar o conhecimento histórico, mas também com enorme poder de colaboração popular, integrando os diversos segmentos da sociedade na construção do conhecimento:

(...) a história também pode ser escrita de forma mais próxima das grandes massas, dos anônimos, dos não historiadores, das camadas sociais que durante tanto tempo se viram como uma voz silenciada na historiografia. A partir do momento em que o historiador lança mão das redes sociais para compartilhar o saber histórico produzido no âmbito acadêmico, ele possibilita ao grande público produzir críticas, elaborar falas e até mesmo contribuir para a construção continuada deste saber, afinal de contas, as redes sociais, mais do que meros pontos de difusão do conhecimento, permitem o diálogo, a interlocução, o contar histórias e “estórias”, permitem, inclusive, a descoberta de documentos históricos que dificilmente seriam encontrados por meio de pesquisas convencionais. (CARVALHO, 2016, p. 42 e 43)

Trabalhos como o de Janaína Botelho, pautados na responsabilidade dos usos do passado e orientados por procedimentos científicos e metodológicos, ajudam a valorizar a História Pública frente às acusações de uma possível falta de rigor. Além disso, nos atuais tempos em que a internet é invadida por uma enxurrada de informações falsas e sem consistência:

A presença dos historiadores nas redes sociais na Internet é ainda mais desejável porque esses espaços são frequentemente inundados por conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo

mal-intencionados. Ocupar estes espaços com editores comprometidos com a circulação e a recepção responsável do saber histórico é fundamental para combater a entropia que ameaça boa parte da Internet. (CARVALHO, 2016, P.41)

## 2 PENSANDO A HISTÓRIA ORAL

Este capítulo tem por objetivo apresentar parte da trajetória da História Oral, o seu precursor internacional e as primeiras iniciativas no Brasil, neste último, dando destaque para as iniciativas ligadas à temática que circula esta pesquisa, o negro na sociedade brasileira. Segundo Ribeiro (2011), “abrir um debate sobre a trajetória da História Oral enquanto método e teoria amplia os conhecimentos daqueles que estão engajados em alguma produção científica.”

Consideramos relevante esse resgate dos caminhos da História Oral uma vez que entendemos que uma pesquisa não surge ao acaso. A escolha e fusão do tema a essa teoria e metodologia acontece a partir da observação de estudos anteriores que já mostraram resultados relevantes e a sua viabilidade em termos de produção de conhecimento.

Como será apresentado a seguir, a História Oral ao longo dos anos mostrou possuir um caráter excepcional para os estudos de grupos oprimidos, dominados e invisibilizados. Desta forma, este trabalho de História Oral nasce como muitos outros, segundo Alessandro Portelli, no desejo de:

ouvir aqueles que não foram ouvidos – as pessoas comuns, os trabalhadores, os pobres e os marginalizados, os homossexuais, os negros, as mulheres, os colonizados. Em nossa área de atuação, a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros – e, sem exceção, muito especiais -, é igualmente importante e necessária.” (PORTELLI, 1997)

Compreender o contexto a partir do qual é construída e desenvolvida a metodologia e teoria de uma pesquisa e a sua potencialidade para o estudo de um tema, é também articular e criar pontes de diálogo entre os aspectos do micro e do macro, é ampliar as possibilidades de análise e compreensão de eventos e personagens para além dos limites de tempo e espaço escolhidos para o estudo.

A construção de *Teia Serrana* (2003), livro com grande variedade de temas desenvolvidos a partir de novas pesquisas em Nova Friburgo, segundo João Raimundo de Araújo, parte desse princípio, de:

[...] compreensão de que a identidade e caracterização do município estão ligadas a uma rede de fenômenos nacionais e internacionais. Enfim, não obstante as particularidades de Nova Friburgo, é necessário compreender a sua história como parte do conjunto. A arte dos historiadores consiste justamente em revelar a complexidade desta relação do local com o global (ARAÚJO, 2003, p13)

Nenhuma pesquisa e estudo se encerra em si, há um constante movimento na construção dos saberes que é articulada através de um processo interativo. No caso de grupos étnicos como os negros, que foram durante anos oprimidos, discriminados e subjugados, a sobrevivência de suas memórias e identidades foi muitas vezes assegurada por redes de resistência e solidariedade organizadas em pequenos grupos, como práticas e tradições mantidas no âmbito familiar e passadas de forma oral de geração a geração.

Articular as informações, descobertas e qualquer tipo de conhecimento é vislumbrar a possibilidade de aprofundar e de enriquecer os aspectos teórico-metodológicos da História Oral e para a comunidade negra, criar pontes e conexões para o fortalecimento de um sentido e sentimento de coletividade. Falar dos negros de Nova Friburgo implica uma discussão além da história local, envolve pensar múltiplas dimensões de um fenômeno complexo existente em todo o território nacional.

## **2.1 Da trajetória internacionais aos estudos do negro no Rio de Janeiro.**

O que conhecemos como tradição oral é uma prática muito antiga, ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A história surgiu contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar nosso passado (MATOS; SENNA, 2011). Nas palavras do britânico Paul Thompson,

O termo *História Oral* é novo, assim como o gravador de fitas, e traz implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato, a História Oral é tão antiga quanto a própria História. Ela foi a primeira forma de história (THOMPSON, 1972).

A história, segundo Philippe Joutard, a partir do século XVII, constituiu-se cientificamente, em oposição a essa tradição oral. Esse paradigma histórico tradicional foi reforçado ainda mais pelo cientificismo do século XIX, quando historiadores como Ranke

acreditavam na possibilidade de reviver o passado narrando os grandes feitos, fatos políticos e trajetórias heroicas, tal qual aconteceu, de forma objetiva e sem a necessidade de uma interdisciplinaridade (RIBEIRO, 2011).

As críticas a tal concepção de história estavam situadas no ataque geral às bases epistemológicas em que ela estava assentada. Os responsáveis pela crítica ao paradigma histórico tradicional foram os membros da primeira geração dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, ao propor uma nova maneira de pensar a história. A essa postura crítica ao tradicionalismo somavam-se também o repúdio às noções de verdade absoluta e objetividade. Essa ruptura possibilitou o desenvolvimento de temas diferentes e inovadores, surgindo uma nova historiografia que se preocupava com tudo, com os mais variados temas, em que não havia paradigmas, e a história seria subjetiva, ao contrário da história tradicional (BURKE, 1992). Nesse momento, percebe-se simultaneamente a crise da história e da escrita da história, uma crise no ofício do historiador e de sua relação com a sociedade.

A reintrodução e o advento da História Oral aconteceram nesse contexto, no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos. A primeira experiência da História Oral, como uma atividade organizada, é de Allan Nevins, da Universidade de Columbia de Nova York, que, em 1948, fundou o Oral History Program, um núcleo que reunia arquivos de fontes orais e elaborava projetos pioneiros na área - inclusive Nevins foi quem cunhou o termo *História Oral* (RIBEIRO, 2011). A partir de Nevins, outros historiadores passaram a constituir suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários no campo da oralidade, reintroduzindo, assim, os agentes minoritários nos grandes processos históricos, com novos instrumentos analíticos e fontes, alterando a perspectiva historiográfica e deixando em segundo plano o quantitativo.

A História Oral foi motivada também pelo advento das tecnologias de comunicação pós II Guerra, como o gravador e outras formas de registros audiovisuais.

Marieta de Moraes Ferreira (2007) ao escrever sobre esse primeiro momento de consolidação da História Oral nos apresenta outras iniciativas, relevantes, como:

[...] o do Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, na França, e os arquivos sonoros do Instituto Nacional de Antropologia (1956), do México, que recolhiam as memórias dos chefes da Revolução Mexicana. Na Itália, sociólogos e antropólogos próximos a partidos políticos de esquerda, também passaram a utilizar a investigação oral para estudar a cultura popular (FERREIRA, 2007).

Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento ou ferramenta de pesquisa, mas sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio às novas bandeiras e movimentos surgidos com os conflitos de 1968, como, por exemplo, o feminismo e o sindicalismo. Pregava-se uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito. Entretanto, na Espanha, a pesquisa com fonte oral foi empregada por poucas pessoas. Apenas Mercedes Vilanova se destacou por trabalhar sozinha nessa área na Universidade de Barcelona (MATOS; SENNA, 2011).

Dois encontros importantes marcaram o início da terceira geração, um em 1975, em São Francisco, e o outro em 1976, em Bolonha. Joutard destacou, na França, dois grandes projetos coletivos, realizados também no ano de 1975: o primeiro, centrado no debate sobre os arquivos orais da Previdência Social, e o segundo, voltado para uma pesquisa sobre os etnotextos, reunindo historiadores, etnólogos e linguistas (MATOS; SENNA, 2011).

Na América Latina, com destaque para o Brasil e México, também há um desenvolvimento em áreas como a história política e antropologia, por volta da década de 1970. No caso brasileiro, destaca-se como uma das primeiras experiências com História Oral o projeto do Museu da Imagem e do Som - MIS/SP (1971), que objetivava a preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram em 1972 no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral em 1975. Porém, a experiência mais significativa talvez seja a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975 (FREITAS, 2006). Segundo Ribeiro (2011), o propósito inicial do programa “era registrar e arquivar o depoimento de pessoas colaboradoras da instituição, sobre a trajetória política e suas grandes transformações a partir da década de 20”.

Após essa terceira geração, houve uma consolidação nesse campo de estudo a partir da criação de grupos de historiadores orais. Na Itália, por exemplo, surgiu um projeto de História Oral sobre o mundo operário, lançando, assim, um verdadeiro manifesto sobre História Oral como meio de estudar as classes populares (MATOS; SENNA, 2011).

Citando mais uma vez os Estados Unidos, cabe lembrar que seu boom de História Oral foi no final dos anos 60 e início dos 70, tendo como marco em 1967 a fundação da Oral History Association (OHA), que publica, anualmente, a Oral History Review. Também podemos

mencionar a proliferação de programas de História Oral em outras universidades como em Berkeley, na Califórnia, centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação, como o New York Times Oral History Programm, estabelecido em 1972 (FREITAS, 2006).

Os anos de 1980 foram propícios à História Oral, quando se difundiram reuniões internacionais, criando uma verdadeira associação de historiadores orais. Na mesma direção, a década de 1990 marcou a quarta geração. Em decorrência de fatos conjunturais, que deram margem para sua expansão, tais como a queda do muro de Berlim, os acontecimentos no Leste Europeu, os estudos stalinistas, as fontes orais foram mais amplamente exploradas. Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais (MATOS; SENNA, 2011).

Desde meados da década de 1970 podemos identificar um movimento intenso de debate, discussão e articulação em nível internacional sobre as diversas experiências em curso sobre o uso da História Oral (Anexo 3). Como podemos ver, todos os nove eventos ocorreram em território europeu e demonstram uma hegemonia dos países desse continente. Porém, dois eventos, a Conferência Internacional de Nova York, em 1994, e IX Conferência Internacional de História Oral, em 1996, com forte adesão e colaboração de pesquisadores e estudos dos mais diversos lugares fora da Europa, direcionaram para uma nova postura, um posicionamento mais internacionalista. Como resultado desse último evento foi criada a Associação Internacional de História Oral – IOHA. Nessa ocasião, em 1996, vale destacar a forte presença de trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros – 22 dos 164 trabalhos submetidos, sendo o país com mais representantes. (FERREIRA, 2007)

Dentre os trabalhos mencionados acima, nos interessa destacar aqui os produzidos no campo da historiografia do negro no Brasil, sobretudo em relação às trajetórias, memórias e práticas culturais dos descendentes dos escravizados na região da antiga província do Rio de Janeiro, destaca-se o trabalho do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), sob a direção geral das historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu. A coletânea de quatro filmes, intitulados *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição* (2005), *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia* (2007), *Versos e cacetes: o jogo do pau na cultura afro-fluminense* (2009) e *Passados e passados presentes: memória negra no sul fluminense* (2011), constituem estudos de referência sobre a cultura popular e a tradição oral das populações afrodescendentes e um aparato teórico-metodológico importantíssimo na tentativa de desenvolver formas de narrativa historiográfica a partir de uma escrita audiovisual.



Outra iniciativa relevante, e que dialoga muito com o tema proposto em História Oral aqui neste trabalho, é o projeto *História do movimento negro no Brasil*<sup>15</sup>, do já mencionado CPDOC. O projeto iniciado em 2003 e concluído em 2007 entrevistou 38 lideranças negras e culminou na elaboração do livro *Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC*, organizado por Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira, produziu um acervo de entrevistas em áudio e em vídeo com as principais lideranças do movimento negro brasileiro.

## 2.2 A contribuição do LABHOI no resgate da memória dos negros

É indispensável mencionar as iniciativas e trabalhos produzidos pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF) no âmbito dos estudos sobre a memória negra no Brasil e de forma mais específica no estado do Rio de Janeiro. A referência soa quase como obrigatória diante a inovação implementada no campo de pesquisa e debate historiográfico. Qualquer pesquisa que tenha como proposta a investigação de temas ligados à população afrodescendente pode encontrar boa inspiração e referências teórico-metodológicas nos trabalhos produzidos pelo Laboratório.

Esta última afirmação é feita pensando na interdisciplinaridade das pesquisas históricas sobre o negro. Até o pesquisador mais tradicional, fiel aos documentos textuais e oficiais, ao se propor pesquisar os negros por um viés democrático e inclusivo, terá que reconhecer os limites das pesquisas em documentos oficiais e textuais, seja pela natureza de uma produção parcial, incompleta (produzida majoritariamente por setores da elite branca) ou mesmo pela inexistência dela. Neste sentido é preciso “[...] superarmos a máxima de que ‘sem documento não há história’ [...], ampliamos, nós os historiadores, o campo de nossas possibilidades de leitura e de interpretação do tempo histórico.” (FENELON, 1996, p. 26).

Junto à apresentação e análise de parte da produção e trajetória do LABHOI, é essencial destacar a ação inovadora no tocante a valorização, sistematização e difusão do uso e produção de fontes orais em pesquisas sobre a memória e história da população afrodescendente. Esse caráter inovador pode ser percebido de forma comparativa a partir da avaliação contextual e análise de um documento publicado pela Arquivo Nacional, o *Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual* (ARQUIVO NACIONAL, 1988).

---

<sup>15</sup> A pesquisa contou com o apoio do South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, do CNPq e da FAPERJ.

Uma breve análise do Guia, na seção relativa ao estado do Rio de Janeiro, são 305 páginas com referências predominantemente de documentos textuais. A segunda maior ocorrência são os documentos iconográficos. Já os registros em áudio e áudio-vídeo, são apenas quatro. O primeiro são dois filmes no arquivo Oswaldo Aranha, o segundo um conjunto de discos de Moçambique pertencente a Geraldo Moreira de Souza, o terceiro um vasto conjunto de 180 vídeos e 1797 discos produzidos pela extinta Rede Manchete e o quarto, um conjunto de 2 filmes, 23 vídeos e 16 fitas audiomagnéticas pertencente ao Pró-memória da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo<sup>16</sup>.

A criação do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1982, segundo Ana Maria Mauad (2018) pode ser entendida como resultado de dois movimentos, um iniciado em meados da década de 1960 e outro na de 1980. A década de 1960 está relacionada aos debates historiográficos que mostravam um avanço e crescimento de um fazer histórico crítico às grandes narrativas e direcionado “a história que vem de baixo, a história das mulheres, das crianças, dos jovens, bem como temas como a loucura, a sexualidade, entre outros”. Já a década de 1980 dialoga com “a emergência do tema da memória associada ao processo de redemocratização da sociedade brasileira, quando entrou para a pauta de discussões dos diferentes grupos organizados.” (MAUAD, 2018).

A criação do LABHOI, nos anos 1980, em pleno momento de uma virada epistemológica na História, pode ser considerado um sintoma, uma pista de que os territórios da História estariam ampliando suas fronteiras, incorporando novos sujeitos sociais e problematizando os processos sociais desde um outro lugar (MAUAD, 2018, p. 28)

Desta forma, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do LABHOI, neste caso nos referindo mais especificamente aos estudos sobre os negros, representaram grande avanço, novas possibilidades além daquelas oferecidas, por exemplo, pelas fontes listadas no guia do Arquivo Nacional. Não desconsideramos a relevância dos documentos textuais e iconográficos listados no guia, mas ressaltamos os aspectos que fazem a História Oral diferente e necessária para o desenvolvimento da pesquisa de grupos historicamente invisibilizados e oprimidos.

Das três linhas de pesquisa existentes no LABHOI, Memória, Áfricas, Escravidão; Memória, Artes, Mídias; Memória, Cidade, Comunidades, nos interessa neste momento uma

---

<sup>16</sup> A Historiadora Dr<sup>a</sup> Maria Ana Quaglino, uma das atuais responsáveis pelo setor de documentação da Fundação D. João VI, informou desconhecer essa documentação. Segundo ela, antes de seu ingresso na Fundação, em 2009, ocorreram diversas mudanças na instituição, o que poderia ter acarretado sua perda ou extravio.

análise da primeira. Nos diversos projetos desenvolvidos pelo Laboratório, por iniciativa própria ou associado a outras instituições e pesquisadores, podemos identificar a produção de trabalhos a partir da História Oral e/ou em diálogo com as fontes orais não mais restritos ao tradicional debate que vincula a história e a memória negra somente à escravidão, violência e racismos. Os estudos sobre o negro permaneceram durante décadas vinculadas quase que exclusivamente a essas chaves temáticas, porém, apesar de sempre estarem presentes, as experiências não se resumem a elas. Existem outras formas relevantes de produção a serem estudadas, um universo complexo e amplo de possibilidades. Essa tendência maior nas pesquisas acadêmicas em priorizar a temática da escravidão frente a outras demandas da população negra também é percebida por Amilcar Araújo Pereira no ambiente escolar:

Embora desde os anos 1980 exista uma grande produção historiográfica sobre o período da escravidão no Brasil, ainda se estuda muito pouco nas escolas brasileiras a “agência” da população negra durante aquele período, e menos ainda sobre a participação da população negra na formação de nossa sociedade a partir do pós-abolição. Personagens históricos como Luiz Gama ou Maria Firmina dos Reis, ou mesmo organizações como a Frente Negra Brasileira (FNB) ou o já citado Movimento Negro Unificado (MNU), somente para citar alguns poucos exemplos, ainda são pouquíssimo conhecidos por professores e alunos de História. (PEREIRA, 2013)

Desde o início da formação do acervo oral em 1994, a partir do recebimento e arquivamento de entrevistas produzidas no projeto de documentação e pesquisa *Memória do Cativo*, de Hebe Mattos, Ana Lugão e Robson Martins (LABHOI, 2021), podemos identificar o amadurecimento dos estudos sobre os tradicionais temas, escravidão, violência e racismo, através de um diálogo com novos, tais como, família, modos de vida e socialização e práticas culturais. As entrevistas foram realizadas “com indivíduos portadores de uma memória familiar da escravidão” e o “acervo conta com cerca de 60 horas de gravação em 29 depoimentos”. (MATTOS, 1998, p.2- 3)

Este acervo se constituiu propondo-se a receber e arquivar de forma apropriada entrevistas produzidas em projetos de História Oral. Essas novas perspectivas representam também a humanização do afrodescendente nos estudos historiográficos. O negro antes estudado a partir da lógica em que esteve submetido, destituído de humanidade e racionalidade, objeto dentro de um sistema mercantil racialista e colonialista, tem a sua complexidade, existente em todos os seres humanos, trazida para o centro do debate. Transformação que vai de encontro com muitas das demandas manifestas na *Carta de Princípios do Movimento Negro*

*Unificado*, elaborada em 1978, como o propósito declarado de luta pela “reavaliação da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção”

Um segundo trabalho que é relevante ser mencionado é *Jongos, calangos e folias: memória e música negra em comunidades rurais do Rio de Janeiro*, projeto realizado a partir do Edital Petrobrás Cultural 2005. O destaque para essa iniciativa vai além da proposta temática, de investigar, registrar e valorizar as expressões musicais negras no estado do Rio de Janeiro (LABHOI, 2021), mas enseja no aspecto de representar a ampliação das áreas geográficas de interesse da pesquisa. O projeto contempla áreas rurais do interior fluminense, tais como Angra dos Reis, Piraí, Barra do Piraí, Valença, Duas Barras, Baixada Fluminense, Cabo Frio e Búzios. (LABHOI, 2021). Destas áreas estudadas cabe destacar as pesquisas realizadas em Duas Barras por ser uma das regiões mais próximas e com um vínculo histórico com Nova Friburgo (ambas as cidades no século XIX pertenciam à mesma região administrativa, Cantagalo) onde já se realizou pesquisas em História Oral com comunidades afrodescendentes.

Além das ações do LABHOI no tocante às pesquisas sobre os afrodescendentes através da História Oral, também poderíamos citar diversas outras iniciativas, mas que não conseguiríamos contemplar todas neste momento em decorrência dos limites e objetivos da nossa pesquisa.

As ações, pesquisas, estudos e acervos produzidos ou sob guarda de instituições, centros de documentação, movimentos sociais e pesquisadores independentes, como por exemplo o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, o Instituto dos Pretos Novos, o Jongo da Serrinha, podem não ter a mesma especialidade para com as fontes orais que o LABHOI, mas ainda assim podemos encontrar trabalhos de igual importância para promoção da memória negra.

### **2.3 A pesquisa em História Oral em Nova Friburgo.**

Existe uma grande desigualdade na geografia da produção de pesquisas históricas, tanto no sentido do espaço físico, de onde as iniciativas são propostas e desenvolvidas, quanto das temáticas abordadas. Se realizarmos um breve levantamento entre os estudos já produzidos e em desenvolvimento poderemos comprovar uma maior quantidade deles em regiões de maior urbanização, onde se concentram ou existiram os aparelhos centrais de administração pública, universidades e instituições de memória, tais como arquivos, museus e bibliotecas. Essas

desigualdades ainda aumentam se falarmos das pesquisas direcionadas às minorias sociais, tais como, negros, homossexuais, indígenas e mulheres.

Dos diversos fatores que explicam parte desse fenômeno, podemos aqui levantar dois: de um lado, as características dominantes dos estudos históricos no meio acadêmico, e de outro, a organização política e administrativa das cidades brasileiras.

Sobre o primeiro aspecto podemos melhor explicá-lo a partir de uma forte influência dos paradigmas estruturalistas que marcaram grande parte das produções historiográficas nas últimas décadas que antecederam os anos de 1980. Essa tendência considerava importante “identificar as estruturas que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandavam os mecanismos econômicos, organizavam as relações sociais, engendravam as formas de discurso” (FERREIRA, 1998)

Já sobre o segundo ponto, podemos avaliar um cenário onde majoritariamente não encontraremos nos municípios do interior estruturas de ensino e pesquisa de nível superior, que ocasiona, em muitos casos, uma grande escassez de profissionais qualificados direcionados à pesquisa em diversas áreas, como na de Ciências Humanas (os que existem têm sua atuação concentrada em grande parte no magistério). Também podemos destacar a quase inexistência de políticas públicas de memória que valorizem suas populações e a diversidade delas.

A partir do exposto acima, pode-se identificar e analisar dificuldades e problemas relacionados à pesquisa da história local de municípios do interior, em cidades de pequeno e médio porte como Nova Friburgo, no tocante ao desenvolvimento de uma nova abordagem que valorize a análise do papel do indivíduo, da conjuntura, dos aspectos culturais e políticos, no uso de relatos pessoais, das histórias de vida e das biografias. Desta forma, é relevante pensar a forma como a História Oral vem sendo utilizada nestes contextos e as possibilidades de seu uso para se pensar nas questões locais. Nesta perspectiva podemos pensar:

[...] as entrevistas como formas capazes de fazer com que os estudos de história local escapem das falhas dos documentos, uma vez que a fonte oral é capaz de ampliar a compreensão do contexto, de revelar os silêncios e as omissões da documentação escrita, de produzir outras evidências, captar, registrar e preservar a memória viva. (SAMUEL, 1989, p. 233)

Ao analisarmos a historiografia friburguense até meados da década de 1980 vamos identificar uma produção muito uniforme, direcionada para a narrativa de valorização da imigração suíça alemã. Raphael Samuel descreve esse momento da história local “circunscrita a um grupo de entusiastas” e, “embora escrita como um trabalho de amor, é repetitiva e sem

vida” (SAMUEL, 1989). Ele completa que essa postura reflete uma pesquisa que representa os atos dos governos locais, no que chama de "tendência administrativa dos documentos”

Se retornarmos e alinharmos a questão do movimento de renovação historiográfico da década de 1980 com essas questões sobre a produção da história local podemos compreender o porquê de uma produção tardia de pesquisas e estudos sobre a história dos negros e de História Oral em Nova Friburgo. Considerando que essa questão não se resume a esses dois aspectos, reconhecemos também a existência de outros fatores que a influenciam, tais como o racismo, o epistemicídio e a política, que serão melhor debatidos durante a análise das entrevistas no capítulo 3.

No tocante às pesquisas em História Oral em Nova Friburgo destacamos algumas iniciativas, sendo elas o *Caderno de Cultura - Memória Oral*, de 1987, algumas publicações acadêmicas - artigos, dissertações e teses - e o Programa de História Oral da Fundação Dom João VI.

*O Caderno de Cultura - Memória Oral, Depoimentos e Entrevistas* fez parte de uma série de publicações realizadas entre os anos de 1985 e 1988 por iniciativas da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura e Pró-Memória - Centro de Documentação Histórica. As diversas edições abordam variados temas da história de Nova Friburgo, como por exemplo, a história do futebol, estudos sobre a presença alemã e a já mencionada edição sobre a presença negra. Segundo a publicação *Nova Friburgo - Notas e Informações*, de 1985, o Caderno de Cultura se propunha em

[...] um instrumento que auxilie os investigadores da própria história de Nova Friburgo fornecendo-lhes um referencial das fontes disponíveis em nosso acervo, para utilização em suas pesquisas cotidianas. Por outro lado, visa a informar aos outros centros de pesquisa e documentação, aos colégios, faculdades, enfim, ao núcleo acadêmico produtor de conhecimento científico, sobre a natureza, importância e conteúdo da memória de Nova Friburgo (PRÓ-MEMÓRIA, 1985)

A publicação de 1987 dedicada à História Oral contém três entrevistas de histórias de vida de personalidades da cidade, José Pereira da Costa Filho (1901 - 1999), César Guinle (1911 - 1989), Johannes Edward Schlupp (1911 - 1991), gravadas nos anos de 1983, 1984 e 1985 respectivamente. Não há menção aos critérios para escolha dos entrevistados e da metodologia empregada, se foram entrevistas estruturadas, semiestruturadas e/ou abertas<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Quanto aos três tipos de entrevistas, segundo Quaresma(2005):

As **entrevistas estruturadas** são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas.

Porém, o perfil de dois entrevistados, César Guinle, engenheiro, empresário e político e Johannes Edward Schlupp, pastor e professor, nos leva a uma hipótese de maior aproximação teórico metodológico com o programa de História Oral do CPDOC, pautado na história das elites políticas do período republicano. Esta análise é reforçada também a partir de uma passagem no prefácio sobre a intenção de se registrar “a experiência histórica, os enfoques heterogêneos sobre a realidade política social da época visada” (PRÓ-MEMÓRIA, 1987).

Apesar do terceiro entrevistado ser o operário e líder sindical José Pereira da Costa Filho, perfil que se aproxima a preferência dos historiadores que propõe o uso da História Oral para a pesquisa dos grupos não hegemônicos, as perguntas feitas a José Pereira mostram um interesse maior pelas informações que falam sobre a memória do setor industrial e não as da vida do grupo a que pertence, trabalhadores fabris, apesar destas transpassarem em vários momentos da sua fala.

A segunda iniciativa no campo da oralidade que destacamos é o programa de História Oral da Fundação Dom João VI, criado em 2008. As informações sobre esse projeto foram obtidas através de conversa realizada de forma remota pelo aplicativo Google Meet com a historiadora responsável pelos trabalhos de pesquisa, a doutora Maria Ana Quaglino.

De acordo com Quaglino, o projeto é estruturado a partir de temas, e já foram executados três: Memória da Antiga Rádio Nova Friburgo -AM, Memória do Antigo Comércio de Nova Friburgo e Memória da Biblioteca Pública de Nova Friburgo.

O projeto inaugural do programa de História Oral da Fundação escolheu como tema a *Rádio Nova Friburgo - AM*, tendo como justificativa o seu papel pioneiro e relevante na radiodifusão na região Centro Norte Fluminense nos 56 anos que esteve ativa, de 1946 a 2002. Foram realizadas, aproximadamente, 20 entrevistas com antigos profissionais, ouvintes e dirigentes, sendo no formato semiestruturadas, gravadas apenas em áudio e realizado um registro fotográfico por sessão.

A segunda temática, *Memória do Antigo Comércio de Nova Friburgo*, foi desenvolvida no período em que se aproximava as comemorações do bicentenário da cidade. Para a escolha, teria sido considerada a relevância do comércio no desenvolvimento econômico da cidade e a relação dos imigrantes que tiveram ligação forte com o setor. As entrevistas, aproximadamente

---

A técnica de **entrevistas abertas** atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. Em relação a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido.

As **entrevistas semiestruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

25, priorizaram a memória do comércio entre as décadas de 1920 e 1960. Além da realização das entrevistas, buscou-se identificar outras fontes, tais como, fotografias, instrumentos e objetos de trabalho e textos. A partir dos resultados dessa pesquisa foram desenvolvidos alguns produtos, como uma exposição no Cadima Shopping com painéis contendo trechos das entrevistas, objetos doados e trechos de jornais do acervo da Fundação e uma encenação com grupo de Teatro da professora Jane Airão do Colégio Anchieta

A terceira iniciativa contemplou a *Memória da Biblioteca Pública de Nova Friburgo*, considerando a relevância cultural para a cidade e cidades adjacentes. Esse projeto teve uma dimensão menor, com a realização de apenas três entrevistas com funcionárias da instituição.

Como próxima meta, a Fundação Dom João VI propõe contemplar a *Memória da Educação*. Como argumento para tal escolha foi apresentado a forte tradição, relevância e destaque que várias instituições educacionais, extintas e atuais, já tiveram e ainda tem, no cenário municipal e até nacional.

Quando questionada sobre o porquê de a memória dos negros ainda não ter sido contemplada no programa de História Oral da Fundação, a historiadora justificou que já foi levantada a relevância e necessidade de trabalhá-la, porém no momento precisariam de mais estudos no sentido de estruturar uma proposta com os nomes dos possíveis entrevistados e essa atividade foi inviabilizada neste momento pela pandemia da Covid-19. A falta de recursos financeiros e materiais somada a uma equipe técnica reduzida também são mencionados como fatores que impactam negativamente nas intenções de expansão e maior abrangência do programa de História Oral. Porém, esses últimos aspectos relatados por Quaglino, infelizmente, já fazem parte da realidade dos projetos de História Oral no Brasil há muito tempo. Marieta Moraes Ferreira em seu trabalho *Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso do Brasil*, publicado em 1998, ao analisar o panorama nacional aponta:

A realização de projetos de História Oral no Brasil é uma atividade cara, considerando-se o nível de renda médio da população. A compra de gravadores e fitas, as transcrições, o arquivamento e a preservação do material requerem recursos significativos de que as associações comunitárias dificilmente dispõem (FERREIRA, 1998, p. 25)

E essas dificuldades orçamentárias, materiais e profissionais acarretam outros problemas identificados em Friburgo e também mencionados por Ferreira: “Alguns desses projetos realizados por prefeituras de pequenos municípios do interior brasileiro não chegam a



ser conhecidos de um público mais amplo, e até mesmo a Associação Brasileira de História Oral tem dificuldades em atingi-los” (FERREIRA, 1998, p. 26).

Além dos trabalhos desenvolvidos na Fundação Dom João VI, Maria Ana Quaglino também menciona como ambiente de debate historiográfico, tendo a História Oral como uma das abordagens, o grupo de estudos e pesquisa *Memória, Identidades e Espaços*, fundado em 2009 junto com a professora Geni Nader na extinta Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia.

Apesar do crescimento do debate racial nas diversas esferas públicas e no campo intelectual e acadêmico, das iniciativas bem estruturadas de História Oral na cidade, realizadas por instituições e profissionais competentes, e a existência de pesquisadores especializados na história do negro em Friburgo, com publicações de prestígio, a voz do negro só foi ouvida em poucos trabalhos. Foram localizadas nas seguintes pesquisas e publicações: *Presença negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo* (LOZADA 1991); *Mulheres Negras e HIV: determinantes de vulnerabilidade na região serrana do estado do Rio de Janeiro* (ALBUQUERQUE, et. al, 2010); *Policultura no município de Nova Friburgo, RJ: Processo de evolução e relações sociedade-natureza* (STROLIGO, 2016); *Trajetórias de professoras negras no município de Nova Friburgo: narrativas e memórias* (LOBOSCO, 2015). Cabe aqui uma nota explicativa de que a quantidade de trabalhos em Nova Friburgo que fizeram uso da metodologia da História Oral pode ser mais expressiva, porém por não lidarem exclusivamente com fontes orais se torna mais difícil uma avaliação mais precisa.

Esses quatro trabalhos com temáticas totalmente diversas reforçam o aspecto enriquecedor e potencializador que a História Oral articulada com a história local pode promover no processo de construção de conhecimento de uma história afro-brasileira a partir dos afrodescendentes. Enquanto os trabalhos realizados a partir de fontes textuais se concentram no estudo da memória da escravidão, a História Oral amplia esse campo para outros debates que também são representativos das demandas da população negra.

A entrevista de História Oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc. [...] Mas acreditamos que a principal característica do documento de História Oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da História Oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 2004, p. 22-23).

Uma última experiência a ser comentada no campo da oralidade são as entrevistas produzidas pela historiadora Maria Janaína Botelho para os seus projetos que colabora em veículos midiáticos. A historiadora possui vasta produção de conteúdo audiovisual divulgada e realizada junto às emissoras locais- Inter TV e TV ZOOM - assim como em seu blog *História e Memória de Nova Friburgo*<sup>18</sup> e seus canais nas redes sociais Youtube<sup>19</sup>, Facebook<sup>20</sup> e Instagram. Destacamos os seguintes trabalhos com temáticas sobre os negros em Nova Friburgo: *A escravidão velada*; *A memória do pugilista Pantera*; *Conselheiro Paulino - A Fazenda Ponte de Tábuas*; *A Fazenda dos Escravos*; *Quilombo na região Serrana*. Os vídeos são compostos de trechos de entrevistas com especialistas e moradores, imagens e textos de arquivos e paisagens.

Joëlle Rouchou (2003) ao analisar as diferenças e aproximações entre as entrevistas na História Oral e no Jornalismo nos traz algumas considerações que podem nos ajudar a refletir sobre a produção de Janaína Botelho. Um primeiro aspecto que Rouchou cita são as quatro classificações de entrevistas apresentadas por Edgar Morin, a entrevista-rito, a entrevistas-anedótica, a entrevista- diálogo e as neconfissões. Das cinco produções de Botelho mencionadas no parágrafo anterior, consideramos que elas possuem uma estrutura e elementos que variam entre a entrevista- diálogo, quando “o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode estar relacionada à pessoa do entrevistado ou a um problema”, e a neconfissões, quando “o entrevistador se apaga diante do entrevistado”. (apud MORIN, E, 1973). Essa associação às duas classificações de Morin, que aproxima muito as entrevistas em História Oral e no Jornalismo, considerou também que os trabalhos desenvolvidos por Botelho junto aos meios de comunicação e mídias sociais apresentam elementos que mostram grande conexão ao debate realizado por seus colegas nas universidades que desenvolvem projetos com a História Oral, sendo alinhados com as demandas sociais e ao debate da história local atual de Nova Friburgo.

Porém, devemos também considerar para nossa análise que as entrevistas na História Oral e no jornalismo possuem cada qual a sua especificidade no tocante aos elementos teóricos e metodológicos. Retornando a análise de Joëlle Rouchou (2003): "enquanto a História Oral organizou-se em associações que debatem os usos da metodologia, visando à melhor elaboração

---

<sup>18</sup>[História e Memória de Nova Friburgo \(historiadefriburgo.blogspot.com\)](http://historiadefriburgo.blogspot.com)

<sup>19</sup> [Janaína Botelho - YouTube](#)

<sup>20</sup> [\(2\) Janaína Botelho | Facebook](#)

dentro da ética, das narrativas de vida dos entrevistados, o Jornalismo não construiu um pensamento científico sobre essa questão”.

Os aspectos que diferenciam os dois tipos de entrevista talvez fiquem mais tênues no trabalho de Janaína por ela conservar fortes características do seu ofício de Historiadora, não apresentando o mesmo imediatismo percebido do jornalismo, com “a urgência da impressão, da difusão da notícia” (ROUCHOU, 2003). Talvez isso se deva ao fato de que muitas dessas publicações serem desdobramentos de pesquisas suas e de seus pares, constituindo-se em alguns casos apresentações sintéticas de pesquisas mais longas e publicações acadêmicas que tiveram um tempo maior de análise e reflexão.

Ações como a da historiadora Janaína Botelho possuem um papel importante nos esforços de difusão e popularização dos conhecimentos produzidos academicamente. O distanciamento existente entre a Universidade e a comunidade não acadêmica é um debate antigo entre diversos círculos sociais que entendem que a Universidade possui um papel social, produzir conhecimento para a população de forma geral, conhecimento que sirva a toda a sociedade.

### **3 A VOZ DOS NEGROS FRIBURGUENSES**

#### **3.1 A entrevista de História Oral em tempos de pandemia**

No pré-projeto apresentado na seleção para este programa de Pós - Graduação era previsto um número maior de entrevistados, com grupos mais diversificados e preferencialmente com pessoas mais velhas da comunidade. Porém, a pandemia de COVID-19 inviabilizou algumas das estratégias e públicos. Não seria mais possível ir a campo conhecer as pessoas, visitar as suas casas e realizar as entrevistas olho no olho. Por mais que a tecnologia parecesse uma solução, a adaptação a esse mundo virtual exige tempo, treinamento e estudo (tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado), e nem todos conseguiram ser integrados e se ajustar a essa nova realidade, ao novo normal.

A quantidade de entrevistados também precisou ser reavaliada considerando-se como um dos efeitos da pandemia o adiamento do início das atividades. O período pré-estabelecido no edital para execução do projeto foi encurtado, de 24 meses para 20 - as atividades previstas para terem início em março de 2020 só começaram em julho de forma assíncrona.

No debate entre os prós e contras, como ponto positivo podemos computar o fato de que o virtual quebrou as barreiras de tempo e espaço, não era mais preciso estar em Friburgo, já os negativos podemos de imediato citar três que foram potencializados pela condição de maior vulnerabilidade social e econômica de grande parte do nosso grupo :

- Dificuldades de acesso a uma boa internet;
- Falta de suporte tecnológicos, computadores ou celulares que executassem uma boa transmissão;
- Falta de domínio do uso das ferramentas / plataformas

Considerando que não houve a possibilidade de se fazer uma escolha entre a realização das entrevistas serem pessoalmente ou virtualmente, visto que a Pandemia já havia imposto uma opção, não nos cabe aqui discutir as diferenças, nos aprofundarmos nos pontos positivos ou negativos, mas sim, realizar uma apresentação da experiência metodológica, no seu caráter técnico, descritivo e circunstancial.

Outra questão pesou muito para construir o grupo de entrevistados: quem aceitaria conversar sobre sua vida e contar a história da sua família para alguém que nunca viu pessoalmente e que ainda pediria para gravar? Apesar dessa inquietação também ser passível de acontecer numa situação em que as pessoas estivessem presencialmente, consideramos que seja menos frequente.

Feitas as considerações do novo cenário, foi descartado o critério inicial que priorizaria pessoas mais antigas, passando a prevalecer o interesse e possibilidade em colaborar e participar da pesquisa em meio virtual, disponibilidade e capacidade para expressar o essencial sobre o assunto tratado.

Considerando que não seria mais possível ir a campo e não haveria tempo para um período de aproximação e construção de laços de confiança com novas pessoas, optou-se por formar o grupo de entrevistados a partir da rede de relações pessoais e profissionais do pesquisador. Desta forma, como resultado foram entrevistadas 12 pessoas negras, sendo dez mulheres e dois homens.

Durante o desenvolvimento da pesquisa o tempo continuou a ser um fator limitante para o seu pleno desenvolvimento, exigindo um novo recorte assim que foi identificada a impossibilidade de todas as entrevistas serem transcritas e analisadas adequadamente dentro dos meses que ainda restavam. Desta forma, percebendo que o Movimento Negro era um elemento comum a todos os entrevistados, sendo membros ativos, ex integrantes ou participantes em atividades, optou-se em analisar neste momento as entrevistas das lideranças dos três coletivos existentes na cidade: Centro Cultural Afro-Brasileiro Ysun-Okê, representado por Ilma e Eliane, Coletivo Negro Lélia Gonzalez, por Luana Negra Lu e Império das Negas, por Maiara Felício.

Reforçamos que nossa escolha foi tomada por mera imposição da redução do nosso tempo e não por qualquer outro fator. Levando-se em conta a consciência da importância de

todas as falas e a fim de evitar que mais uma vez as vozes negras fossem silenciadas, nossa estratégia em contemplar todos material produzido foi completada com um recurso oferecido pelo mestrado profissional: a confecção de um Produto<sup>21</sup>. Desta forma, todos nossos entrevistados conversam e expõe suas memórias no curta documental que leva o mesmo nome desta pesquisa: *E os negros desta terra?*<sup>22</sup>

Da mesma forma que nossa análise aqui representa a visão do pesquisador que a realizou, cabendo assim outros olhares e pontos de vista, as falas apresentadas no curta serão analisadas também, mas por todos aqueles que tiverem a oportunidade de vê-lo.

Apesar de nos concentrarmos nas falas das representantes dos coletivos, outras duas mulheres falam em nosso texto: Maria Christina Silva e Raquel Nader. Ainda que não seja feita uma análise pormenorizada de suas entrevistas, suas falas conversam com muitos temas que abordamos e conversam com Ilma, Eliane, Maiara e Luana.

Tratando mais especificamente da realização das entrevistas, a primeira concedida foi a de Maiara Felício através da plataforma *jitsi meet*. Apesar da entrevista ter ocorrido sem interrupção ou instabilidade do sinal de internet, o *jitsi meet* apresentou algumas limitações, principalmente quanto à qualidade da imagem, necessidade de baixar um aplicativo para quem fosse usar o celular e pouco espaço para armazenamento da gravação. A partir dessa experiência, as demais entrevistas foram realizadas pelo *Stream Yard*, que não exigia a instalação de aplicativo, o entrevistado só precisava clicar no link da reunião para ingressar e havia a opção de sincronização com uma conta *Google* e salvar automaticamente a transmissão no módulo privado no Youtube. Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães nos lembram que os:

Guias e manuais chamam a atenção para as finuras da comunicação face a face: recomenda-se que os gestos e trejeitos, a força física, o olhar, o modo de se portar, a expressão facial do narrador, sejam cuidadosamente observados como subtextos capazes de certificar, complementar ou desdizer aquilo que um narrador conta verbalmente a respeito de si mesmo.” (SANTHIAGO,; MAGALHÃES, 2020, p.4)

---

<sup>21</sup> Elaboração de material visando a divulgação científica num âmbito maior que o acadêmico, podendo ser a aplicação prática ou o planejamento de processos desenvolvidos a partir das reflexões da pesquisa, tais como, protótipo, desenho, manuais, documentários, ferramentas web, etc.

<sup>22</sup> Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tJXgvyQmS98&t=142s>

No nosso caso, de entrevistas por vídeo chamada, parte desses elementos ficam inacessíveis e imperceptíveis em decorrência de alguns fatores limitadores das câmeras, tais como, campo de visão reduzido, posição/ângulo e qualidade da imagem.

Todos nossos entrevistados realizaram as chamadas a partir de suas residências, em suas salas, quartos e escritórios, usando computadores ou celulares. Desta forma, percebemos “a virtualidade da entrevista como um fator facilitador que não desvia o entrevistado de sua rotina usual” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p.4), e enquanto conversávamos a casa mantinha sua dinâmica, com obras sendo realizadas, familiares transitando, e até opinando sobre algum assunto que ouviam enquanto passavam. Em alguns casos tivemos acesso, mesmo que virtualmente, ao quarto do nosso interlocutor, ambiente íntimo que provavelmente não conheceríamos numa conversa pessoalmente. Estes elementos que acabamos de mencionar nos parecem que se enquadram no mesmo entendimento de subtextos como os mencionados por Santhiago

Talvez a entrevista realizada de forma remota tenha mais essa vantagem, construída numa ideia “de que os meios são prolongações do corpo humano” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020,p.4), foi possível entrar nas casas de nossos entrevistados com mais naturalidade e como se fossemos mais um programa, filme ou podcast que eles assistem no seu dia a dia, em que ele não precisa se arrumar e preparar a casa como para receber uma visita.

### **3.2 Memórias negras - análise das entrevistas**

Apesar das entrevistadas possuírem em comum papéis de liderança nos coletivos que integram, não estamos propondo uma História Oral do Movimento Negro em Nova Friburgo, nem uma biografia de nossas entrevistadas. Não queremos dizer que a história do Movimento Negro não nos interessa, mas que ela é apenas umas das muitas histórias dessas mulheres que pretendemos ouvir sobre seus ambientes familiares, profissionais, religiosos e outros que lhe sejam significativos. Sendo assim, propomos estudar a partir dos "quadros sociais da memória", segundo Halbwachs, que na explicação de Bosi (1979):

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1979. P.17)

Mesmo sendo dito que o Movimento Negro não é o tópico central e único deste trabalho, ainda assim consideramos importante neste momento preparatório para as análises das entrevistas apresentar um pouco desse lugar de fala dessas quatro mulheres. Logo, é importante mencionar ao leitor um panorama histórico do movimento negro em Nova Friburgo, desde suas primeiras iniciativas nos últimos anos da década de 1970 e início de 1980, período que, segundo Raquel Nader (2021), Lélia Gonzalez era “figurinha fácil” em Nova Friburgo, “nesse período praticamente todos eles estiveram aqui, todos os grandes nomes [do Movimento Negro] (NADER, 2021).

Porém, esbarramos mais uma vez na questão da escassez de documentação. A maior dificuldade em localizar informações recai sobre as duas primeiras organizações fundadas na cidade, o Movimento Negro Unificado de Nova Friburgo (MNU) e o Movimento Cultural e Social do Negro de Nova Friburgo (MCSN). As poucas fontes disponíveis e identificadas se restringem à inscrição delas no Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil, publicação de 1988, duas entrevistas de representantes concedidas no âmbito da pesquisa de Gioconda Lozada, também de 1988, e um pequeno conjunto de documentos no acervo da Fundação Dom João VI, como recortes de jornais e revistas, convites e programações de eventos e a cópia do Decreto nº 47 (Anexo 4) que instituiu o uso da Bandeira Panafricana.

O Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil possui poucas informações, indicando apenas o nome de um representante, endereço e telefone para contatos. O Movimento Negro Unificado de Nova Friburgo está cadastrado no bairro Bela Vista, aos cuidados de Zélia; já o Movimento Cultural e Social do Negro de Nova Friburgo no Perissé, com indicação do seu presidente Nélio dos Santos.

O livro de Gioconda Lozada, *Presença negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo* (1991), apresenta duas breves entrevistas estruturadas com apenas 10 perguntas, com um representante de cada movimento, sendo José Paulo Floriano do MNU e Ronaldo Bandeira do MCSN. Antes de consultarmos este material possuíamos apenas a informação sobre o ano de fundação do MCSN em 1980. Com a entrevista de Floriano conseguimos localizar a fundação do MNU e também a origem do MCSN: “Um ano depois da fundação do movimento negro, aqui em Friburgo, houve um racha e alguns membros fundaram o Movimento Social e Cultural do Negro” (LOZADA, 1991, p. 176)

A documentação pertencente à Fundação Dom João VI referente aos negros na cidade cobre apenas do ano de 1983 a 2021. A documentação mais antiga de 1983 faz uma cobertura

completa do processo de institucionalização da Bandeira Pan Africana e da 1ª Semana da Consciência Negra. As reportagens dos anos seguintes são todas sobre comemorações e atividades realizadas pelos coletivos no 20 de novembro, passando a impressão que o negro só existe em Nova Friburgo nesse dia (vamos nos aprofundar nesta questão a partir das nossas duas primeiras entrevistadas, Ilma e Eliane)

Como havíamos mencionado, são poucas as referências sobre o tema que conseguimos ter acesso, desta forma vamos deixar que nossas entrevistadas nos contem mais um pouco, mas antes vamos deixar alguns alertas, sendo o primeiro o que Portelli (1997, p. 27) nos faz sobre a transcrições das fontes orais:

[...] a transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretações. A eficácia diferente de gravações, quando comparadas à transcrição [...] pode somente ser apreciada por experiência direta. Esta é uma razão por que creio ser desnecessário dar excessiva atenção aos novos e mais fechados métodos de transcrição [...]. A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implicam certa quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais.

Além dos cuidados que decorrem do processo de transcrição, lembramos que as entrevistas são fontes de pesquisa e não a representação fiel da história (ALBERTI, 2005). Desta forma o que será apresentado a seguir são interpretações e análises de narrativas geradas num processo dialógico, entre entrevistador e entrevistado, no caso do presente estudo, que está motivado por ouvir a história da população afrodescendente de Nova Friburgo sob a ótica de moradores negros.

Realizamos nossas entrevistas inspirados pelos trabalhos do LABHOI, no sentido de “articular história social com história cultural e política; genealogias familiares com patrimônio cultural.” (ABREU; MATTOS; GRINBERG, 2019, p.19) O resultado foi um misto de lembranças familiares, do tempo da escola, militância no movimento negro e festas na cidade. Nesse movimento de lembrar teve de tudo, das boas memórias às ruínas, estas marcadas pela violência, racismo e discriminação. Apesar da jovialidade de muitos dos nossos entrevistados, a memória da escravidão também aparece em suas falas, na forma da história que passou de geração em geração, ou mesmo numa memória construída a partir da literatura ou nas vivências em grupos e nos espaços da cidade.



### **Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê - Ilma dos Santos e Eliane dos Santos**

Nossas duas primeiras entrevistadas são as irmãs Ilma dos Santos e Eliane dos Santos, mulheres pretas, moradoras de Olaria, um dos bairros mais populosos da cidade de Nova Friburgo, ambas formadas em Pedagogia, coordenadoras do Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê e responsáveis pelo espaço destinado a Colônia Pan Africana na Praça das Colônias. Logo no início da nossa conversa Eliane já brinca sobre as semelhanças: “A minha história não é muita diferença né, até porque nós somos irmãs, então é uma história bastante comum entre a gente” (ELIANE, 2022). Mesmo com tantas proximidades, podemos mencionar algumas particularidades de cada uma. Ilma é a irmã mais velha, formada em pedagogia em 2010 pela UERJ, está aposentada desde julho de 2021 após atuar durante vários anos na Coordenadoria da Secretaria Estadual de Educação e hoje está presidente do Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê. Já Eliane ainda atua na rede de ensino como pedagoga no Colégio Estadual Canadá, no mesmo bairro onde mora. No tocante a formação, Eliane retorna esse tópico quando está falando da importância e do papel transformados da educação e das ações afirmativas como parte do processo de reparação histórica e diminuição das desigualdades entre brancos e negros. Sua fala é enfática e pode ser interpretada como orgulho das políticas públicas para cotistas: “Eu fui aluna do Cederj, eu sou pedagoga formada pelo Cederj, o meu CR é 8.9. Entrei como cotista (...)”. Outro diferencial na apresentação de Eliane é quando ela nos informa que é: “umbandista por opção, eu gosto sempre de falar disso”. Esta fala, subsidiada pela memória social, mostra que se declarar umbandista exprime pertencimento e identidade (POLLAK, 1992), o que é reforçado pela exposição do seu entendimento das religiões africanas como sinônimo de ancestralidade, uma herança dos antepassados e da África.

Num trabalho de História Oral como o nosso, um dos interesses são as histórias familiares, a genealogia dos entrevistados. Porém, como as irmãs explicam, isso é um ponto sensível e que muitos preferem silenciar ou simplesmente não a conhecem

(...) qualquer negro, hoje, você consegue no máximo ir até o avô e bisavô na história né, você não consegue passar daí. É muito difícil! Hoje a sobrevivência da humanidade está maior, então tem crianças que conseguem conhecer avô e bisavô, mas no meu caso, por exemplo, eu não conheci meus avós. Mas o meu pai nasceu em 1910... a abolição foi em 1888. Ou a minha avó pegou a Lei do Ventre Livre, do sexagenário, alguma dessas leis. Só que a gente não tem esse registro de família e não vai conseguir ter, porque isso é muito complicado, então esse é o diferencial (ELIANE, 2022)

Os pais de Eliane e Ilma “não se davam a liberdade de conversar” sobre a história familiar, como um dos motivos, elas apontam a questão de ser um passado de “muito sofrimento”. Desta forma, “em razão de seu peso traumático e sua carga emocional, tendem a ser rejeitados da esfera consciente das lembranças de uma dada sociedade em um determinado momento de sua história” (MICHEL, 2010, p.17). As informações que as irmãs nos passam são as seguintes:

(...) meu pai era de Friburgo, é do bairro de Duas Pedras, e minha mãe é descendente de Cantagalo, na verdade de Boa Sorte, de Cantagalo. Então quer dizer, como Friburgo era distrito de Cantagalo, a gente não tem essa história de que papai também não fosse de lá, porque o registro dele é de Nova Friburgo. Mas a gente não tem essa história ...ele pode não ser de lá porque, como a gente falou, a gente não tem a nossa ascendência né, (...). Mas Mamãe eu sei que era de Boa Sorte, em Cantagalo, papai era é de Friburgo, mas sem muita certeza porque, pela idade dele, que mamãe era um pouco mais jovem (...). (ILMA, 2022).

Após um momento de apresentações mais gerais, nossas entrevistadas começam a contar o contexto, primeiras atividades e as motivações, que as levou ao movimento negro, segundo Ilma:

A militância começou nos anos de 1980 pela necessidade de conhecer realmente Nova Friburgo e as questões culturais da cidade, porque se você não conhece a cultura local você não tem como ter um leque de informação e a partir desse momento acabei me envolvendo no movimento negro, estou até hoje. (ILMA, 2022)

Ilma e Eliane ingressaram no movimento negro em 1986, período de expansão dos movimentos sociais e mobilização e participação de amplos setores da população dentro de um processo de reabertura política. Neste momento também são citados os preparativos para as comemorações de 1988, centenário da abolição da escravatura. Lembramos que neste período atuavam em Nova Friburgo dois coletivos negros, Movimento Negro Unificado de Nova Friburgo (MNU) e o Movimento Cultural e Social do Negro de Nova Friburgo (MCSN). Segundo Floriano do MNU, a proposta do Movimento seria de “dar consciência ao negro da necessidade de lutar pela nossa causa, contra a discriminação racial e divulgar os elementos da cultura negra”, e nas palavras de Bandeira do MSCN, “integra o negro dentro do contexto social (...) tentando fazer alguma coisa mais ligada à área da cultura, pois acreditamos que a partir daí a gente possa desenvolver esse trabalho de transformação” (LOZADA, 1991).

A professora Maria Christina conta como essa proposta do MSCN era posta em prática por seu presidente Nélio dos Santos:

Ele trabalhava no banco e ele fazia um trabalho de colocar pessoas negras nos bancos porque antigamente não tinha isso de ter negro dentro de um banco entendeu? Não trabalhava, só trabalhava branco. Mesmo tendo uma conta boa, eu me lembro que meu pai tentou me colocar no Banco Real na época para trabalhar e eu não consegui. E a minha prima, que era morena, morena mesmo, não era negra, conseguiu. Então ele fazia um trabalho muito legal de preparar as pessoas, eram cursinhos que ele mesmo dava para preparar as pessoas para essas funções nos bancos, nos concursos, para as pessoas crescerem (...) (SILVA, 2021)

Neste cenário, foram convidadas a criar um grupo de dança, que logo que iniciou passou a ser coordenado por Ilma e foi batizado de Grupo de Dança Afro-brasileira Ysun-Okê<sup>23</sup>

a minha participação dentro do movimento começou muito através da cultura porque aqui em Friburgo já existia um movimento negro, o Movimento Cultural e Social do Negro, e um grupo também que era do MNU, Movimento Negro Unificado. Eles faziam sempre algumas atividades, mas não existe uma parte cultural e quando nós fomos pela segunda vez fazer parte do movimento negro, estavam se preparando o 1988 aqui em Friburgo. Um pouco antes nós entramos e aí como eu já tinha feito algum tipo de dança antes, sugeriram para Ilma que a gente criasse um grupo de dança e a partir de 1986 nós passamos ser chamado das meninas do movimento negro, isso lá trás, em 1986 nós começamos a ser chamadas de meninas no movimento negro (ELIANE, 2022)

A criação do grupo de dança no âmbito do Movimento Negro representa uma estratégia dentro do processo de resistência dos negros, usada desde o período da escravidão, em que o corpo é tomado como instrumento político através do reavivamento dos vínculos com a África e da valorização cultural.

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 116).

---

<sup>23</sup> Segundo Eliane, “Ysun-Okê: num dialeto, numa linguagem africana, Nagô, significa nascente das montanhas. E aí gente escolheu esse nome exatamente por esse lugar que nós estamos em Nova Friburgo, é um município cercado por montanhas e onde tem muitas nascentes. Então Ysun-Okê significa Nascente das Montanhas”

O Grupo de Dança Afro-brasileira Ysun-Okê foi o precursor do que viria a se tornar o Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê. Suas atividades seguiram até 1994/95, momento em que houve uma extensão das propostas do grupo com a incorporação de novas demandas e ações, passando a partir daí a ser o Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê.

E aí, depois de 95/96 mais ou menos, nós sentimos necessidade de transformar o Grupo de Dança em um Centro Cultural porque grupo de dança não faz palestra das questões étnico-raciais, as pessoas em Friburgo tinham essa visão de que grupo de dança não faz palestra, não faz atividade, não faz workshop, não faz oficina, não fazia nada naquela época. E aí a Ilma sugeriu que a gente transformasse o grupo de dança em um Centro Cultural (ELIANE, 2022)

Além dessa mudança dentro do coletivo de Ilma e Eliane, elas nos apresentam esse período com outras transformações significativas para o movimento negro em Nova Friburgo, como a dissolução do MNU e MSCN. O fim do MSCN teria tido como um dos seus principais motivos a perda da sua articulação a partir do adoecimento e posterior morte de seu líder, o ex-bancário Nélio dos Santos. O MSCN é mencionado como o grupo com maior afinidade das nossas entrevistadas, tendo as suas atividades sido incorporadas após seu fim pelo Centro Cultural. Sobre o MNU não são fornecidos muitos detalhes sobre seu fim, apenas que, assim como ocorreu com o MSCN, o MNU teria se dissolvido após alguns integrantes irem embora da cidade, outros falecerem e outros se juntarem ao Centro Cultural.

No que se refere às atribuições do MSCN absorvidas pelo Centro Cultural, talvez a maior seja a manutenção da imagem e significado da Colônia e Bandeira Pan Africana como principais símbolos da comunidade afro-friburguense. A responsabilidade para com a Colônia e a Bandeira não perpassa apenas pela manutenção de um espaço ou um símbolo, mas em responder às críticas sobre o uso da categoria de colono e o uso de uma única bandeira quando alguns acreditavam que deveriam existir uma representação para cada país africano, assim como é feito no caso dos países europeus. Eliane e Ilma explicam primeiramente um pouco do contexto em que a Colônia e a Bandeira foram criadas na década de 1980, ainda antes de entrarem para o Movimento. Segundo elas, a criação da Colônia e Bandeira foi resultado da militância dos membros do MSCN articulados à Prefeitura e à imprensa local, como podemos confirmar na fala de Nélio dos Santos reproduzida na manchete de 1987 em ocasião das comemorações de 20 de novembro:

a partir de uma matéria publicada em *A Voz da Serra*, pelo jornalista Paulo Santos, que evidenciava o pensamento de se fazer alguma coisa pela

comunidade negra, a caminhada foi iniciada, baseada num trabalho executado por Abdias do Nascimento, de Brasília, ‘a maior autoridade em Cultura Negra do país’, disse Nélio. O prefeito Heródoto se entusiasmou com esse trabalho e Paulo Santos preparou o decreto referente à bandeira de unidade dos povos africanos (AVS - 12/12/1987)

O decreto ao qual Nélio se refere é o de número 47<sup>24</sup>, de 11 de novembro de 1983. O ato maior do decreto foi a institucionalização da bandeira pan-africana, nos moldes sugeridos pelo pan africanista Marcus Garvey, no pavilhão das bandeiras dos povos colonizadores de Nova Friburgo.

Este acontecimento, pelo seu caráter inédito, o reconhecimento oficial da raça negra como fator importante no progresso e no desenvolvimento do nosso Município - vem ganhando projeção na grande imprensa brasileira, já tendo sido objeto de um pronunciamento do Deputado Estadual Abdias do Nascimento na Assembleia Legislativa do nosso Estado (AVS - 03/11/1983)

Quanto ao emprego da categoria ‘colono’, Ilma e Eliane entendem não existir problema desde que seu uso seja contextualizado junto ao processo de 1983, num sentido de reparação histórica, e também a partir de um resgate histórico problematizado sobre o processo de escravização e transferência forçada dos povos africanos para o Brasil:

O que a gente precisa entender também é o seguinte: nós nunca fomos povos colonizadores, nós somos povos construtores e que desenvolveu o município de Nova Friburgo. Nós ganhamos essa titularização até pelo respeito do então Prefeito à época, que foi o Heródoto Bento de Melo, que elevou o movimento negro a colônia. O que a gente precisa deixar muito esclarecido isso, porque o povo negro não chegou aqui para colonizar nada, ele chegou aqui acorrentado, escravizado, muitos se mataram, muitos fugiram, muitos mataram para ficar vivos (ELIANE, 2022)

Reconhecendo que “ a memória oral, longe da unilateralidade que muitas instituições lhe atribuem, faz emergir pontos de vista contraditórios e distintos entre si mas é justamente nesta situação que está contida a sua maior riqueza (BOSI, 2003, p. 15), podemos mencionar a

---

<sup>24</sup> A análise do texto do Decreto nº 47 e das manchetes publicadas no ano de 1983 mostram um certo descompasso no posicionamento do Executivo Municipal. Enquanto no Decreto identificamos um discurso que reconhece a violência contra os negro, em passagens como: “foram atribuídas [aos negros] as mais **duras, fatídicas, sofridas e espinhosas tarefas** de erguimento da grandeza atual do Município” e “o povo friburguense deseja redimir-se das **injustiças praticadas** contra seus irmão negros”; as falas do então prefeito, Heródoto Bento de Mello, nos jornais atenuam e negam qualquer tipo de violência, como podemos ver neste exemplo: “E porque me parece ser Nova Friburgo o primeiro Município brasileiro a reconhecer oficialmente o valor do trabalho da raça negra na construção do desenvolvimento **pacífico e progressista** da nossa cidade[...]” (AVS - 12/11/1983) (grifos nossos)

percepção de Raquel Nader, de um entendimento desse processo de institucionalização da bandeira como um processo orquestrado pelas elites brancas locais e imposto aos negros. Nas palavras dela: “(...) foi criada nesse período pelo Herótico Bento de Melo uma bandeira Pan africana e os negros daqui de Friburgo, dos movimentos assimilaram isso com a maior facilidade do mundo. Foi inventada por Heródoto Bento de Mello, o prefeito então. (NADER, 2021).

Para Eliane e Ilma a própria historização do processo de criação da Bandeira Pan Africana já mencionada, como resultado de uma discussão a partir dos moldes sugeridos pelo pan africanista Marcus Garvey, pode ajudar na exclusão das ideias de que a bandeira colabora numa suposta tentativa de reducionismos da pluralidade africana. Segundo Eliane, o Centro Cultural trabalha a bandeira não como a representação de um único país, como a Itália, o Japão, a Suíça, a Alemanha, mas como a representação de um Continente poliglota e com alguns países bilíngues. A explicação da Bandeira é completada pela fala:

Nós estamos discutindo e falando de todo o povo de África que estão ou estiveram no desenvolvimento deste município, é assim que a gente tem que ver essa bandeira hoje, é assim que a gente fala dessa bandeira hoje. Não é só para comemorar não, é para dizer que aqui tem sangue não só do povo angolano, mas do povo nigeriano, queniano, congolês ... (ILMA, 2022)

Outra questão levantada durante a conversa, dentro do campo das representações e simbologias, foi sobre as datas comemorativas para a população afrodescendente. Quando mencionamos que a maior parte dos recortes de jornais sobre os negros em Nova Friburgo existentes na Fundação Dom João VI se referiam a comemorações do 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, estávamos vendo uma das muitas formas de invisibilização e reducionismo velado da população negra brasileira. Se formos consultar o calendário oficial dos municípios, estados e o nacional veremos que são muitas e variadas as efemérides, e as referentes a população negra, poderemos ver que não são apenas o 13 de maio e o 20 de novembro. Se tomarmos um calendário especializado, da Fundação Palmares<sup>25</sup>, perceberemos que as referências e possibilidades de se agregar e homenagear a negritude ainda são maiores.

Apesar da imprensa nos transmitir a impressão de que a negritude friburguense só comemora o 20 de novembro, no âmbito do Ysun-Okê são contempladas outras datas, tais como, 21 de março - Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial; 25 de julho -

---

<sup>25</sup> [Calendário internacional da cultura negra – Fundação Cultural Palmares](#)

Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha; 15 de novembro - Dia Nacional da Umbanda; 02 de Dezembro - Dia Nacional do Samba. Segunda Ilma, “A gente consegue trabalhar várias [datas representativas para os negros], o que a gente não consegue é ter visibilidade, porque para a população em geral, o movimento negro é 13 de maio ou 20 de novembro, não temos mais história para comemorar.”

Assim como as datas representativas da população afrodescendente são pouco valorizadas na esfera pública, seus lugares de memória e sociabilidade também sofrem com o mesmo processo de invisibilização. Entendendo “lugar de memória” tal qual Pierre Nora (1993), no sentido de “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (NORA, 1993, p.7)

A geografia do negro, no que se refere aos espaços de manifestação cultural, sociabilidade, moradia e memória foram varridos das áreas centrais e mais valorizadas das cidades, sendo empurrados para a periferia e restringidos as casas de santo, terreiros, escolas de samba. Os centros urbanos foram higienizados da presença negra com base numa valorização e preservação pautada somente do patrimônio branco. Estamos falando isso porque esse processo de requalificação urbana foi construído ao longo dos anos numa ideologia de apagamento dos vestígios na escravidão e das referências culturais e sociais do negro. Isso não significa que nos espaços mais valorizados e nas festas oficiais não existam negros presentes, mas eles participam destituídos de suas culturas ancestral e subordinados a lógica colonizadora europeia, como relata a professora Maria Christina:

(...) na década de 70 tinha uma festa no Suspiro onde as escolas participavam. Aí nessa festa eram as colônias, então eram várias barracas no Suspiro com todas as colônias, não tinha nada sobre o negro, só as Colônias mesmo, aí tinha Alemanha, a Itália, o Líbano, só isso, essas barracas. Eram grandes barracas onde eles faziam as comidas típicas, as pessoas se vestiam, inclusive eu por estudar no CEFEL sempre me vestia de alemã, **ridícula né?** Mas a gente se vestia de alemão para ir prestigiar, mas nunca sobre o negro. (SILVA, 2021) [grifos nosso]

As falas de Ilma e Eliane, assim como dos demais entrevistados e entrevistadas demonstram dificuldade de indicar referências paisagísticas e patrimoniais ligados a história e memória dos negros em Nova Friburgo. A referência mais citada foi a Praça Marcílio Dias, popularmente chamada de Paissandu e pela comunidade negra de Pelourinho. A Praça atualmente esconde com belos jardins seu passado triste e violento, de mercado de escravizados e palco de castigos e punições, como os 400 açoites aferidos contra o negro Antônio Pernambuco, líder da revolta da Fazenda Ponte de Tábuas. Apesar de não existir nenhuma

referência explícita na praça a esse passado escravista, Ilma explica a estrutura e localização da praça como uma escolha estratégica, elaborada a partir de uma lógica que privilegia a manutenção da ordem para evitar o associativismo, e assim, as fugas e revoltas.

(...) quem chega no pelourinho, na praça do Paissandu, não se encontra. Eu acho que tem umas 6 ou 7 saídas, e elas não se encontram. Era o melhor espaço para você vender negro. Se você pensar como eu estou falando, sem nenhuma demagogia, mas era o melhor lugar para vender negro. Um subia para o lado do viaduto, o outro vem para o lado de Olaria, o outro vai para o lado da avenida, o outro vai para Alberto Braune, o outro entra ali naquela rua que é do CEFEL, o outro entra naquela rua da Esquina 2 e o outro entra na rua do arco... sete espaços e você não se encontra a partir dali. Ai tá a segregação familiar. Você manda um para cada... vieram sete pessoas da mesma família, você manda um para cada espaço com um feitor ou dono de engenho... você sabe quando essas pessoas vão se encontrar, probabilidade? Nunca!

O epistemicídio do negro em Nova Friburgo ocorre de forma sistemática não somente na esfera do patrimônio material, mas também no imaterial, com a desvalorização e discriminação religiosa e cultural. Segundo os dados do Censo de 2010 os negros representariam em torno de 27% da população Friburguense e os adeptos das religiões espíritas, que incluiria as de matriz africana, quase 4%. O primeiro dado é confrontado pelas irmãs que mencionam que os negros seriam 55%, já na questão religiosa, Eliane também acredita que esse número seja maior, porém o preconceito faria com que muitas pessoas ocultassem sua verdadeira pertença religiosa.

Mas aqui tem muitas casas de umbanda, terreiros de Umbanda, e Kimbanda, que é um pouco misturado com o Candomblé. Mas candomblé são poucos e aí o que acontece também...por essa questão de ter um certo preconceito, as pessoas não se apresentam assim como eu me apresento em todos os lugares. Eu digo em qualquer lugar, que eu estou, que eu sou, e eu sou realmente de frequentar, de fazer tudo que tem que fazer. (ELIANE, 2022)

Os adeptos de religiões de matriz africana não se autodeclararem em pesquisas, ou mesmo no dia a dia, foi uma prática defensiva construída historicamente e mantida nos dias atuais em decorrência da permanência do preconceito e violência direcionados a eles:

Quando se trata das religiões afro-brasileiras, as estatísticas sobre os seguidores costumam oferecer números subestimados, o que se deve às



circunstâncias históricas nas quais essas religiões surgiram no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País, a religião oficial, e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de tudo, ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, no fim do século XIX, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial e deixou de ser a única religião tolerada no país (PRANDI, 2004, p. 225).

Outra questão que também é apontada por Eliane é a penetração e grande circularidade das práticas religiosas afrodescendentes entre a população de uma forma mais abrangente, não se referindo aqui aos adeptos declarados e não declaramos: (...) todo mundo frequenta, todo mundo vai numa rezadeira, todo mundo vai numa benzedeira, todo mundo passa uma galho, toma um banho de mato, todo mundo aqui nessa cidade faz isso, 90%... só que não assume que faz.” (ELIANE,2022). Ao passo que há essa declaração sobre a penetração das práticas culturais em grande parte da população friburguense, nos chocamos com casos de intolerância religiosa, como a mencionada por Ilma: “teve grupo de Capoeira que aboliu o atabaque para poder ter aluno porque os pais achavam que aquilo era coisa de macumba”.

As falas de Ilma e Eliane são apenas muitas das não ouvidas que contam parte das memórias e a história da negritude Friburguense. A atuação dessas mulheres no Movimento Negro, através de suas iniciativas no campo da educação, valorização e ativismo político, representa a continuidade e renovação das práticas de associativismo dos escravizados, no sentido de estratégia de resistência, luta e reivindicação por mais direitos e respeito. Sobre as incumbências de atuar no Movimento Negro em Nova Friburgo, Ilma e Eliane trabalham com a ideia de responsabilidade compartilhada quando se referem aos outros coletivos existentes na cidade, o Império das Negas e Coletivo Negro Lélia Gonzalez: “ Hoje já temos com quem dividir, é com diretrizes diferentes, mas com o mesmo objetivo, o resgate da cultura, acabar com esse racismo estrutural e institucional que existe principalmente em Nova Friburgo. É colocar o povo negro, não escravo, escravizado no Brasil, no local que merece.” (ILMA,2022)

## **Coletivo Negro Lélia González - Luana NegraLu**

Luana dos Santos Freitas de Oliveira ou somente Luana Negralu é uma mulher preta de 32 anos, moradora da periferia de Nova Friburgo, casada, mãe de dois filhos. Luana é trabalhadora de uma confecção, faz parte do Coletivo Negro Lélia Gonzalez, é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL/NF) e é estudante de Psicologia.

Essa breve apresentação nos mostra a complexidade do sujeito e das narrativas de histórias de vida em História Oral, construídas a partir de processos experienciados e herdados por esses atores narradores. Desta forma, a entrevista com a proposta de estudar e refletir a história dos negros em Nova Friburgo remete a uma diversidade de temas, tais como, a memória da escravidão, das relações familiares, da formação da identidade negra, da violência e racismo. É uma produção narrativa da dinâmica da vida, dos espaços afetivos, sociais e culturais que liga a identidade individual e de grupo ao território.

A análise da entrevista de Negralu não reside na busca pela novidade ou excepcionalidade dos fatos, mas na subjetividade de suas vivências e estratégias construídas no processo de rememorar. Segundo Halbwachs (2006) memórias individuais, grupais e coletivas, são construídas na subjetividade e representadas em discursos sociais. Sobre o uso do termo “memórias coletivas” corroboramos com Portelli (1997a, p. 16) na definição de serem lembranças coletivamente compartilhadas e não lembranças iguais.

Durante a entrevista podemos observar um cruzamento e diálogo entre versões oficiais e aquelas herdadas e experienciadas por Luana e pelos seus grupos familiar, afetivo e social. Esse processo reforça a excepcionalidade dos trabalhos de história oral no tocante de que “trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com os fatos razoavelmente comprovados” (PORTELLI, 1997, p. 25).

A percepção de um passado escravo, subordinado a diversas violências, o racismo e outros campos de discussão sensíveis são aspectos constantes na fala de Luana. Essa memória sensível não fez Luana negar a sua origem, pelo contrário, a motivou ainda mais para a discussão sobre os aspectos da história de seus antepassados e da comunidade negra friburguense, declarando ao lembrar a trajetória da sua mãe e tias que: “quando eu olho para essas mulheres eu sinto vontade, força de continuar. É uma história de resiliência e de resistência [...]”.

A narrativa de Negralu se aproxima da construção da identidade étnica apresentada pelas pesquisadoras Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos sobre o tempo do cativo. Segundo Rios e Mattos, esse processo:

[...] se constrói a partir da rememoração de casos e de histórias que os depoentes ouviram contar dos pais e avós. Constrói de maneira coerente uma memória coletiva sobre os significados da experiência da escravidão associada às ideias de violência, torturas, maus-tratos e animalização, bem como ao poder sensorial e a seu arbítrio, para fazer bem ou mal. É a partir dessa representação genérica do tempo do cativo que se organizaram os recursos de periodização das narrativas consideradas, emprestando significados precisos ao “tempo do cativo” e permitindo aos depoentes refletir criticamente sobre as suas continuidades e descontinuidades com o tempo atual (RIOS; MATTOS, 2005, p. 75).

Negralu inicia sua fala trazendo sua família como elemento indispensável para realizar sua apresentação e iniciar sua fala. Nas primeiras declarações ela nos traz a informação que é filha de pai branco e de mãe preta. Essa origem miscigenada trouxe um dos seus primeiros conflitos que a acompanhou durante toda a infância e adolescência, um conflito na construção da sua identidade.

Nas palavras de Negralu essa dificuldade de formação de sua identidade negra resultou muito do fato de ter criado sua personalidade e subjetividade dentro da família do seu pai, que é a branca. Esse ambiente é descrito como um lugar com práticas racistas e um tratamento diferenciado, um tratamento melhor para os primos brancos e loiros. Para ela, crescer nesse ambiente teria dificultado ou retardado o seu entendimento identitário como mulher negra.

Durante os primeiros instantes da entrevista identificamos dois momentos distintos na formação da identidade de Luana, um primeiro ligado ao tempo em que esteve mais em contato com a família paterna (branca) – momento de conflito - e o segundo quando já na adolescência passou a ter mais contato com as tias maternas (pretas) no Morro do Rui - momento descrito também como em que começou a ter maior atenção para as questões sociais e históricas sobre a comunidade negra em Nova Friburgo. Se avançarmos mais podemos ainda citar um terceiro momento, ligado a sua militância, atuação política e formação acadêmica como estudante de psicologia. Toda essa trajetória ajuda a mostrar um aspecto não fixo e não permanente das identidades dos sujeitos, o que é mais bem definido pela noção de sujeito sociológico de Stuart Hall. Segundo o teórico o “sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos –a cultura- dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 1997, p. 9). A identidade é vista como interativa, e o eu “é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.” Sendo a identidade construída por interações entre o eu e a sociedade, então as novas interações com a

família preta, com o movimento negro, partidos políticos e universidades, representam novos diálogos e novas possibilidades de identidades.

Com esta exposição que apresenta uma Luana militante, estudante, mãe, filha, mulher negra e trabalhadora podemos entender melhor quando no início do texto se disse que é uma análise de um sujeito complexo. Torna-se complexo porque o sujeito possui uma identidade fragmentada, composta “de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1997, p. 12).

A prática do racismo é apontada dentro desse ambiente familiar paterno como elemento potencializador desse conflito identitário. Negralu narra diversas práticas e comportamentos de seus familiares brancos que nas palavras dela: “[foi] como uma forma de me desvalorizar, de me bloquear, de me anular, de me invisibilizar enquanto pessoa negra, única pessoa negra que corre o sangue daquela família, da família Freitas[...]”.

Os relatos sobre o processo de discriminação e tratamento diferenciado sofrido por essa mulher preta dentro da sua família branca é levado para uma análise e comparação com a sua percepção das dinâmicas, dos padrões e estruturas da cidade de Nova Friburgo. Para explicar melhor essa comparação, Negralu cita como exemplo a escolha para marco inicial e oficial da história de Friburgo a narrativa da chegada dos suíços, escolha que desconsiderou a população negra já existente na região.

Não se falava da contribuição negra para formação de Nova Friburgo, mas também nunca foi falado, eu nunca escutei durante meu período escolar, durante a minha vida, até depois de adulta. Eu fui ter contato com isso muito depois, ouvir dizendo que teve presença negra escravizada na cidade de Nova Friburgo (NEGRALU).

Esse processo percebido na história de Nova Friburgo é adjetivado por Negralu dentro do mesmo campo semântico das palavras que usou no caso vivido com a sua família branca, ou seja, mais um processo de anulação e invisibilização da população negra.

Gwyn Prins (1992) explica essa invisibilidade/ invisibilização da história dos negros a partir de uma tradição historiográfica que defende a construção da história apenas a partir do uso do documento. Sendo assim, “a menos que haja documentos, não pode haver uma história adequada” (1992, p. 164). Esse grupo de historiadores a que Prins se refere foi responsável por uma série de críticas e hostilidades a sociedades sem uma tradição escrita. Para esses pesquisadores, a África das tradições orais seria um continente a-histórico. Hegel em 1831

chegou a declarar que: “África não possuía história, apenas evoluções sem sentido de tribos bárbaras” (1992, p. 164).

Já uma explicação para a origem da discriminação vivida dentro da família e a percebida na história da cidade pode ser encontrada na análise de Florestan Fernandes, que nos diz que

(...) a discriminação que se pratica no Brasil é parte da herança social da sociedade escravista. [...] a discriminação existente é um produto do que chamei ‘persistência do passado’, em todas as esferas das relações humanas – na mentalidade do ‘branco’ e do ‘negro’, nos seus ajustamentos à vida prática e 185 na organização das instituições e dos grupos sociais (FERNANDES, 1972, p.42 - 43).

Sobre o modelo brasileiro de preconceito e discriminação raciais, Florestan Fernandes segue a mesma linha de pensamento de Costa Pinto de que há uma “persistência de atitudes e orientações raciais dos brancos, profundamente arraigadas, no sentido de tratar os negros e mulatos como subalternos (e depois subalternizá-los)” (FERNANDES, 1972, p.70). Numa linha de análise mais amplas, que englobaria outros sociólogos como, por exemplo, Oracy Nogueira, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, o preconceito e discriminação constituiriam “um padrão herdado, tão difundido na sociedade brasileira quanto o foi a escravidão no passado” (FERNANDES, 1972, p.71).

Esses primeiros aspectos destacados na fala de Luana apontam também para uma percepção da existência de dois processos importantes para a construção da identidade dos sujeitos negros: primeiro, a importância do seu reconhecimento com a cor da sua pele; segundo, a importância da definição do seu lugar histórico e social, no passado e no presente.

Se mantendo no campo temático dos relatos ligados à parentela, agora analisaremos a fala sobre a família preta de Luana, dos parentes por parte de sua mãe. Nossa entrevistada apresenta essa parte da sua família com uma carga emocional maior, percebida nos momentos em que se comove e confessa: “[...] a gente lembra de situações engraçadas, mas também tem muito chororô ali”; “é algo que lembra e dá vontade de chorar”; ou “eu fico emocionada quando eu conto isso, desculpa!”.

A parte materna de sua família é descrita com mais detalhes, sendo um grupo extenso, majoritariamente feminino (entre seus tios, tias e mãe são três homens e nove mulheres). Apesar de numerosa, essa família foi dispersada muito cedo em decorrência da morte da avó de Luana aos 35 anos e agravada porque o pai [avô de Luana], assim que [esta] mãe faleceu, começou a distribuir os filhos”.

Para análise desta dispersão da família negra de Luana podemos tomar emprestado o comentário de Luis Nicolau Parés (2014) acerca do documentário *Passados presentes* de Hebe Mattos e Martha Abreu:

Nesse contexto de adversidade, os “Laços de Família” [...] constituíam os elos primários do tecido social, responsáveis, em última instância, pela sobrevivência do grupo. A crescente importância conferida pela historiografia à família escrava encontra um paralelo na lembrança recorrente dos depoentes das genealogias e dos nomes dos antepassados, como mnemotécnica fundamental na imaginação das origens e da identidade coletivas. Por isso, a memória da ruptura das famílias, com a separação de crianças gerada pelo tráfico interno, resulta tão traumática (PARÉS, 2014, p. 356).

Neste comentário procuramos trazer a importância dada à família negra, dos laços de família como responsáveis pela sobrevivência do grupo. No relato de Luana a separação do grupo de irmãos – tios e mãe de Luana - teria comprometido os laços familiares, os tornando mais vulneráveis às violências sociais que a população negra está exposta, tais como, as violências física, sexual e psicológica. Desta forma, podemos reformular a frase final da citação para dar um melhor entendimento a nossa análise, assim dizendo que ‘a memória da ruptura da família, com a separação das crianças gerada após a morte da mãe, resultou em um trauma’. Trauma que vai impulsionar toda narrativa que se segue sobre esse núcleo familiar.

A valorização dos laços familiares como uma rede de proteção do grupo aparece de forma muito clara em duas situações, a primeira quando Luana diz que a vida dela, apesar de todas as adversidades e hostilidade, foi melhor que a da mãe e tias porque, nas palavras dela: “pelo menos eu tive a minha mãe, e pelo menos eu tive o meu pai. Pelo menos eu tive alguém para lutar por mim”. O outro momento se dá quando é narrada uma conversa entre a mãe de Luana e a tia que não foi adotada e viveu na rua sofrendo diversas violências, sendo a fala da tia: “a única coisa que eu queria, era ter uma família, [...] eu só queria ter alguém para cuidar de mim, nem que fosse uma pessoa”.

Nesse momento da entrevista sobre a família materna também está sendo contada a história dos negros escravizados. As violências sofridas pelos povos escravizados e pela família de Luana se misturam ao longo de toda a sua narrativa, constituindo-se em memórias que são tanto coletivas como individuais/familiares.

Essa construção dialógica entre a memória familiar da narradora e a memória do povo preto é identificada quando Negralu revela sobre um dos seus tios que tinha um rasgo no canto da boca, uma cicatriz. Essa marca teria sido produzida pela avó ao introduzir uma colher e um

ovo quente na boca dele a fim de puni-lo por ter comido uma banana sem permissão. Negralu analisa esse episódio como a “reprodução dos castigos da escravidão”, uma prática que teria passado de geração em geração. Essa sua avaliação do episódio se aproxima a de Silvio Almeida, de que “[...] as sociedades contemporâneas, mesmo após o fim oficial dos regimes escravistas, permaneceriam presas a padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, racistas, autoritários e violentos” (ALMEIDA, 2020, p. 183).

Luana apresenta outro episódio que possui elementos associados à prática violenta da escravidão que sobreviveram às gerações e que ainda se manifesta nas relações entre brancos e pretos. Esse relato fala da ocasião em que três tias de Negralu foram levadas pelo pai a uma mulher branca que escolheu ficar com as duas mais velhas para prestarem serviços domésticos. A escolha pelas jovens não foi definida apenas pelas idades, mas também após avaliação das condições físicas e estéticas das jovens, uma análise dos dentes das meninas pretas. A irmã mais nova na ocasião tinha apenas nove anos e por essa razão não foi levada pela mulher branca por esta dizer que ela não serviria para o serviço. Negralu complementa a narrativa lembrando uma declaração dessa tia mais nova que, ao conversar sobre o episódio, revela que as irmãs mais velhas teriam sido na verdade vendidas pelo pai por “fumo de rolo e uma pequena quantia em dinheiro.” Para Pollak:

Este exemplo mostra também a sobrevivência durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas (POLLAK, 1989, p. 5).

Os relatos de violência sofridos pelos familiares negros de Luana são narrativas de situações que ocorreram na década de 1970 e que não se encerraram ali, chegando aos dias de hoje. Mesmo com o fim da escravidão essas práticas permanecem como heranças estruturais e ideológicas de uma prática que foi comum, aceita e institucionalizada por quase quatro séculos.

Memórias como as de Luana, de seus familiares e de muitos outros negros orbitam na esfera das lembranças proibidas, indivisíveis ou vergonhosas. São lembranças que estão “zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante” (POLLAK, 1989, p. 8). Trabalhos de história oral trazem à luz essas vozes que antes só circulavam nos meios familiares e afetivos. Podem surgir como novidades, narrativas questionadoras, novas demandas, ou nas palavras de Portelli (2000) uma forma de

enfrentar o pensamento dominante, o único legítimo, a visão autorizada, o modo oficial de pensar.

Muito do que já foi comentado nesta análise e que ainda será apresentado, pode soar como novidade, com certa estranheza e/ou desconfiança. Não ficaríamos surpresos em ouvir moradores de Nova Friburgo pronunciando frases do tipo: “Como assim negro em Nova Friburgo?”, “Impossível ter havido escravos aqui, nossa cidade foi construída com trabalho livre dos suíços e alemães”.

O negro no discurso historiográfico brasileiro durante muitos anos esteve assimilado apenas à escravidão, destituído da condição de sujeito e a uma narrativa negativa e discriminatória (isso quando era citado).

A produção intelectual realizada ao longo de todo o século XX através das diversas manifestações e mobilizações, por exemplo, do Movimento Negro, com Abdias do Nascimento, a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN), além das contribuições da “Escola de São Paulo”, com Florestan Fernandes no debate que questionava o ‘mito da democracia racial’, culminaram em diversos avanços, conquistas e mudanças no processo contra a invisibilização da população preta e luta antirracista. Mesmo assim, essas transformações não representaram uma democratização total do debate racial. Dizemos isso a partir da análise do ensino básico, que é para a maioria da população brasileira a única escolaridade que conseguem acessar. Somente no ano de 2003 foi sancionada a lei 10639/03, alterada pela lei 11645/08, em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) incluiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Desse modo, mesmo de forma rápida, já se torna mais fácil de entender o estranhamento com o tema ‘O negro em Nova Friburgo’. O morador friburguense seja branco ou preto, que cresceu dentro da lógica discursiva de valorização da história branca, foi condicionado a olhar para o negro sem o enxergar. O negro nesse contexto é um elemento estranho no discurso assimilado e internalizado durante todo o processo de construção identitária de cada sujeito.

As memórias negras, com suas histórias e representantes, permaneceram marginalizadas através de um racismo historiográfico. Logo, por muito tempo se fez acreditar que não existiam negros em Nova Friburgo porque a cidade teria sido fundada e se desenvolvido apenas a partir da colaboração de imigrantes europeus, majoritariamente suíços e alemães. Porém, até o observador mais desatento, em uma breve visita à cidade, é capaz de identificar que há uma diversidade étnica e cultural maior que a declarada pelas narrativas e políticas oficiais. A presença na sociedade friburguense das culturas e manifestações originárias de povos



descendentes do continente africano pode estar ausente e pouco representada na escrita oficial da história local, mas o cotidiano da cidade faz oposição a essa narrativa que as excluiu. A dinâmica de Friburgo é representada por expressiva parcela da população negra transitando nas ruas, indo trabalhar nas confecções de moda íntima, indústrias e comércio, fazendo o segundo maior carnaval do estado do Rio de Janeiro, animando as praças e desfiles cívicos com suas duas bandas sinfônicas centenárias compostas majoritariamente por músicos negros, por exemplo. Retornando a nossa entrevistada, Luana junto com o Coletivo Negro Lélia Gonzalez reivindica esse protagonismo para população afrodescendente, um protagonismo identificado na forte participação e no desenvolvimento das atividades econômicas e culturais. Nas palavras de Luana:

[...] quando a gente fala, por exemplo, ‘é o polo da moda íntima’ [...] quem desce é o morro, quem desce é a perifa, quem tá lá dentro com ventilação escassa, sentindo calor do motor da máquina pegando nas pernas, suando, passando mal, somos nós população preta que é a maioria dos trabalhadores de Nova Friburgo. Isso não tem como negar, não tem como tentar invisibilizar. O que dá, é simplesmente não falar (NEGRALU).

A citação acima nos remete a um tema que circula na entrevista em quase todos os momentos, a invisibilização da população negra friburguense na história passada e presente. Segundo o autor João Raimundo de Araújo esse processo foi sistematizado por agentes políticos e por personalidades da elite local a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Araújo apresenta a hipótese de que: [...] para explicar e reforçar o projeto industrializante da cidade de Nova Friburgo - projeto estabelecido com capitais provenientes de empresários alemães - foi necessário recorrer a um passado idealizado, à origem supostamente suíça do povo e da cidade. Na serra fluminense teria surgido uma cidade peculiar, diferente de outras, uma cidade suíça, branca, industrializada, com trabalhadores livres, por iniciativa do rei português (ARAÚJO, 2003, p. 7).

O autor completa que para a construção e subsequente consolidação dessa narrativa eurocêntrica, foi realizado um trabalho paralelo de desqualificação e apagamento de manifestações de outros grupos, como por exemplo, a dos negros. A discriminação e marginalização da população preta foram identificadas por João Raimundo durante sua análise do jornal *A sentinela* de 1898, onde observou citações que tratam “[...] as práticas sociais dos negros, como a expressão de sua religiosidade, seu lazer, bem como a desocupação dessa mão de obra adventícia, [sendo] encaradas como perigosas e indesejáveis” (ARAÚJO, 2003, p. 45).

Esse processo sistemático de invisibilização e discriminação do negro identificado na construção da história e nas relações sociais de Nova Friburgo é um processo recorrente em muitas outras cidades brasileiras. Sobre isso, Florestan Fernandes no prefácio de *O significado do protesto negro* (1989), comenta que “os negros são os 190 testemunhos vivos da persistência de um colonialismo destrutivo, disfarçado com habilidade e soterrado por uma opressão inacreditável” (FERNANDES, 1989, p. 2).

No caso friburguense a dimensão dessa prática destrutiva e opressora do negro fica muito evidente quando a entrevistada comenta a percepção de que “não tem nada em Friburgo que faça menção a história negra [...], nada que seja um símbolo para poder trabalhar o inconsciente coletivo da população”.

Para todo esse processo de esquecimento sistêmico e proposital da memória negra em solo friburguense podemos usar o conceito de epistemicídio. O termo do professor Boaventura Santos é enquadrado pela filósofa Sueli Carneiro (2005), como a negação à população preta da condição de sujeitos de conhecimento, através da desvalorização e exclusão das suas contribuições na sociedade. Quando falamos da perspectiva da análise do sujeito histórico, o epistemicídio fica evidente na sua invisibilização e prática do racismo historiográfico.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Desta passagem de Sueli Carneiro, para além da definição de epistemicídio, também podemos destacar o uso da educação, do ensinar e aprender, como uma das ferramentas de prática, aplicação e disseminação do projeto de desvalorização e enquadramento negativo do negro na sociedade brasileira. Os movimentos sociais, neste caso mais específico o movimento negro, reconhecem essa dinâmica e para combatê-la se articulam e constroem parte de suas

estratégias de enfrentamento também no campo do ensino, seja através de educação formal ou/e não formal.

O Coletivo Lélia Gonzalez, do qual Luana faz parte, tem como uma de suas propostas a realização de atividades pedagógicas que colocam a população negra em lugar de destaque e status social. Segundo nossa entrevistada, o seu trabalho junto ao Coletivo:

É primeiramente educar a população e mostrar para essa população que nós [população preta] estávamos aqui antes da chegada dos suíços, que não é certo anular a presença e a contribuição histórica de nenhuma população. Nós não queremos que deixe de falar dos suíços, nós queremos que fale de nós também (NEGRALU).

As ações compreendem atividades dentro das escolas, como, por exemplo, as rodadas culturais, mas também englobam práticas no campo da educação não formal, como as visitas às comunidades periféricas onde se busca dialogar para “desconstruir a mentalidade colonizada da população preta de Nova Friburgo”. Sobre esse processo, Luana tem uma fala incisiva sobre a necessidade de “conversar e levar essa educação, a educação que não nos ensinam na escola, para todos aqueles, para todo mundo, e principalmente para aqueles que precisam ouvir e precisam se reconhecer”.

Negralu ao contar como desenvolve sua conversa com a população dá como exemplo a forma que apresenta a história do preto escravizado Antônio Pernambuco e o episódio que protagonizou, a Revolta da Fazenda Ponte de Tábuas. Ao contrário das narrativas comuns que trazem um incessante sofrimento, negação, desvalorização e desinformação sobre quaisquer aspectos da ação do negro Antônio, Luana o apresenta como “a única referência de personalidade negra que nós temos, que tentou quebrar os grilhões da escravidão dentro da cidade de Nova Friburgo.”

Ela menciona ainda sua proposta durante a campanha eleitoral de 2020, em que foi candidata à vereança, de erguer um busto de Antônio Pernambuco na Praça Marcílio Dias. O lugar atualmente não possui nenhuma menção ao seu passado de pelourinho da cidade e lugar onde Antônio Pernambuco recebeu os 400 açoites como punição a revolta que liderou. O projeto ainda não foi executado porque sofreu muita resistência e crítica, mas a militância em prol da valorização da memória preta continua forte nas suas ações e do Coletivo Lélia Gonzalez:

[...] a gente tornar o Antônio Pernambuco uma personalidade e levar a história desse negro escravizado, que teve a audácia no interior do estado, quase que sozinho, na maior fazenda da cidade, de tentar quebrar os grilhões da

escravidão e denunciar a tortura, e as crueldades, as mazelas que eles viviam ali, a crueldade que eles viviam ali, é um dos nossos objetivos enquanto coletivo negro, é tornar público e reconhecida a imagem de Antônio Pernambuco (NEGRALU).

Esta última análise reforça o aspecto central de todo esse texto, e principalmente da fala de nossa entrevistada Luana Negralu, sobre a importância das falas negras, em se buscar e valorizar as versões reverberadas por diferentes sujeitos, que historicamente foram silenciados pelas forças da colonialidade do saber. Repetindo parte da fala já citada acima, “Nós não queremos que deixe de falar dos suíços, nós queremos que fale de nós também.”. O que se quer, e é preciso fazer, é construir uma história diversa que não leve em consideração apenas um único ponto de vista sobre os eventos históricos.

Ao relatar a sua história de vida, Negralu estava reforçando a sua identidade com o coletivo. As falas sobre situações de violência, racismo e discriminação contra a população preta nos ajudam a compreender e perceber as tensões entre os vários grupos sociais e os sujeitos individuais dentro da comunidade friburguense. Através da análise da entrevista de Luana Negralu pudemos observar o ato de lembrar, rememorar, sendo uma forma e um momento de construir uma visão da dinâmica e das várias etapas da sua trajetória e do grupo social ao qual pertence.

### **Império da Negas - Maiara Felício**

Maiara Felício da Silva é uma mulher preta, nascida em 07 de maio de 1994, em Bom Jesus do Itabapoana, na região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro. Após seu nascimento, passou os primeiros anos de sua infância no interior do estado do Espírito Santo, vindo residir em Nova Friburgo ainda criança, por volta dos 6 anos de idade.

A partir deste momento vamos chamá-la apenas por Maiara ou Maiara Felício, seu nome político e como é conhecida na cidade de Nova Friburgo.

Maiara Felício é uma das cinco idealizadoras do coletivo negro Império das Negas, criado em 2015. Atualmente exerce a vereança em Nova Friburgo, tendo sido eleita em 2020 como a candidata mais votada na cidade, 1870 votos, pelo PT (Partido dos Trabalhadores). Não vamos nos aprofundar em alguns aspectos curiosos sobre sua campanha, em que houve forte adesão popular, com o slogan “O Povo no Poder”, e sua eleição com números muito expressivos. Porém, destacamos ser um episódio importante para ser estudado em um novo momento se realizada uma análise junto com outros resultados eleitorais, como por exemplo, o

do segundo turno das eleições presidenciais de 2018, em que 72,83% dos eleitores friburguenses votaram no candidato Jair Bolsonaro e apenas 27,17% em Fernando Haddad. Um resultado que pode ser interpretado, em um primeiro momento, como de um perfil de eleitores majoritariamente conservadores e um forte clima anti petista. Quando também analisamos os candidatos eleitos junto com Maiara, a partir dos critérios de cor/raça e gênero, percebemos a tendência conservadora do eleitorado que reflete numa composição do executivo muito desigual. O prefeito eleito, Johnny Maycon, é pastor da Igreja Quadrangular e do partido Podemos e na Câmara Municipal, dos 21 parlamentares, apenas três são mulheres, dois se autodeclararam pardos e somente Maiara é preta. A eleição de Maiara além de nos trazer aspectos interessantes, como os mencionados, podemos dizer ser um fato peculiar e isolado se considerarmos que foi a primeira mulher preta eleita para o legislativo na cidade de Nova Friburgo.

Nossa entrevista foi realizada em 20 de agosto de 2020. Apesar de sua grande visibilidade e ascensão no campo político, Maiara pouco falou sobre o processo eleitoral a que iria se submeter nos meses seguintes, explicando que estava se reservando neste aspecto para não haver nenhuma chance de criar material que viesse a ser usado contra ela, que caracteriza campanha política fora do período permitido pelos órgãos competentes.

Desta forma, Maiara tomou como ponto norteador da entrevista a história do Império da Negas e suas principais atividades, o envolvimento de sua família nos projetos e as experiências mais marcantes vivenciadas.

Segundo Maiara, o Império das Negas não nasceu como o coletivo negro que é hoje, que oferece diversas atividades e serviços, tais como, palestras, atendimento psicológico, ensino de história, casting para modelos negras(os), feira solidária e visitas em escolas do município. A primeira menção ao Império das Negas foi como uma *hashtag* na internet, quando Maiara a usou para fazer uma homenagem para sua irmã nas redes sociais. Depois, ela e outras quatro amigas começaram a usar a hashtag em fotos que publicavam em lugares boêmios que frequentavam, bares e boates, mas que entendiam como lugares predominantemente brancos, “lugar onde a elite ia [...] evento de gente branca com sertanejo e eletrônico”(FELICIO, 2020). Além de relatar a estranheza quanto a pouca presença de pessoas negras nesses espaços, ela também identifica outro marcador de hierarquização racial, o fato de o funk só tocar muito tarde da noite. Desta forma, Oliveira explica que:

O arranjo e o ordenamento espacial das relações raciais expressam respectivamente contextos e situações espaços - temporais hierarquizantes e

hierarquizadas concebidas por grupos dominantes que na costura de políticas públicas e /ou na condução de suas ações produtoras de espaços desiguais inscrevem concepções racializadoras da sociedade que se materializam na localização e distribuição desigual dos bens de uso coletivo. As práticas racistas, preconceituosas e de discriminação criam assim, distâncias e impõem métricas materiais e simbólicas aos indivíduos classificados como negros. Portanto, estabelecem processos sócio - espaciais. Esses processos são produtos dos arranjos, ordenamentos e eventos de discriminação. O arranjo espacial revela como são apropriados os bens sociais coletivos produzidos e o ordenamento revela como esses mesmos bens são usados. (OLIVEIRA, 2011, p. 154)

Com o passar do tempo, o uso da *hashtag* ganhou visibilidade e outras pessoas passaram a usá-la, iniciando assim uma comunidade imaginada virtual. “Imaginada”, segundo Benedict Anderson (2015), na esfera simbólica, de fazer sentido para a alma, e passional, de ser objeto de desejo e projeção. Já “virtual” é uma concepção moderna de comunidade, diferente das clássicas vinculadas e criadas em espaços comuns. As redes sociais e suas ferramentas, como o uso de hashtag, possibilitam que as pessoas compartilhem interesses independentemente de onde estejam.

Pode-se dizer que sobre o novo território virtual, as proximidades são semânticas e não mais necessariamente e unicamente geográficas ou institucionais. No ciberespaço, as proximidades não desapareceram, elas são redefinidas como uma classe importante de proximidades, semânticas, ao mesmo título, que a língua, a disciplina, a orientação política, sexual, etc. (LE MOS, LÉVY, 2010, P.105)

Porém, estar na condição de imaginada implica que “[...]os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entres eles” (ANDERSON, 2015, p.32), condição que Maiara percebeu ser incompatível se manter a partir do movimento que percebia estar acontecendo

Eram cinco meninas com black, com uma identidade preta, a meu ver né, bem resolvida na época, e que fazia com que outras pessoas pretas se ‘sentiam’ à vontade e sentiam pertencentes a alguma coisa por estar usando a hashtag [...] Aí a gente viu que tinha alguma coisa acontecendo e senti a necessidade de criar algo que pudesse ser realmente desse lugar de acolhimento em Friburgo. (FELICIO, 2020)

Desta forma, o Império das Negas se tornou uma comunidade real, com a realização das primeiras atividades que foram “eventos de rua e com a identidade toda preta”, seguindo a mesma orientação de algumas páginas da internet, como, “*Pretinho do Poder e As negas do Ziriguidum*, que falavam muito sobre estética do povo preto”(FELICIO, 2020). Sendo assim, durante os eventos havia desfile em praça pública, capoeira, baile charme, grafiteiro, trancistas e maquiadora. A proposta do Império da Negas toma a estética como um ato político, de resgate dos valores da afro-brasilidade e de promoção e restituição do orgulho cultural da comunidade negra. Neste sentido, Maiara coloca que:

(...) hoje eu tenho a maturidade de entender também que a porta de entrada para negritude, dos pretos, é a estética. Somos atraídos pela estética, nós gostamos muito de ver algo em destaque, que seja parecido com a gente. A gente bate muito nessa tecla da representatividade, hoje a gente consegue colocar representatividade em outras esferas, que são de espaços de poder, saindo dos lugares de subserviência (FELICIO, 2020).

Maiara mostra, através de alguns exemplos, a existência de uma ideologia branca na estética, percebida a partir de práticas discriminatórias, opressivas e racistas. Num dos casos citados, ela menciona que por diversas vezes já foi solicitado que alisasse o seu cabelo para realizar desfiles de moda. Pedir para uma pessoa preta alisar seu cabelo é uma tentativa de tornar a pessoa afrodescendente menos negra, é assimilar sua imagem e identidade ao padrão branco. Outro relato, como o de Maria Christina mostra a continuidade dessa opressão e discriminação direcionada ao cabelo negro é uma prática sistemática na sociedade brasileira, que se perpetua década pós década:

(...) em relação ao meu cabelo, hoje aqui tá assim e a gente nem sempre está assim. A gente bota aqueles produtos mesmo, ele fica todo enrolado mesmo, natural né. Eu brinco com os meus filhos que eu falo assim: ‘gente, se mamãe visse esse cabelo ia falar assim: minha filha vai pentear esse cabelo, isso não é cabelo!’ Então, exatamente isso eu também sofri. E eu acho que isso fez também, na minha personalidade, isso eu percebo, essa não Negritude. Não me perceber por causa de toda essa criação que eu tive né, o meu contato foi uma família Branca, todos eles eram brancos (SILVA, 2021)

Segundo Abdias Nascimento, “os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar

a própria identidade pela pressão social, se transformando, cultural e fisicamente, em brancos”. (NASCIMENTO, 2016, p. 153).

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação*, resume no parágrafo abaixo, como o pedido<sup>26</sup> que Maiara recebeu para alisar o cabelo pode ser visto como um ato de violência, de racismo e de subordinação:

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de primitividade, desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como cabelo ruim. [...] Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados sinais repulsivos da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta cabelo crespo ou black e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial.” (KILOMBA, Grada. p. 127)

Aproveitando esse momento para reforçarmos que uma das atividades que sempre esteve presente nas ações promovidas pelo Império das Negas foi o trabalho das trançistas. Também é importante registrar que durante toda a campanha política Maiara Felício esteve com um cabelo black, que ela declara ser seu cabelo político.

Retornando a entrevista com Maiara, quando ela expõe a questão da estética em Nova Friburgo, ela descreve um cenário de exclusão e invisibilização da mulher negra. Esse processo é exemplificado quando somos lembrados que Friburgo é um polo de moda íntima, e apesar desse cenário favorável para muitas oportunidades de trabalho para modelos femininas, segunda Maiara, as mulheres pretas não estão contempladas nesse mercado porque “as pessoas têm vergonha de colocar mulheres negras num outdoor”. Maiara declara que já ouviu dono de loja dizer que “só vai chamar mulher branca para poder fotografar porque esse é o perfil das clientes da [minha] loja”. Na citação a seguir é apresentada uma hipótese para a ausência de negros na televisão que também pode nos ajudar a entender a situação anterior do dono da loja que não chama modelos negros para suas propagandas. Segundo o cineasta Joel Zito Araújo, há uma prática que associa negros e a falta de poder aquisitivo:

É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não

---

<sup>26</sup> Podemos entender mais como uma ordem, visto que, provavelmente, se Maiara não atendesse a orientação, não poderia realizar o trabalho



haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência (ARAÚJO, 2000.p.38-39)

Um último episódio, dentro desse campo da estética da mulher preta, é o caso da modelo Nayara Oliveira. Apesar da carreira internacional, inclusive morando em Londres, a jovem modelo não teve a mesma visibilidade em Nova Friburgo, tanto que nossa entrevistada declara que ‘a modelo mais famosa da nossa cidade é uma mulher preta (...) e ninguém fala dela. Não é bom falar que a modelo mais bem paga da cidade é uma mulher preta que saiu do Rui Sanglard<sup>27</sup>.’ (FELICIO, 2020).

A desvalorização e o não reconhecimento da beleza da mulher negra, tem como um dos seus fatores promotores, o processo de associação das características da estética da negritude à valores negativos, que servem de reforço positivo aos aspectos estéticos da branquitude, como Lélia Gonzalez nos explica:

(...) o aspecto que nos interessa aqui é o do modelo estético ocidental (branco) que nos foi imposto como superior ideal a ser atingido. Por isso mesmo nós, negras e negros, éramos sempre vistos como o oposto daquele modelo através do reforço pejorativo das nossas características físicas: cabelo ruim, nariz chato ou fornalha, beijos ao invés de lábios, tudo isso resumido na expressão ‘feições grossas ou grosseiras’ (GONZALEZ, Lélia, 2020 p. 242)

O engajamento político-social do Império das Negas articula o campo da estética enquanto aspecto central no processo de afirmação identitária, produzindo um novo olhar sobre o corpo e a noção de beleza. Na mesma esfera de debate podemos pensar a questão da representatividade; a partir de quais referências os negros vêm construindo sua subjetividade?

O processo de hierarquização dos valores estéticos feito a partir do padrão branco cria um sujeito negro inferiorizado, com representações marginalizadas e pejorativas. Desta forma,

---

<sup>27</sup> Rui Sanglard é um bairro periférico de Nova Friburgo. Segundo o *Diagnóstico da Segurança Pública em Nova Friburgo*, publicado em 2009, o bairro ocupa a terceira posição quanto a vulnerabilidade social, que representa os piores índices de rendimento médio dos responsáveis por domicílios; média de anos de estudo dos responsáveis por domicílios; taxa de analfabetismo na população com 5 anos e mais de idade. A localidade também possui avaliações negativas nos quesitos segurança e saneamento básico.

([Microsoft Word - Diagn\363sticoNF\\_final2.doc](#)) ([ucamcesec.com.br](http://ucamcesec.com.br))

podemos entender que “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder” (SILVA, 2000, p.91).

Uma das estratégias do coletivo para discutir e problematizar a questão da representatividade é apresentada a partir do relato de um evento de final de ano em que o momento ápice foi a chegada de um Papai Noel Preto. A resignificação da imagem de um personagem tão comum no imaginário coletivo na figura de uma pessoa preta quebra toda uma lógica de exclusividade representativa e estigmas sociais, criando ideias e possibilidades de empoderamento e valorização do negro ao colocá-lo em um lugar que antes era ocupado apenas por brancos.

Podemos perceber que a produção cultural e estética neste contexto não é apenas fruto do desejo de entreter. Outras ações, como as aulas de história, atendimento psicológico e rodas de conversa promovem debates que ligam a estética ao campo da ancestralidade, luta e resistência. Nesse sentido Maiara explica o papel do atendimento psicológico e das aulas de história:

(...) ter o nosso psicólogo para orientar e ajudar a gente entender o nosso lugar enquanto preto, tem o nosso professor de história para entender realmente de onde a gente veio e parar de ficar aí nesse lugar de que somos descendentes de escravos né. A gente tem uma história milenar, de construção, de ciência, de filosofia que se esconde da gente, escondem ... de branco chegar no Egito e quebrar nariz da esfinge para ninguém entender que é a representação da pessoa que ali está é de uma pessoa preta. E de ter esse apagamento e de se proibir foto desses espaços para que a gente não entenda que aquilo é gente (FELICIO,2020)

Poderíamos ainda analisar outras atividades do Império das Negas que foram mencionadas, como as palestras nas escolas, a feira solidária e o casting de modelos, mas vamos deixar aqui a indicação da leitura da transcrição da entrevista e direcionar nosso texto para as dimensões que se constituíram a partir destas práticas, do coletivo negro como espaço educador, de acolhimento e de associativismo.

O papel educador vamos deixar para comentar mais a frente quando abordarmos a questão da Lei 10639/03, que fala sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. Com relação ao coletivo como espaço de acolhimento, Maiara menciona algumas possíveis motivações de grupos muito distintos frequentarem e procurarem o coletivo, desde o estudante que procura um lugar para realizar um lanche no intervalo das aulas e cursos, até pessoas que buscam apoio emocional e afetivo. Neste contexto, as participações da mãe e

irmã de Maiara estão inseridas numa dinâmica dentro do coletivo com características parecidas às vivenciadas em estruturas familiares matriarcais, em que cada indivíduo possui sua singularidade e funcionalidade para o desenvolvimento das atividades, mas sempre com a valorização e centralidade na figura feminina. Maiara atribui a sua mãe grande destaque, como uma referência afetiva, a sua irmã a força e a si, a organização. Nas suas palavras: “Foi uma coisa que virou família, a gente entendeu que não era só falar de Negritude, mas sentir essa Negritude, sentir as necessidades dessa Negritude, de ver pessoas que iam para o encontro só para abraçar minha mãe e ir embora. E quando a minha mãe não ia: acabou! Você via no olho da pessoa que acabou.” (FELICIO,2020).

Maiara realizou a entrevista da sua casa, onde estavam presentes sua irmã e mãe. Apesar das duas familiares não terem se manifestado de forma direta, elas buscaram saber desde o início com quem Maiara estava falando, o que estavam querendo saber sobre sua família e o coletivo. Além disso, Maiara buscou junto delas a confirmação de muitas de suas falas, compartilhando assim o seu protagonismo e centralidade das ações e discurso.

A terceira dimensão, a do associativismo negro, talvez seja a mais singular se considerarmos como o aspecto que diferencia o movimento negro de outras organizações/agrupamentos. Neste sentido, estamos tomando o associativismo como experiência secular de solidariedade reivindicativa e de fortalecimento político, cultural e espacial. Como Mário Augusto Medeiros da Silva nos lembra:

(...) os associativismos negros em prol de um fim coletivo fazem parte da história política, religiosa e cultural brasileira. Estão presentes no período colonial, imperial e republicano, (...) [e] figuram na paisagem social organizando redes de solidariedade e troca de ideias, acompanhando a luta por direitos, antirracista e antidiscriminatória. (SILVA, 2021, p. 445)

Maiara reconhece o espírito associativista na “(...) vontade de Aquilombar, de criar o outro espaço, de não depender de outros, não depender do Estado” (FELICIO,2020). Nesta fala fica evidente que a união é o elemento solidificador e diferenciador dos processos produzidos e vivenciados no Império da Negas. O verbete de Petrônio Domingues nos explica essa questão da seguinte forma:

Todas [associações] tinham como objetivo satisfazer necessidades sociais, econômicas, culturais, religiosas e humanas de um segmento populacional que vivia em condições adversas [...] As associações negras não se limitaram a denunciar problemas, mas tentaram apontar caminhos para superá-los.

Diversas foram as soluções preconizadas: o soerguimento moral, a melhora do nível educacional e cultural, a valorização da subjetividade, relacionada à construção de identidades; a necessidade de protestar diante das injustiças e de atuar politicamente. Contudo, a principal solução advogada foi a união, considerada pré-requisito para os negros se fortalecerem, conquistarem espaço na sociedade e, assim, superarem problemas comuns que enfrentavam (DOMINGUES, 2018, p113)

Apesar das ações e atividades do Império das Negras serem constituídas dentro dessa lógica associativista, em que há uma busca de autossuficiência no sentido de desenvolver soluções e encontrar apoio dentro do próprio coletivo, valorizando as habilidades e estimulando as potencialidades de cada membro, Maiara em diversos momentos esclarece que isso não implica numa postura isolacionista e de distanciamento em relação às esferas públicas. Neste sentido, Maiara manifesta que o Império das Negras sempre defendeu “a necessidade de responsabilizar o poder público”, na forma de apoio para desenvolver seus projetos, que no seu entendimento significa cobrar que as leis já existentes de interesse às demandas e direitos da população afro-brasileira sejam aplicadas e cumpridas.

Tem muitas políticas públicas do município que são leis orgânicas e funcionam incorretamente ou simplesmente não funcionam. E quando a gente vai falar sobre Negritude a gente tem essa lei, [...], que fortalece as atividades afirmativas e de africanidade dentro das escolas e espaço sócio culturais da cidade. E aí a gente não tem nada funcionando. E o que acontece? (FELICIO, 2020)

Complementando a fala de Maiara, esclarecemos que no âmbito municipal, identificamos a Lei nº 3.821, de 04 de janeiro de 2010, que “dispõe sobre estratégias de combate ao racismo e de incentivo às ações afirmativas para negros e afrodescendentes no município de Nova Friburgo [...]”. Ainda na mesma esfera, podemos também citar a lei nº4.199, de 13 de novembro de 2012, que “dispõe sobre o sistema municipal de cultura de seus princípios, objetivos, estrutura, organização, gestão, interrelações entre os seus componentes, recurso humanos, financiamento [...]”.

A Lei nº 3.821 possui apenas 8 artigos. Destes, dois delegam sobre políticas afirmativas de reserva de vagas para negros em órgãos públicos, via concurso ou seleção, visando um maior equilíbrio e igualdade étnica na composição do quadro de funcionários municipais. Os demais artigos falam sobre as responsabilidades em criar e desenvolver políticas e estratégias de combate ao racismo, mas não apresentam quais os mecanismos que serão acionados para se

cumprir tais metas. A não aplicabilidade e exercício desta lei fica mais evidente quando tomamos como referência um caso vivenciado pela nossa entrevista<sup>28</sup>, quando ela sofreu injúria racial em uma rede social, tendo sido chamada de “negrinha” e mandada “tomar banho”. Mesmo com a repercussão do caso na mídia local e nacional, o registro de denúncia e a apuração que resultou no indiciamento de uma pessoa, não identificamos nenhuma manifestação e ação da Prefeitura no sentido de discutir e combater o racismo na cidade.

Já a Lei nº4.199 apresenta definições e propostas de gestão cultural pautadas nos conceitos de diversidade, pluralismo e democratização. Destacamos que somente o Artigo 14 menciona de forma direta “culturas indígenas, populares e afro-brasileiras”, como podemos ver a seguir:

“Art.14. O direito à participação e à diversidade cultural deve ser assegurado pelo Poder Público Municipal por meio de políticas públicas de promoção do patrimônio cultural do município, de promoção e proteção das culturas indígenas, populares e afro-brasileiras e , ainda, de iniciativas voltadas para reconhecimento e valorização da cultura de outros grupo sociais, étnicos e de gênero, conforme os art. 215 e 216 da Constituição Federal.”

Se realizarmos um breve levantamento dos principais eventos<sup>29</sup>, sem ser o carnaval, poderemos ver que não existe a diversidade e o fator democrático propostos na legislação. Os eventos com maior destaque possuem como referência a história e cultura suíça-alemã e/ou um público alvo das camadas sociais mais privilegiadas, se considerarmos os valores de produtos e serviços oferecidos.

A última lei que a ser comentada, é a Lei 10639/03, de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". A cobrança pela aplicabilidade desta lei é uma reivindicação antiga e presente sistematicamente nas pautas do movimento negro em Nova Friburgo, podendo ser vista não apenas na fala de Maiara, mas

<sup>28</sup> [Vereadora mais votada de Nova Friburgo, RJ, é alvo de comentários racistas nas redes sociais | Região Serrana | G1 \(globo.com\)](#)

<sup>29</sup> Consideramos para esse comentário os eventos de maior visibilidade e com uma periodicidade já consolidada, tais como: Festa de Aniversário de Nova Friburgo, Festa do Colonizador, Festa das Flor, Festa do Morango com Chocolate, Festival Gastronômico da Truta, Festival de Inverno, FEPRO (Feira brasileira do setor de moda íntima) e FEVEST (Feira brasileira do setor de moda íntima). Tomamos a visibilidade no sentido de serem os eventos que ocorrem nos espaços de maior circulação e mais prestigiados da cidade, tais como a Praça do Suspiro, Praça Demerval Barbosa Moreira, Nova Friburgo Country Club e nos polos gastronômicos de dois bairros tidos como de elite, Cônego e Mury.

também na dos demais entrevistados e também nas repostagens sobre as comemorações do dia da Consciência Negra. Maiara acredita que os profissionais da Educação atualmente não possuem qualificação apropriada para trabalharem e abordarem temas sobre a negritude, defasagem resultante mais da inexistência de oferta de ações formadoras do que de uma possível falta de iniciativa e interesse dos profissionais.

(...) o preparo desses profissionais é zero. Entendo também que pode não ser culpa deles porque tem um orçamento público voltado para esse tipo de formação que não é utilizado. Abre licitação para chamar uma instituição, uma entidade de Negritude, para fazer a formação desses professores e simplesmente a prefeitura não faz, espera vencer o prazo para não ter. (FELICIO, 2020)

A existência de leis não garante a diminuição das desigualdades, o combate às práticas discriminatórias e racistas e a promoção e valorização cultural de grupos desprovidos de apoio político e cultural. Podemos tomar como exemplo o caso apresentado e avaliado por Abdias Nascimento, em que foi criada uma lei proibindo a prática racista de se especificar nos anúncios de vagas de emprego que “não se aceitam pessoas de cor”. Nascimento relata que a única mudança foi a troca da expressão “não se aceitam pessoas de cor” por “pessoas com boa aparência”. Desta forma, as leis antirracismo acabam se tornando meramente simbólicas, nas palavras de Abdias Nascimento “(...) mesmo após a lei Afonso Arinos, de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continua na mesma. Ela tem um valor puramente simbólico. (...) Com lei ou sem lei, a discriminação contra o negro permanece: difusa, mas ativa”. (NASCIMENTO, 2016, p. 97).

Como último ponto a ser citado da entrevista com Maria Felício, apresentamos sua avaliação quanto a história local de Nova Friburgo, um entendimento bem claro de uma história forjada no elogio ao grupo suíço-alemão e o desprezo, discriminação e marginalização do afrodescendente.

É a narrativa do cachorro, do cachorro de Pedigree que quer contar, quer mostrar para o outro, que existe uma elite aqui. Esse é o recado, nós não fomos manchados com a miscigenação aqui, nós somos a Suíça brasileira, nós não temos essa mistura aqui. Nosso título é de Suíços. E a partir dessa narrativa a gente entende que não tem preto aqui, não tem nada melhor do que o Suíço aqui. E é o apagamento. E aí chega o turista e chega aqui falando: ‘movimento negro em Nova Friburgo?’ As pessoas ficam curiosas. Como você lida com isso? ...porque junto da Suíça vem o título de conservador, de cidade provincial, aí quando a gente fala de uma coisa tão incrível que é capaz e possível de acontecer, e que tem demanda na cidade, as pessoas se chocam.

Turista paga para ver branco em Nova Friburgo! Paga pra ver aquela galera vestida com aquelas roupinhas, tomando cerveja artesanal. (FELICIO, 2020)

Desta forma, chamamos a atenção de que essa análise explorou apenas parte dos elementos presentes na fala de Maiara, cabendo sempre novos olhares, avaliações e reflexões sobre cada temática. Nosso objetivo foi extrair passagens que pudessem trazer o leitor para a reflexão das ações, dinâmicas e estratégias desenvolvidas dentro do coletivo negro Império das Negas, no sentido de tirar o negro friburguense do lugar de afro brasileiro destituído - expressão de Abdias Nascimento - de sujeito não representado culturalmente, politicamente e historicamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho de estudo sobre o negro em Nova Friburgo continua a ser um caminho longo a ser percorrido, com ricas e novas possibilidades de temas e abordagens para os pesquisadores. Ainda são inúmeras as pessoas a serem entrevistadas, documentos que não foram estudados e analisados e fontes inéditas.

Neste trabalho tivemos a intenção de mostrar que a ausência de representatividade negra na história oficial de Nova Friburgo, que ainda hoje valoriza apenas a figura do imigrante europeu, foi resultado de um discurso forjado a partir de intencionalidades de grupos dirigentes da elite local. Desta forma, podemos entender a história oficial como uma criação moral, ideológica e intelectual que potencializou apenas parte dos elementos constitutivos, criando um imaginário mítico e idealista: a Suíça brasileira, terra de homens brancos, europeus e trabalhadores livres.

O discurso de Agenor De Roure proferido nas comemorações do centenário da cidade, em 1918, representa não somente essa articulação dos interesses locais, mas sua inserção num debate nacional, preocupado com a formação de uma imagem e identidade moderna do povo brasileiro, que apontasse a superação do passado monarquista e escravista. A narrativa De Roure possui elementos teóricos e discursivos oriundos de um debate hegemônico em nível nacional, que tinha como principal órgão legitimador o IHGB. Além disso, podemos mencionar as teorias racialistas, que, com um ar de cientificidade, reforçaram e endossaram uma representação discursiva negativa do negro na história e sociedade.

Através da análise de documentos oficiais atuais e ferramentas de comunicação da Prefeitura Municipal, foi possível verificar que o discurso forjado nas primeiras décadas do século XX se perpetuou ao longo dos anos, sendo hoje apresentado institucionalmente com

poucas mudanças. Porém, com a modernização e maior complexidade da atual sociedade, podemos identificar novos agentes sociais que no exercício das suas funções fazem usos diferenciados da história local, e com grande visibilidade e forte influência social, como o caso do Turismo Histórico-Cultural e os trabalhos históricos apresentados em jornais, sites e redes sociais.

No caso do Turismo, a partir da conversa com o guia de turismo Thiago Silva, foi possível ver uma narrativa apresentada ao visitante que também valoriza muito o elemento europeu, mostrando certo emparelhamento com o discurso oficial, sendo esse o atrativo principal nas estratégias de marketing, o diferencial para atrair o turismo. Apesar desse maior foco na história suíça-alemã, o guia, que também é formado em história, relatou algumas possibilidades para inclusão do negro nas abordagens feitas durante seus roteiros, mas em nenhuma a história do negro seria o foco principal e em todas com a vinculação ao período da escravidão.

Já no caso do trabalho da historiadora Janaína Botelho, que escreve artigos especializados na história local e regional para jornais da cidade e nas redes sociais, apesar de abordar o europeu, também trabalha outras perspectivas que contemplam atores sociais, eventos e espaços até então invisibilizados, como os negros e indígenas. Tomamos sua produção como um trabalho no campo da História Pública, no sentido de ser uma escrita colaborativa, que conta com participação de diversos grupos existentes no território, feito para um público mais amplo, que vai além dos limites acadêmicos, numa perspectiva que se aproxima da História Oral.

No segundo capítulo, procuramos mostrar o papel estratégico que a História Oral tem exercido ao longo dos anos no sentido de possibilitar novas formas de abordagem e estudo, principalmente de grupos oprimidos, dominados e invisibilizados. No nosso caso, destacamos o papel pioneiro e inspirador do LABHOI, como espaço de referência na produção de pesquisas sobre o negro no estado do Rio de Janeiro. Já no nível local, o levantamento das pesquisas e trabalhos no campo da oralidade em Nova Friburgo, além de serem poucos, são produzidos dentro de um contexto alinhado com o institucional, que traz um enfoque no europeu.

A narrativa histórica vigente, elimina a possibilidade do negro se enxergar nela, privando grande parte da população friburguense da noção de pertencimento social, histórico e cultural. Entretanto, através da História Oral podemos nos unir a um movimento de reivindicação por valorização da população afrodescendente, já iniciado academicamente por historiadores como Rodrigo Marretto, Gioconda Lozada, João Araújo, entre outros, e também, ou principalmente, pelos próprios negros, desde suas fugas, aquilombamentos, até novas formas de associativismo, como o Movimento Negro.



Esperamos que este trabalho, além de trazer novos olhares sobre a história de Nova Friburgo, também leve as narrativas de pessoas pretas a outros espaços e ao mesmo tempo ajude a combater as ferramentas de manutenção do racismo institucional e estrutural, como o epistemicídio histórico e cultural negro.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 2002, p. 44).

Lembramos que ao longo do processo de desenvolvimento desta pesquisa foram feitas outras entrevistas além das que foram apresentadas e analisadas neste texto. Desta forma, considerando a importância de todas as falas, foi produzido um vídeo documentário também intitulado *E os negros dessa terra?*, onde podemos ouvir mais memórias e histórias.

A emergência de estudos sobre a população negra em Nova Friburgo fortalece um campo de disputa pela memória local e de reivindicação e reconhecimento das identidades afrodescentes dentro do hall de atores formadores e colaboradores para a construção da cidade. Portelli diz que a excepcionalidade das pesquisas em história oral está na arte de ouvir, desta forma entendemos que todas as pessoas entrevistadas enriquecem nossa experiência. Hoje podemos dizer que a história de Nova Friburgo está mais rica depois que ouvimos Luana, Maiara, Ilma, Eliane, Raquel, Maria Christina, Paulo Cesar, Carlos Fellipe, Lilian, Ágni, Angélica e Lara, com suas memórias sobre histórias familiares, histórias da cidade, vivências escolares, festividades, ativismo político, religiosidade, saúde mental...

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila. História pública, ensino de história e educação antirracista. In: *Revista História Hoje*. v.8, nº15 2019. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/523/297> Acessado em fev. 2022.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, Verônica Santos, et. Al. Mulheres Negras e HIV: determinantes de vulnerabilidade na região serrana do estado do Rio de Janeiro. *Saúde Soc.* São Paulo, v.19, supl.2, p.63-74, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/6013/S0104-12902010000600007.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acessado em: 15 jul. 2021.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da suíça brasileira (1910-1960)*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
- ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. Construindo a história de Nova Friburgo. In: *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 13-17.
- ARAÚJO, João Raimundo de. Nova Friburgo de vila a cidade. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003c. p. 165-180.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- ARQUIVO NACIONAL. *Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da*

*Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual*. Brasília, 1998, 2 volumes.

A VOZ DA SERRA (AVS). *A Procura do negro mais idoso*. Nova Friburgo, 03 nov. de 1983.

A VOZ DA SERRA (AVS). *Cultura Negra reúne os movimentos da cidade*. Nova Friburgo, 12 dez, 1987.

BARRETTO, M. *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas, (SP): Papyrus; 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOSI, Ecléa, Memória e sociedade: lembranças de velhos. *Estudos Brasileiros* v1. São Paulo, 1979.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio da Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [lei\\_10639\\_09012003.pdf \(mec.gov.br\)](http://leis.10639_09012003.pdf(mec.gov.br)) Acessado em: jan. 2022.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAPDEVILLE LAFORET, Maria Regina. A colônia de Nova Friburgo. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 47-77.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. In: *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016. (p 35 - 53).

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. *Café História* - história feita com cliques, 6 de novembro de 2017. Disponível em: [https://www.cafehistoria.com.br/historia-publicabiblio/..](https://www.cafehistoria.com.br/historia-publicabiblio/) Acesso em: 04 fev. 2022.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. *Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande - PB (1970 - 2000)* Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA – PRÓ-MEMÓRIA. *Nova Friburgo: Notas e Informações*. Nova Friburgo, 1985. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1W3GTat7EdEnd6-o4PzDcVyii8cYNcvzG> Acesso em: jul. 2021.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA – PRÓ-MEMÓRIA. *Memória oral*. Depoimentos -entrevistas. Nova Friburgo, abr. 1987. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1W3GTat7EdEnd6-o4PzDcVyii8cYNcvzG> Acesso em: jul. 2021.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA – PRÓ-MEMÓRIA. *Notas para estudo da presença do negro em Nova Friburgo*. Nova Friburgo, maio, 1988. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1W3GTat7EdEnd6-o4PzDcVyii8cYNcvzG> Acesso em: jul. 2021.

CERTEAU, Michel De. “A Operação Historiográfica” In: CERTEAU, Miche. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad.Maria Manuela Galhardo. Instituto de Cultura Portuguesa, 1990.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O cotidiano de Nova Friburgo no final do século XIX: práticas e representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *História e memória de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2011.

COSTA Ricardo da Gama R. *Visões do “Paraíso Capitalista”*: Hegemonia e Poder

Simbólico na Nova Friburgo da República. 1997 (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio (Org.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

DE ROURE, Agenor. O centenário de Nova Friburgo. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo 83, Rio de Janeiro, 1918.

DOMINGUES, Petrônio. Associativismo negro. In: Schwarcz, Lilia & Gomes, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 113-119.

FENELON, Déa Ribeiro. O papel da história oral na historiografia moderna. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã/Universidade de São Paulo, 1996.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. In: CARDOSO, Fernando Henrique (Org.). *Corpo e alma do Brasil*. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1972.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Institucionalização e expansão da história oral: dez anos de IOHA*. História Oral, v. 10, n. 1, p. 131-147, jan.-jun. 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil*. História Oral, 1, 1998, p. 19-30 Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/516.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/516.pdf) Acesso em: jul. 2021.

FIGUEIREDO, Antônio Marcus Lima. *De Ilhéus para o mundo: o discurso sobre o patrimônio histórico de Ilhéus em sites de turismo*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz/ Universidade Federal da Bahia. Ilheus/BA, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: procedimentos e possibilidades*. 2ª ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

176 p.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. A nova ‘Velha’ República: um pouco de história e historiografia. In: *Revista Tempo-UFF*, Niterói, 2009.

GONZALEZ, Lélia. . 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar.

GOODMAN, L. A. *Snowball sampling*. *The annals of Mathematical Statistics*. V32, 1961. P.148 – 170 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2237615> Acessado em: jul. 2021.

GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: *A identidade cultural na pósmodernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues dos Santos. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. In: *III Simpósio Nacional Discursivo, Identidade e Sociedade: dilemas e desafios na contemporaneidade*. Campinas, 2012. Disponível em: [SOBRE ESCRAVOS E ESCRAVIZADOS: PERCURSOS DISCURSIVOS DA CONQUISTA DA LIBERDADE \(unicamp.br\)](https://www.unicamp.br/unicamp/handle/document/34444) Acessado em: jan. de 2022.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento geral do Brasil 1872*. Rio de Janeiro, 1872. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento do Brasil 1872/Imperio%20do%20Brasil%201872.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento%20do%20Brasil%201872.pdf). Acesso em: 30 out. 2020.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KELLEY, Robert. 1978. Public History, Nature and Prospects. In: *The Public Historian*, v.1, n.1, 1976

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM - LABHOI. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/>. Acesso em: jul. 2021.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1999. 344 p.

LISBOA, Edson de Castro. Café e escravidão em Nova Friburgo no século XIX. ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 79-105.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. 2ª ed. São Paulo: Paulus. 2010.

LISBOA, Edson de Castro; MAYER, Jorge Miguel. *Os crimes da fazenda Ponte de Tábuas. Um estudo sobre escravidão em Nova Friburgo no século XIX*. Nova Friburgo: Marca Gráfica e Editora, 2008.

LOBOSCO, Márcia de Souza Silva Lengruber. *Trajetórias de professoras negras no município de Nova Friburgo: narrativas e memórias*. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2015. Disponível em: [http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/43\\_Marcia%20de%20Souza%20Silva%20Lengruber%20Lobosco.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/43_Marcia%20de%20Souza%20Silva%20Lengruber%20Lobosco.pdf). Acessado em: 15 jul. de 2021.

LOZADA, Gioconda. *Presença negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*. Niterói: EDUFF, 1991.

MAYER, Jorge Miguel. A criação de Nova Friburgo. In: *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003, p. 19-45.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Limo. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.

MARRETO, Rodrigo M. *A Escravidão velada: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX*. 2014. Dissertação (mestrado em história social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. *História oral como fonte: problemas e métodos*. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/issue/view/337/showToc>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MATTOS, Hebe Maria. Os Combates da Memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros. *Tempo*, vol.3, nº 6. Universidade Federal Fluminense. 1998.

MAUAD, Ana Maria. *Usos do passado e História pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017)*. *Historia Crítica* n. ° 68 (2018): 27-45, <https://doi.org/10.7440/histcrit68.2018.02>

MICHEL, Johann Podemos falar de uma política de esquecimento? In Revista Memória em Rede, Pelotas v2 n3 2010.

MAYER, Jorge Miguel. A criação de Nova Friburgo. In: ARAÚJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel (org.). *Teia serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 19-45.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. *Cartas de Princípios*. 1978.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história a problemática dos lugares. In: *Revista projeto História*, São Paulo, n10, dez 1993.

NOVA FRIBURGO. Lei ° 3.821, de 04 de janeiro de 2010. Dispõe sobre estratégias de



combate ao racismo e de incentivo às ações afirmativas para negros e afro-descendentes no município de nova friburgo, e dá outras providências. Disponível em: [CESPRO - Processamento de Dados | Portais de Legislação Inteligentes! | Nova Friburgo / RJ](#) Acessado em: jan. de 2022.

NOVA FRIBURGO. Lei ° 4.199, de 13 de novembro de 2012. Dispõe sobre o sistema municipal de cultura de seus princípios, objetivos, estrutura, organização, gestão, inter-relações entre os seus componentes, recursos humanos, financiamento, e dá outras providências. Disponível em: [CESPRO - Processamento de Dados | Portais de Legislação Inteligentes! | Nova Friburgo / RJ](#) Acessado em: jan. de 2022.

OLIVEIRA, D. A. de. *Por uma Geografia das relações raciais: o racismo na cidade do Rio de Janeiro*. 2011. 274 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PAGLIARINI JUNIOR, Jorge. Histórias de municípios narradas nos seus sites oficiais: a História Pública e seu potencial para a pesquisa histórica. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 247 - 266. jan./abr. 2017.

PARÉS, Luis Nicolau. *Escravidão, pós-abolição e a política da memória*. Afro-Ásia, 49. 2014, p. 353-364.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *Memória, democracia e educação: reflexões sobre diversidade étnica e história oral*. *História Oral*, v. 16, n. 1, p. 69-84, jan./jun. 2013.

PEREIRA, Marco Antonio. *E do silêncio fez-se a fala: Oralidade e trajetória de vida de mulheres negras da Cidade de Sorocaba*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2014.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. *Turismo Cultural*. Uma visão antropológica. El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. Disponível em: [Microsoft Word - TEXTO V7.doc \(pasosonline.org\)](#) Acessado em: jan de 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricos*. Rio de Janeiro, v 5, n10 p 200-2012. 1992. Disponível em: [memoria e identidadesocial A capraro 2.pdf \(ufpr.br\)](#) Acessado em: fev, 2022.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 15, 1997a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Proj. História*, São Paulo, 1997b. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod\\_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandro%20%E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandro%20%E2%80%93%20O%20que%20faz%20a%20hist%C3%B3ria%20oral%20diferente.pdf). Acessado em: 30 out. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; ALBERTI, Tania Maria Fernandes Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In: *Estudo Avançados* 18 (52), 2004. Disponível em: [a15v18n52.pdf \(scielo.br\)](#) Acesso em: fev, 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO - PMNF. *A Cidade*. Nova Friburgo. Disponível em : [Prefeitura Municipal de Nova Friburgo - RJ \(pmnf.rj.gov.br\)](#) Acesso em: fev. 2022.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita a história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

QUARESMA, Valdete Boni e Silva Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista eletrônica dos pós-graduados em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº1(3), jan.-jul./2005, p.68-80. Disponível em: [18027-Texto do Artigo-56348-1-10-20110215.pdf](#) Acesso em: jul. 2021.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. História Oral Brasileira: trajetória e perspectivas. *Revista de teoria da história*. Ano 3, Número 6, Universidade Federal de Goiás; dez/2011. p. 108-121.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIOS, Ana Maria Lugão; CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROUCHOU, Joëlle. *Entrevista na história oral e no jornalismo*. ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa, 2003. Disponível em: [ENTREVISTA NA HISTÓRIA ORAL E NO JORNALISMO \(anpuh.org\)](https://anpuh.org/entrevista-na-historia-oral-e-no-jornalismo). Acessado em: 14 jul. de 2021

SÁ, Ana Priscila de Sousa. Os guardiões da História Oficial: o IHGB e a Consolidação da Nação. In: *Vozes, Pretérito & Devir*. Ano IV, vol. VII, nº1. 2017. Disponível em: [Os “guardiões da História Oficial”: o IHGB e a consolidação da Nação | Sá | Vozes, Pretérito & Devir: Revista de historia da UESPI](https://vozes.uespi.br/vozes-pretérito-e-devir-2017) Acessado em jan de 2022.

SAMUEL R. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. 2ª ed. Chapecó/SC: Argos, 2010.

SÁNCHEZ, Fernanda. Cultura e renovação urbana: a cidade-mercadoria no espaço global. In: LIMA, E. F. W. e MALEQUE, M. R. (org.). *Espaço e cidade: conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: 7letras. 2ª ed, 2007. P. 25-41.

SANGLARD, Gisele. De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes. In: *Manguinhos: história, ciências, saúde*. Rio de Janeiro. vol. 10(1):173-202, jan.-abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100006> . Acesso em: 5 ago. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 Disponível em: [http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA - Identidade e Diferen%C3%A7a.pdf](http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_-_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf) Acessado em: jan. de 2022

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História – anos 90*, v.27, UFRRS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/344273122\\_Rompendo\\_o\\_isolamento\\_reflexoes](https://www.researchgate.net/publication/344273122_Rompendo_o_isolamento_reflexoes) Acessado em: mar. 2022.

STROLIGO, Conrado Chermut. *Policultura no município de Nova Friburgo, RJ: processo de evolução e relações sociedade natureza*. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2016.

THOMPSON, Paul. Problems of method in oral history. In: *Oral history journal*, Essex, n. 4, p. 5, march, 1972.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 3a Edição, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. A Utilização de Métodos Qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. VII, nº1, p. 1-15, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/op/v7n1/16930.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.

## **ENTREVISTAS**

BOTELHO, Janaína, Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 03 fev. 2022. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

FELÍCIO, Maiara. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 12 ago. 2020. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Jitsi Meet*]

NADER, Raquel. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 26 fev. 2021. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

NEGRA Lu, Luana. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 27 jan. 2021. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

SANTOS, Eliane dos. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 15 fev. 2022. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

SANTOS, Ilma dos. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 15 fev. 2022. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

SILVA, Maria Christina do Nascimento. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 25 mai. 2021. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

SILVA, Thiago Pinto da. Entrevista concedida a Gabriel A. M. do Vabo. Nova Friburgo, 18 jan. 2022. [A entrevista foi feita de forma remota pela plataforma *Stream Yard*]

## ANEXO 1

### INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS NO SITE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO - HISTÓRICO E ATUALIDADES\*

*\*Textos publicados em 22 de outubro de 2014 e extraídos para esse anexo em 16 de janeiro de 2022.*

#### **A Cidade / Histórico**

O local que hoje constitui o município de Nova Friburgo se estabeleceu em uma área indígena conhecida nos tempos do império como “sertão ocupado por várias nações dos índios brabos”. Os primeiros habitantes nativos da região eram povos das tribos Puri, Puri-Coroado e Guayacaz, que viviam em cabanas simples nas margens dos rios.

Os primeiros europeus que chegaram à região foram os portugueses, atraídos pelo cultivo do café, que se expandiu a partir de Cantagalo. Junto com eles, vieram os escravos africanos, que trabalhavam na lavoura e nos serviços caseiros. No atual distrito de Lumiar, em Benfica, e em São Pedro da Serra, há evidências culturais de quilombos formados por negros e suas famílias, foragidos das fazendas de Cantagalo e da Baixada Fluminense.

Em 1818, o Rei D. João VI, interessado em intensificar a colonização do interior do Brasil, baixou um decreto que autorizava o agente do Cantão de Friburgo, na Suíça, a estabelecer uma colônia de cem famílias na Fazenda do Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo, no norte do Estado do Rio de Janeiro. A sede da colônia recém formada recebe o nome de Nova Friburgo, em função da procedência dos seus primeiros colonizadores. No final de 1919 e início de 1920, depois de uma longa e penosa viagem em que muitos morreram, os suíços começaram a chegar, depois de serem construídos os edifícios imprescindíveis à vida da colônia.

Após a proclamação da Independência, o governo imperial enviou o major George Antônio Scheffer à Alemanha para contratar mais imigrantes. Em maio de 1824, chegaram a Nova Friburgo 343 alemães protestantes, liderados pelo pastor Frederico Sauerbronn. O contingente que chegou ao município trouxe consigo a novidade do protestantismo para a região e um povoamento maior do que o até então existente. Assim, Nova Friburgo abrigou a primeira comunidade luterana do Brasil e a primeira Igreja Luterana da América Latina. Mais tarde, a região também recebeu imigrantes italianos e sírios, acentuando o progresso da localidade. Além dos portugueses, africanos, suíços, alemães, sírios e italianos, presentes na cidade, outros imigrantes chegavam do Japão, Espanha, Hungria, Áustria e Líbano. Nova Friburgo tornou-se assim a única cidade do país colonizada por dez nações.

Em 1870, com a inauguração da estrada de ferro Leopoldina Railway, que transportava o café de Cantagalo para o porto do Rio, surgiram estabelecimentos comerciais, hotéis, escolas – o Colégio Anchieta e o Colégio das Dorotheás – e indústrias do ramo da construção civil. Esses empreendimentos se transformaram no centro urbano da região, onde os barões do café tinham propriedades. No final do século 19, Nova Friburgo era o principal produtor de alimentos da região oriental do Vale do Paraíba do

Sul. Em 1890, foi elevada à categoria de cidade.

Nos primeiros anos do século 20 – enquanto na região do entorno desmoronava a economia que havia se sustentado sobre o latifúndio escravista –, Nova Friburgo convivia com o crescimento comercial e urbano: já existiam alfaiatarias, sapatarias e outras oficinas do setor de vestuário e de fabricação de ferramentas, pequenas fábricas de cerveja e café, além de um próspero comércio ambulante. A cidade foi se afirmando também como um pólo de atração para pessoas em busca de melhores oportunidades, devido às condições adversas da vida no campo.

Em 1910, o presidente da República, Dr. Nilo Peçanha, inaugurou na cidade o Sanatório Naval, com a missão inicial de tratar as vítimas de beribéri, tuberculose e outras doenças. O clima frio era favorável para a recuperação dos convalescentes. O imóvel, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico, também foi utilizado como campo de internação para tripulantes de navios alemães, aprisionados pelo governo brasileiro em vários portos durante a Primeira Guerra. A partir de então, a cidade passa a receber diversos visitantes em busca de tratamentos de saúde. Muitos deles, acabaram fixando residência na cidade.

Em 1935, o trem que passava pelas ruas da cidade, ao lado de automóveis e ônibus, ganhou a sua estação de passageiros, no prédio onde atualmente funciona a Prefeitura Municipal. Dois anos depois, a fábrica de Ferragens Hans Gaiser (Haga), em que o nome da empresa são as iniciais do proprietário, se instalou na cidade. Nova Friburgo se transformava em pólo industrial e comercial do Centro-Norte fluminense, atraindo moradores das cidades vizinhas, que enfrentavam um processo de esvaziamento.

Em 1960, o município contava com cerca de 70 mil habitantes. Crescia o êxodo rural: quase 80% da população vivia na área urbana. Ali se instalaram novas fábricas, principalmente no setor metalúrgico. No entanto, mesmo com o crescimento do setor de mecânica e metalurgia, ainda eram as fábricas têxteis (em maior número e poder econômico) que empregavam maior contingente de trabalhadores. Naquela década surgiram as primeiras iniciativas voltadas para o planejamento urbanístico da cidade e promovidas políticas de relações diretas com o governo da Suíça para consolidar a imagem de Nova Friburgo como “a Suíça Brasileira”. Destes contatos, resultaram iniciativas como a construção da Queijaria-Escola, em convênio estabelecido por meio da Associação Fribourg – Nova Friburgo; a produção de vasto material de pesquisa e propaganda sobre as raízes helvéticas do município e o estímulo para que os friburguenses buscassem informações sobre suas árvores genealógicas no Departamento da Pró-Memória da Prefeitura.

No início da década de 1980, o setor têxtil sofre uma forte crise e inúmeras indústrias fecham as suas portas. Deu-se aí, o surgimento de incontáveis micro-empresas atuando na confecção de moda íntima. A princípio, a falência das grandes indústrias poderia representar uma decadência econômica para Nova Friburgo, mas o empreendedorismo daqueles que perderam seus empregos reverteu a situação em favor do desenvolvimento regional.

Hoje, Friburgo é responsável por 25% da produção nacional de lingerie e é conhecida pelo título

de “Capital da Moda Íntima”. O Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região possui cerca de 1000 confecções que geram 20 mil postos de trabalho – 8 mil diretos e 12 mil indiretos. O bairro de Olaria e o Distrito de Conselheiro Paulino concentram, atualmente, um grande número de confecções, depósitos e lojas de moda íntima.

Conselheiro Paulino também é responsável por abrigar o maior número de indústrias do setor metal-mecânico. Ao todo, a produção industrial da cidade representa 41% do Produto Interno Bruto (PIB) friburguense, perdendo apenas para o setor de serviços, segundo dados da Firjan.

Mas a primeira atividade econômica registrada em Nova Friburgo foi a agricultura. Inicialmente praticada por imigrantes, o cultivo de inúmeras variedades de frutas, legumes, verduras e até flores transformou a cidade em referência estadual da agroindústria. Atualmente, Nova Friburgo detém o título de maior produtora de morango, couve-flor e flores de corte do estado, e ainda destacam-se as culturas de tomate, inhame, truta, olericultura e etc no cenário nacional.

A rica história de Nova Friburgo diferencia e define o seu povo. Um traço marcante da cidade é a influência deixada pela colonização, especialmente a européia, que contribuiu com o maior número de colonos, cujos costumes foram incorporados à cultura do povo friburguense. Tais costumes fizeram de nossa gente, um povo empreendedor e determinado que lutou para superar várias adversidades ao longo da sua história e tornou Nova Friburgo uma referência na região centro-norte fluminense.

O Município também se destaca pela tradição turística proporcionada pelo seu clima, belas paisagens e por possuir fortes atrativos como a indústria de lingerie, Queijaria Escola, chocolates artesanais, gastronomia variada e internacional, produtos de beleza derivados de leite de cabra e eucalipto, além da indústria metal mecânica, comércio diversificado, universidades e escolas que reúnem um centro de excelência em ensino. Inclusive, a cidade já deteve o título de segunda maior rede hoteleira do estado. O Carnaval friburguense ainda é considerado o segundo melhor do Rio de Janeiro, com desfile das suas escolas de samba e blocos. Além de atrair muitos turistas pela tranquilidade e segurança.

Atualmente, Nova Friburgo conta com quatro universidades que oferecem diversos cursos. Entre eles, o curso de Gastronomia, que é uma novidade no interior do estado e atrai alunos de diversas partes do país, fortalecendo a vocação de turismo gastronômico da cidade. Os demais cursos encontrados na cidade têm universitários de vários municípios adjacentes.

Todavia, em janeiro de 2011, uma tragédia climática abateu-se sobre a cidade, quando muitas vidas se perderam devido a uma forte enxurrada e vários deslizamentos de terras. O evento ocorrido foi classificado como a maior tragédia climática do Brasil e isso nos dá a dimensão do trabalho de reconstrução que o município tem que encarar para erguer-se novamente e mostrar ao país a força de sua gente.

### **Atualidade**

Nova Friburgo é o maior produtor de truta do estado do Rio de Janeiro. A espécie, que é parente



do salmão, se adapta muito bem ao clima frio e águas cristalinas. Os truticultores da região investem cada vez mais na criação do pescado e muitos já apontam Nova Friburgo como a capital da truta. A produção mensal chega a três toneladas. Nos últimos anos, no mês de novembro, o Nova Friburgo Convention & Visitors Bureau, em parceria com restaurantes, realiza o Festival da Truta. Dezenas de estabelecimentos participam do evento, voltado para o turista.

Outra grande referência de Nova Friburgo é a sua produção de moda íntima. Tanto pela quantidade de confecções quanto pela qualidade dos produtos. O polo de Nova Friburgo conta atualmente com mais de 1,3 mil confecções, que são as responsáveis por 21 mil postos de trabalho diretos e indiretos, e pela produção de aproximadamente 114 milhões de peças por ano. Em Nova Friburgo, é realizada a Feira Brasileira de Moda Íntima, Praia, Fitness e Matéria-Prima (Fevest), uma das maiores da América Latina. O evento apresenta tendências de moda para confeccionistas e compradores e movimentou mais de 40 milhões de reais em 2013.

A cultura da cidade é fortemente influenciada pela colonização europeia. Tanto, que no centro da cidade, um dos principais pontos turísticos é a Praça das Colônias. O local frequentemente recebe eventos relacionados às dez nações que colonizaram Nova Friburgo. Outro traço forte da cultura municipal é a trova, uma modalidade literária de poesia. Em 2014, a União Brasileira dos Trovadores – Subseção Nova Friburgo realizou a 55ª edição dos Jogos Florais. A tradição dos Jogos conferiu à cidade o título de Berço da Trova. Ao falar da cultura friburguense, não podemos esquecer de mencionar as centenárias bandas Euterpe Friburguense, Campesina Friburguense e Euterpe Lumiarense. A primeira, foi fundada em 1863. Sete anos depois, em 1870 veio a Campesina Friburguense. A caçula das sociedades musicais, a Euterpe Lumiarense, data de 1891.

A alta estação turística de Nova Friburgo é o inverno. Com temperaturas baixas, a cidade recebe muitos visitantes em busca de curtir o frio da serra e se deliciar com a gastronomia e também os dois festivais de inverno que integram o calendário de eventos municipal. Entre os meses de julho e agosto, Friburgo é palco do Festival Sesc de Inverno, que está na sua 13ª edição, e do Festival de Inverno de Nova Friburgo, na sua 12ª edição. Enquanto a programação oferecida pelo Sesc inclui música, artes plásticas, cinema, literatura, oficinas e várias formas de arte popular, o outro Festival tem a proposta de oferecer música clássica e erudita de qualidade, como nomes internacionais. A dança também marca presença na cultura de Friburgo. Há 26 anos, a cidade recebe o Encontro Sesc de Dança, que é uma referência do gênero no estado, sempre com artistas de peso no cenário nacional.”

## ANEXO 2

## MATERIAL PUBLICITÁRIO DA SECRETARIA TURISMO DE NOVA FRIBURGO

**Lumiar e São Pedro da Serra**  
Ecoturismo / Gastronomia / Artesanato

Os bucólicos e charmosos distritos de Lumiar e São Pedro da Serra estão localizados a aproximadamente 30Km do centro de Nova Friburgo. Escondidos no meio das montanhas, emoldurados pela Mata Atlântica, caracterizam-se pela simplicidade charmosa de seu artesanato, gastronomia, cervejarias artesanais, boa música, belos rios e cachoeiras, propícios à prática de esportes radicais, e diversas opções de atividades em meio à natureza exuberante.

**Amparo**  
Turismo Rural / Gastronomia / Artesanato

Distrito tranquilo e acolhedor, localizado a apenas 13 Km do centro da cidade, Amparo é considerado pioneiro na plantação de lúpulo no estado do Rio de Janeiro. Destaca-se também pela produção de orgânicos, flores e morangos, além das deliciosas opções gastronômicas, artesanato, produção de cachaça e cerveja artesanal, caminhadas ecológicas e passeios de balneio.

**Telefones úteis:**

Prefeitura Municipal - 22 2525-9100  
Secretaria Municipal de Turismo e Marketing - 22 2522-8051  
Centro de Atendimento ao Turista - 22 2543-6307  
Nova Friburgo Convention & Visitors Bureau - 22 2533-0059  
Terminal Rodoviário Sul - 22 2522-0400  
Terminal Rodoviário Norte - 22 2528-9318  
Autoviação 1001 - 22 2522-4828 ramal 220  
FAOL (Friburgo Auto Ônibus) - 22 2533-9900  
Rota 116 - 22 2525-1116  
Hospital Municipal Raul Serra - 22 2524-2300  
Hospital Unimed - 22 2519-8080  
Polícia Militar - 190 / 22 2525-4590  
Corpo de Bombeiros - 193  
Defesa Civil - 199 / 22 2525-9157  
Procon - 22 2525-9178

**TURISMO**  
Nova Friburgo

**NOVA FRIBURGO**  
PREFEITURA

**Informações:**

Fundação - 16 de maio de 1818  
Altitude - 846m (Centro)  
Extensão Territorial - 935.429Km<sup>2</sup> (IBGE 2019)  
População - 190.084 habitantes (IBGE 2018)  
DDD - 22  
Voltagem - 220v

**Distâncias aproximadas:**

Rio de Janeiro - 130 Km  
Niterói - 125 Km  
Cabo Frio - 138 Km  
Teresópolis - 88 Km  
São Paulo - 536 Km  
Belo Horizonte - 442 Km

**PONTOS TURÍSTICOS:**

**Histórico / Cultural / Artesanato**

- Praça Getúlio Vargas (Centro)
- Catedral São João Batista (Centro)
- Fundação Dom João VI (Centro)
- Praça do Suspiro - Teleférico (Centro)
- Colégio Anchieta (R. General Osório)
- Nova Friburgo Country Clube (Centro)
- Casa do Artesão - Pavilhão das Artes (Cônego)

**Ecoturismo**

- Parque Estadual dos Três Picos (Salinas - Campo do Coelho)
- Parque Ecológico Cão Sentado (Furnas)
- Parque Municipal Juarez Frotté (Cascatinha)
- Pico da Caledônia (Caledônia)
- Cachoeiras do Cascatinha (Cascatinha)

**Gastronomia**

- Polo Gastronômico de Mury
- Restaurantes do Cônego
- Cervejarias artesanais
- Produção de orgânicos
- Piscicultura (truta)

**Compras**

- Polos de Moda Íntima (Ponte da Saudade e Olaria)

**Flores**

- Fazendas de flores de corte (Vargem Alta - São Pedro da Serra)

**Terê-Fri (RJ 130 - estrada Teresópolis-Friburgo)**

- Jardim do Nêgo
- Casa Suíça
- Apiário Amigos da Terra
- Produção de morangos orgânicos

Fundada em 1818, a partir de um Decreto Real de D. João VI, Nova Friburgo foi batizada com inspiração no cantão de Fribourg, na Suíça.

A cidade está no centro do Estado do Rio de Janeiro, a aproximadamente 130Km da capital, na região turística conhecida como Serra Verde Imperial.

Localizada em meio a uma área preservada de Mata Atlântica, a cidade é rica em belezas naturais e culturais, e destaca-se na produção de flores de corte no país.

Nova Friburgo é cenário de diversos eventos culturais, gastronômicos e desportivos. Possui um clima ameno e agradável, belas paisagens, vida cultural, um reconhecido polo de moda íntima, forte produção de cervejas artesanais e saborosa gastronomia cosmopolita, fruto da colonização de diversos países que ajudaram a escrever a história da cidade.

**NOVA FRIBURGO**  
PREFEITURA

NOVA

# F R I B U R G O

UMA  
EXPERIÊNCIA  
INESQUECÍVEL  
AN UNFORGETTABLE EXPERIENCE

COMPARTILHE SEUS MOMENTOS #lindaereal

**CERVEJA ARTESANAL**  
 UM VERDADEIRO POLO NA SERRA CARIOCA  
CRAFT BEER A REFERENCE IN THE HIGHLANDS



**ECO TURISMO**  
 MONTANHAS, CACHOEIRAS E RIOS  
ECOTOURISM MOUNTAINS, WATERFALLS AND RIVERS



**TRUTA**  
 DELICIOSAMENTE LOCAL  
TROUT DELICIOUSLY LOCAL



**FLORES**  
 O MAIOR PRODUTOR DE CORTES DO ESTADO DO RIO  
FLOWERS THE BIGGEST CUT FLOWERS PRODUCER FROM RIO



**ECO TURISMO**  
 MONTANHAS, CACHOEIRAS E RIOS  
ECOTOURISM MOUNTAINS, WATERFALLS AND RIVERS



**MORANGO**  
 DIRETO DO PRODUTOR  
STRAWBERRIES STRAIGHT FROM THE PRODUCERS



**COLÔNIAS**  
 AS INFLUÊNCIAS QUE INSPIRAM A CIDADE  
COLONIES THE INFLUENCES THAT INSPIRED THE CITY



**LINGERIE**  
 A CAPITAL DA MODA INTÍMILA  
LINGERIE THE CAPITAL OF LINGERIE



**CAMINHOS DO IMPÉRIO**  
 UMA VIAGEM HISTÓRICA EMOCIONANTE  
EMPIRE PATHS A HISTORICAL AND EXCITING TRIP




PRODUCED BY  
ACIANF



[www.novafriburgocvb.com.br](http://www.novafriburgocvb.com.br)  
22 2533 0059 | 22 99837 1275

NOVA FRIBURGO | RIO DE JANEIRO | BRASIL

## ANEXO 3

**CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIA ORAL - 1975 A 1993  
(FERREIRA, 2007)**

| <b>Ano</b> | <b>Título do Evento<br/>Localidade - País</b>                                        |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| 1975       | XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas<br>São Francisco - Estados Unidos |
| 1976       | I Conferência Internacional de História Oral<br>Bolonha - Itália                     |
| 1978       | II Conferência Internacional de História Oral<br>Colchester - Inglaterra             |
| 1980       | III Conferência Internacional de História Oral<br>Amsterdã - Holanda                 |
| 1982       | IV Conferência Internacional de História Oral<br>Aix-en-Provence - França            |
| 1985       | V Conferência Internacional de História Oral<br>Barcelona - Espanha                  |
| 1987       | VI Conferência Internacional de História Oral<br>Oxford - Inglaterra                 |
| 1990       | VII Conferência Internacional de História Oral<br>Essen - Alemanha                   |
| 1993       | VIII Conferência Internacional de História Oral<br>Siena - Itália                    |

## ANEXO 4

## DECRETO Nº47, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1983

## Decreto Nº 47 de 11 de Novembro de 1983

930.6  
11 nov-83  
(56)

CONSIDERANDO que o Povo de Nova Friburgo, vem demonstrando, no decorrer dos tempos, o maior carinho e a mais justa simpatia pelos povos cujos filhos colonizaram estas terras e que forjaram a atual Comunidade Friburguense;

CONSIDERANDO que tal amálgama vem se transformando, progressivamente, num fator preponderante de miscigenação racial e social do povo do Município;

CONSIDERANDO que quando os primeiros colonizadores de língua não portuguesa aqui chegaram para fundar esta cidade, já encontraram o elemento negro a mourejar na construção dos alicerces sobre os quais se construiria Nova Friburgo;

CONSIDERANDO que, no decorrer dos tempos, os negros das mais variadas origens, labutaram lado a lado com os demais colonizadores e que a eles, geralmente, foram atribuídas as mais duras, fatigantes, sofridas e espinhosas tarefas de erguimento da grandeza atual do Município;

CONSIDERANDO que, por uma injustificável omissão que agora urge reparar, jamais o elemento negro de nossa Comunidade foi valorizado da forma a que verdadeiramente tem direito;

CONSIDERANDO que o Povo Friburguense deseja redimir-se das injustiças praticadas contra seus irmãos negros no decorrer de sua História;

CONSIDERANDO que grande parte dos friburguenses possui em suas veias maior ou menor parcela de sangue negro e que, assim, os povos africanos passaram a ter, de forma incontestável e irreversível, sua representatividade na formação da Comunidade Friburguense;

## D E C R E T A :

Art. 1º - Fica instituída a Bandeira criada no princípio do século pelo pan-africanista Marcus Garvey como pavilhão representativo dos povos africanos de raça negra, que vêm participando, de forma contínua e estreitada, para a grandeza da Família Friburguense.

Parágrafo Único - A referida bandeira, de acordo com os ideais de seu criador é composta por três faixas horizontais, de igual largura, com as seguintes cores e respectivas representações:

a) Vermelho - o sangue e a vida dos povos negros;

b) Negro - a raça e,

c) Verde - a esperança de dias melhores e a Natureza, com quem a raça negra sempre soube conviver dignamente.

Art. 2º - A Bandeira instituída por este Decreto deverá ser hasteada, a partir do dia 20 de novembro - Dia Universal dos Povos da Raça Negra - colocando-se ao lado e no mesmo nível das demais Bandeiras representativas dos colonizadores de Nova Friburgo, dispostas na panóplia oficial deste Município.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se, publique-se e cumpra-se.

Palácio Barão de Nova Friburgo, 11 de novembro de 1983.

HERÓDOTO BENTO DE MELLO  
Prefeito

## APENSO 1

### BREVE PERFIL DOS ENTREVISTADOS

#### ENTREVISTADOS NEGROS

##### Dissertação e Documentário

- Ilma dos Santos - Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2022
  - Fundadora e atual presidente do Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê
  - Formada em Pedagogia pela UERJ
  - Está aposentada da Rede Estadual de Ensino
  
- Eliane dos Santos - Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2022
  - Coordenadora do Centro Cultural Afro-brasileiro Ysun-Okê
  - Formada em Pedagogia pelo CEDERJ
  - Atua como pedagoga no Colégio Estadual Canada
  - Umbandista
  
- Maiara Felício da Silva – Entrevista realizada em 12 de agosto de 2020.
  - 27 anos.
  - Fundadora do Coletivo Negro Império das Negas
  - Vereadora mais votada em Nova Friburgo nas eleições de 2020 – 1870 votos
  
- Luana dos Santos Freitas de Oliveira / Luana Negra Lu – Entrevista realizada em 27 de janeiro de 2021
  - 33 anos.
  - Coordenadora do Coletivo Negro Lélia González
  - Trabalhadora de uma confecção
  - Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL–NF) – Candidata a vereança em 2020 – 720 votos.
  - Estudante de Psicologia.
  
- Raquel Nader – Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2021.

- 67 anos.
  - Professora de literatura aposentada da Rede Estadual de Educação
  - Escritora
  - Colaboradora no livro de Gioconda Louzada (1991)
- Maria Christina do Nascimento Silva – Entrevista realizada em 25 de maio de 2021
- 59 anos
  - Formada em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia em 1988
  - Professora aposentada de História
  - Após a morte de sua mãe, quando tinha 5 anos, passou a ser criada pelos patrões que eram brancos.

### **Documentário**

- Paulo Cesar Lourenço – Entrevista realizada em 02 de dezembro de 2020
- 62 anos.
  - Professor de Sociologia na Rede Estadual de Educação
  - Membro do Coletivo Negro Lélia González
  - Militante pelo PC do B
  - Dirigente do Sindicato dos Professores
- Carlos Fellipe – Entrevista realizada em 18 de fevereiro de 2021.
- 28 anos
  - Professor de História do Coletivo Negro Império das Negras
  - Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO
- Lilian Barbosa
- 38 anos
  - Membro do Coletivo Lélia Gonzalez
  - Assistente Social
- Ágni Silva de Souza - Entrevista realizada em 27 de abril de 2021
- 42 anos
  - Professor de música - canto lírico

- Regente em grupos de corais da cidade
- Angélica Oliveira Miranda- Entrevista realizada em 22 de maio de 2021
  - 44 anos
  - Trabalhadora do comércio
  - Mãe solteira e moradora de um dos bairros “nobres” da cidade
- Lara Bernardo - Entrevista realizada em 21 de maio de 2021
  - 21 anos
  - Estudante de Ciências Sociais na UENF
  - Foi uma das únicas estudantes negras na escola católica particular que estudou

## ENTREVISTADOS NÃO NEGROS

- Maria Janaina Botelho Correia - Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2022
  - Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) -  
Dissertação: *O cotidiano de Nova Friburgo no final do século XIX: prática e representações sociais*; orientação de Mary del Priori
  - Autora de dois livros: *O cotidiano de Nova Friburgo no final do século XIX: prática e representações sociais* (2008) e *História e memória de Nova Friburgo* (2011)
  - Colaborou por 16 anos do Jornal *A Voz da Serra* na coluna *História e Memória*
  - Atualmente escreve para o *Portal Serra News* e nas redes sociais
- Thiago Pinto da Silva - Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2022
  - Licencia em História pela Faculdade de Filosofia Santa Doroteia - Nova Friburgo
  - Pós Graduação em História Contemporânea do século XX no Instituto de Humanidade da Universidade Cândido Mendes
  - Guia de Turismo em Nova Friburgo



## APENSO 2

### PERSONALIDADES NEGRAS HISTÓRICAS MENCIONADAS PELOS ENTREVISTADOS E NA DOCUMENTAÇÃO PESQUISADA

- **Antônio Pernambuco** - escravizado que liderou a revolta na Fazenda Ponte de Tábuas
- **Otávio Pereira (Otávio do Grito)** - ( ? - 1950) fundador do clube de lazer Grito da Mocidade e também autor e diretor de diversas peças teatrais encenadas exclusivamente por negros no antigo Teatro Leal.
- **Geraldino dos Santos (Pantera Negra)** - Pugilista campeão nacional
- **Sofia de Carvalho Villaça (Dona Sofia)** - proprietária da Casa da Sofia, uma casa de moças-damas na década de 1940
- **Feliciano Benedito Costa** - Prefeito de Nova Friburgo em dois mandatos: 1955/1959 e 1971/1973
- **Nélio dos Santos** - Bancário que fundou o Movimento Social e Cultural do Negro de Nova Friburgo
- **Benedito Faustino de Oliveira** - Primeiro negro a hastear a bandeira Pan-africana em 1983.
- **Humberto José dos Santos Damasceno (Humberto da Ambulância)** - Líder comunitário e um dos fundadores da Escola de Samba Imperatriz. É tido como um dos responsáveis pela implementação do tratamento de pacientes fora do domicílio.
- **Maestro Presciliano José da Silva** - Primeiro maestro da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, fundada em 1870
- **José Monteiro** - professor no distrito de Amparo

### LUGARES DE MEMÓRIA DOS NEGROS MENCIONADOS PELOS ENTREVISTADOS E NA DOCUMENTAÇÃO PESQUISADA

- **Praça Marcílio Dias** - Antigo Largo do Pelourinho
- **Porão da Antiga Residência do Barão de Nova Friburgo** - Atual Fundação Dom João VI - Local onde ficavam os escravizados
- **Praça do Suspiro** - Antiga Praça 13 de Maio
- **Porão do extinto Hotel Montanus** - antes da intervenção que preservou apenas sua fachada havia nos porões instrumentos de tortura de escravizados.
- **Distrito de Amparo** - citado como um dos primeiros locais a libertar os escravizados.
- **Quilombo em Lumiar**

- **Residência do ex-prefeito Feliciano Costa** - Rua Monte Líbano.
- **Rua das Viúvas:** Rua onde residiam mulheres viúvas de marinheiros negros que haviam vindo para o Sanatório Naval se tratar de tuberculose, mas que acabaram falecendo.
- **Fazenda dos Escravos** - Riograndina
- **Fazenda Ponte de Tábuas** - Conselheiro Paulino
- **Rua Otávio Pereira Junior** - Perissé
- **Caminho dos Escravos** - São Lourenço x Cachoeiras de Macacu